

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BIANCA AMORIM

As presenças de mulheres negras na Imprensa Negra Paulistana (1907-1929)

São Paulo
2022

BIANCA AMORIM

As presenças de mulheres negras na Imprensa Negra Paulistana (1907-1929)

Versão Original

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Cultura, Filosofia e História da Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Luiza Jesus da Costa.

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos
pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Ap Amorim, Bianca
As presenças de mulheres negras na Imprensa Negra
Paulistana (1907-1929) / Bianca Amorim;
orientadora Ana Luiza Jesus da Costa. -- São Paulo,
2022.
94 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Cultura, Filosofia e História da Educação) --
Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,
2022.

1. história da educação. 2. história da educação do
negro. 3. história da imprensa. 4. imprensa negra
paulistana. 5. mulheres negras. I. Jesus da Costa,
Ana Luiza, orient. II. Título.

AMORIM, Bianca. **As presenças de mulheres negras na Imprensa Negra Paulistana (1907-1929)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____

Julgamento _____

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Ana Luiza, pela confiança e parceria ao longo de todos esses anos, desde aquele projeto de IC que começou em 2015, e o longo percurso que culminou nesta dissertação.

Agradeço (muito) à Carla-ET-Bilu-Morango-da-ANPOCS por todo o apoio, sem o qual esse trabalho não existiria. Minha gratidão não cabe em palavras.

Agradeço à Christy, pela amizade e afeto, à dona Kátia e seu Marcos, seus pais, por todo o apoio e acolhimento nesta aventura de morar sozinha longe da família.

Agradeço à Gorda, ao Tio e às Tias, por todo amor, carinho e cuidado.

Eterna gratidão aos amigos que estão sempre deixando meu coração quentinho: Lucas, Pri e Caio, Dani, Léo, Wino, Aizono, Raíssa, Steh. Gratidão também aos amigos e amigas da Gangue do Pinyin e Cats hot, nossos grupos de whatsapp com nomes peculiares.

Agradeço à Denise Synthes, psicóloga, que me ajudou nos momentos mais difíceis, e ao Dr. Ariel Bogochvol e à Tilda, meu psiquiatra e sua secretária, por todo o apoio no longo percurso que é o tratamento de uma ansiedade, uma depressão e um TDAH com diagnóstico tardio.

E agradeço também, pela fofura de cada dia, minhas duas bolas de pelos: Açai e Tapioca que, espero, não vão ler isso aqui (embora destranquem portas).

Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro e, conforme manda o protocolo: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

Resumo

AMORIM, Bianca. **As presenças de mulheres negras na Imprensa Negra Paulistana (1907-1929)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

No início do século XX, uma prolífica imprensa produzida por e para negros circulava na capital paulista, e muitos desses jornais levavam como bandeira a "união" e "elevação" da "classe dos homens de côr". Como instrumento para tanto, buscavam combater os discursos racistas sem termos de confronto, educando o comportamento de homens e mulheres negros e prescrevendo as condutas que consideravam adequadas, tentando negociar com a mentalidade e discursos racistas operantes no início do século que realizavam o juízo de todo um grupo pelo comportamento de um único indivíduo. Portanto, o comportamento de todos deveria ser irrepreensível — especialmente os das mulheres negras que, para os autores dos periódicos, deveriam se adequar aos modelos idealizados de comportamento feminino como esposa, mãe e educadora.

Nesta dissertação, analiso as contradições entre os discursos masculinos exortativos sobre mulheres; a própria figura que os jornais desenhavam sobre essas mulheres em suas colunas de crítica de comportamento; e os discursos produzidos pelas próprias mulheres na forma de textos enviados como contribuições aos jornais. Enquanto os redatores defendiam que as mulheres se educassem para cumprirem o papel de educadoras dos filhos, elas aparecem também como organizadoras de sociedades recreativas e, como já dito, autoras.

Assim, "como a Imprensa Negra atuava na construção de um papel de gênero perpassado pelas tensões de raça?" e "qual o peso que era atribuído aos papéis de gênero na construção da identidade racial no início do século XX?" são algumas das questões que busco responder; também analiso se as mulheres se resignavam ao papel que a elas era imposto ou atuavam de forma diversa, qual era e como esta atuação era retratada pelos jornais, que tinham como papel primário criar uma consciência racial e educar os leitores para adotarem uma postura respeitável.

Palavras-chave: história da educação, história da educação do negro, história da imprensa, imprensa negra paulistana; mulheres negras.

Abstract

AMORIM, Bianca. **The presences of Black Women in the Black Press in São Paulo City (1907-1929)**. 2022. Thesis (Master of Arts) - Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

In the beginning of the 20th century, a prolific press produced by and for Black people circulated in the capital city of São Paulo, and many of these newspapers defended as a cause the "union" and "elevation" of the "class of colored men". As an instrument to do so, they sought to combat racist discourses without confrontation, educating the behavior of Black men and women and prescribing the behaviors they considered appropriate, as a means to negotiate with the racist mentality and discourses that held the judgment of every person in a social group by the behavior of a single individual. Therefore, each and every individual behavior should be irreproachable—especially those of Black women who, for the newspaper authors, should conform to the idealized model of female behavior as wife, mother, and educator.

In this work, I analyze the contradictions between the exhortative masculine discourses about women; the very figure that the newspapers drew about these women in their behavioral criticism columns; and the speeches produced by the women themselves in the form of texts sent to the newspapers. While the male writers defended that women educate themselves to fulfill the role of educators of their children, women also appear as organizers of recreational societies and, as already mentioned, authors.

Thus, "how did the Black Press act in the construction of a gender role permeated by racial tensions?" and "what weight was assigned to gender roles in the construction of racial identity in the early 20th century?" are some of the questions I seek to answer; I also analyze whether women resigned themselves to the role imposed onto them or acted differently, what it was and how this role was portrayed by newspapers, whose primary role was to create racial awareness and educate readers to adopt a respectable stance.

Keywords: history of education, history of Black people's education, history of the press, Black Press in São Paulo, Black women.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Fontes da Imprensa Negra.....	14
Tabela 2 - Termos de identificação racial utilizados pelos periódicos.....	36

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	V
Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Lista de Tabelas.....	VIII
Introdução.....	10
1 O Percurso dos Termos de Auto-Identificação.....	22
1.1 A percepção do preconceito.....	24
1.2 Preto, pretinha, morena, mulatinha.....	32
2 O Comportamento Feminino Idealizado.....	38
2.1 A conformação do papel da mulher.....	41
2.2 A Beleza Feminina.....	58
3 A Atuação Feminina.....	65
3.1 Mulheres Escritoras.....	66
3.2 Mulheres organizadas: os núcleos de damas e grupos femininos.....	79
Considerações Finais.....	87
Fontes.....	89
Periódicos.....	89
Estatutos.....	89
Referências Bibliográficas.....	90

Introdução

Este trabalho possui uma longa trajetória e, como parte desta caminhada, recebeu muitos ajustes e reajustes. Começou a ser pensado na segunda metade de 2015, no Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo, como parte integrante do projeto de pesquisa *O educar-se das classes populares: escolarização e experiência em São Paulo entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX*, que ainda se encontra em atividade, e cujo objetivo é investigar as diversas formas de educação não estritamente escolar promovidas por grupos de trabalhadores em São Paulo, e as visões sobre educação presentes nesses mesmos grupos ao longo do recorte temporal proposto em seu título.

Quando me juntei ao projeto, Ana Luiza — supervisora do projeto e orientadora que me acompanha desde então — sugeriu alguns recortes temáticos e algumas fontes relacionadas a esses recortes. Optei, naquele momento, por pesquisar o que seria o recorte étnico em fontes da imprensa, movida por uma curiosidade devida às próprias lacunas em minha formação. As fontes escolhidas pertenciam à imprensa produzida por e para negros que circulou em São Paulo no início da República. Claro, esta curiosidade apenas existe em um contexto em que os debates acerca das mais diversas questões raciais estão se intensificando nas últimas décadas, com as políticas de ações afirmativas, a promulgação da lei 10.639/03 e as redes sociais como amplificadoras das discussões. Assim, o interesse se formula por um contraste entre um debate aquecido e pertinente na sociedade e essas ausências, que nos motivam a buscar satisfazer os anseios intelectuais além do que nos é formalmente apresentado.

Além disso, a proposta de abordar formas educativas não-escolares e experiências auto-educativas de grupos sociais dentro da História da Educação, destacando o protagonismo dos sujeitos dos próprios grupos em seu fazer-se foi um ponto essencial para meu interesse inicial pelo projeto de pesquisa, e precedeu o recorte racial. Mesmo que o recorte de classe tenha se diluído ao longo do desenvolvimento da pesquisa para dar lugar a novos recortes e novas intersecções, como as relações de gênero, seu embrião relaciona-se aos movimentos da história social que compreendem a pluralidade e complexidade constitutivas do que se entende por classes trabalhadoras.

A questão do trabalho e da educação profissional são temas bastante caros aos autores dos periódicos aqui analisados: embora nem sempre sejam abordados de maneira tão explícita, muitas vezes o apreço pelo trabalho ou a desvalorização de certas funções serve como pano de fundo para a forma como os autores se referem a determinados sujeitos em suas produções

textuais. Esta percepção, baseada na análise das fontes, faz com que discorde da colocação que os autores e editores da Imprensa Negra paulista não poderiam ser considerados parte da classe trabalhadora pois, por serem alfabetizados e atuarem principalmente em setores de serviço constituiriam uma espécie de "elite negra"¹. Entendo o argumento de que estes redatores constituíram uma pequena parcela que ocuparam cargos de melhor remuneração, e que podem não representar toda a população negra urbana, especialmente em sua parcela mais pobre — e esta é uma limitação deste trabalho. Contudo, mesmo as posições consideradas de uma "elite negra" não eram ocupadas sem conflitos: pelo contrário, como afirma Paulina Alberto e como demonstram os entrevistados de Virgínia Leone Bicudo, a oportunidade de ascensão social vivenciada por essa parcela da população foi fundamental para o surgimento de uma imprensa voltada para as questões raciais, pois quanto mais essa parcela da população “se aproximavam da classe média-baixa da cidade, mais sentiam de forma acentuada a natureza especificamente racial de sua exclusão”². E, mesmo quando se ocupavam de cargos que podem ser considerados de classe média,

esses homens estavam constantemente negociando suposições sobre seu próprio caráter que refletiam os preconceitos mais amplos contra os negros. [...] Mesmo fora do local de trabalho, os homens da pequena elite negra tinham que se preocupar com a maneira de se portarem diante dos poderosos padrões brancos, dos quais muitos dependiam em termos de favores, empregos ou apoio financeiro.³

Desta forma, não encontramos nenhuma "elite negra" compondo esses jornais, mas sim sujeitos que dependiam da venda da própria força de trabalho para sua subsistência. Mesmo que tal trabalho não corresponda aos setores produtores de mais-valia⁴, aos quais se atribui maior peso ao pensar a constituição da classe trabalhadora, os sujeitos que produzem os periódicos aqui estudados estão mais próximos dos trabalhadores das classes mais baixas do que de formar efetivamente uma *elite*.

Por sua vez, o conjunto de fontes explorado neste trabalho, parte da denominada Imprensa Negra paulista, já foi, e continua sendo, abordado em diversos trabalhos

¹ Embora tenha me deparado com essa crítica diversas vezes e de diferentes modos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, em nenhum momento os críticos foram tão gentis a ponto de me apresentar a fundamentação desta crítica. Até mesmo Bastide, em seu texto sobre a Imprensa Negra, já se posiciona criticando o argumento de colegas sociólogos que os jornais não seriam representantes significativos da população negra por serem produzidos por sujeitos de "classe média"; entretanto, não os cita nominalmente. Para mais detalhes, ver: BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. In: *Estudos Afro-Brasileiros*, Perspectiva, São Paulo, 1973, pp. 129-30.

² ALBERTO, Paulina. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas: Editora Unicamp, 2017, p. 48.

³ Idem, p. 55.

⁴ ANTUNES, Ricardo. A Classe-que-vive-do-trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje. In: *Os sentidos do trabalho*. Boitempo, São Paulo, [1999]2009, pp. 101-118.

historiográficos ao longo das últimas décadas. Entretanto, ainda há muito a ser explorado na análise desses documentos, ou mesmo ainda séries inteiras por serem analisadas que têm escapado ao escrutínio dos pesquisadores. Para nossa abordagem, no campo da História da Educação, uma dessas contribuições possíveis é refletir o papel desta imprensa na autoformação dos sujeitos que a promovem e entre aqueles que ela circula, ou mesmo da sociedade como um todo, uma vez que participa da constituição de um grupo social, que se coloca e interage na própria sociedade a partir das concepções, visões de mundo e anseios cujas articulações passam por estes periódicos.

Inicialmente este trabalho se organizou entre os anos 1889 e 1930; contudo, ao longo de seu desenvolvimento, me vi na posição de repensar as balizas temporais empregadas, tanto por razões materiais quanto acadêmicas. A razão material para a revisão do recorte estabelecido durante a execução deste trabalho foi a pandemia do novo coronavírus, que se abateu sobre o mundo todo, a partir do final do ano de 2019, e não parece que terá seu fim até a conclusão desta dissertação. O período de produção das fontes analisadas se estenderia dos anos 1889 a 1929; contudo, ao me ver impossibilitada de me deslocar até o Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, onde buscava pela edição de *Progresso*, de 1899, precisei restringir meu olhar para o século XX e para aqueles materiais mais próximos, ou disponíveis virtualmente.

A essa mudança de cunho prático, devemos uma dúvida e uma afirmação. A dúvida é se, já no século XIX, na folha *Progresso*, haveria a menção a figuras femininas pelos jornalistas. A afirmação é que o recorte estabelecido torna-se orgânico às fontes, iniciando com o jornal que é o primeiro por nós conhecido a mencionar mulheres na Imprensa Negra e, também, o primeiro título que encontramos desta imprensa que foi produzido e circulou na capital paulista no século XX.

Por outro lado, o ano final do recorte, 1929, se deve mais ao contexto histórico em que são produzidas, pois:

Na década de 1930, sob um regime nacionalista, os intelectuais brancos e negros ajudaram a tornar a ideia do Brasil como uma nação orgulhosamente misturada racial e culturalmente o ponto central de novas definições da identidade nacional. [...]

[...] Invertendo as aspirações das elites republicanas por um Brasil branqueado e europeizado, o nacionalismo e as políticas culturais de Vargas elogiavam os brasileiros negros como membros essenciais da nação[...]. Intelectuais negros em todo o Brasil nesse período, aproveitando o fato de haverem passado a ser considerados cidadãos plenos, exigiam uma compensação pela exclusão real e simbólica do que tinham sofrido durante os regimes anteriores, ao mesmo

tempo em que propunham suas próprias interpretações regionalmente específicas do que significava ser afro-brasileiro.⁵

As mudanças na Imprensa Negra não ocorrem apenas da forma como Alberto nos permite entrever, mas também de maneira prática: na década de 1930 se inicia uma prolífica produção de jornais da Imprensa Negra, com periodicidade mais regular, por serem ligados à entidades de maior estabilidade financeira e com participação mais engajada de seu público. A complexidade das questões abordadas pelos periódicos se amplia e se aprofunda, e o aparecimento de novas lideranças, suas relações com as lideranças já existentes, suas convicções e contradições, e sua relação com as questões mais amplas no cenário nacional, em constante mudança e ebulição na década de 1930 prolongariam o trabalho de análise para além das possibilidades a serem encaixadas no intervalo de tempo de um mestrado.

Para a composição deste *corpus*, recorri a diferentes arquivos, como é possível verificar na Tabela 1. A busca se iniciou pelo acervo da Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP), cujos títulos interessantes a este trabalho se encontram digitalizados. Ao longo dos contatos com a historiografia especializada e com o diálogo entre os próprios periódicos, expandi a busca para abranger outros títulos não disponíveis no arquivo paulista, passando a incluir periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN) e os acervos de Imprensa Negra do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Desta forma, as fontes da Imprensa Negra paulistana selecionadas e consultadas foram as seguintes:

Periódico	Primeira edição encontrada	Data	Última edição encontrada⁶	Data	Total⁷	Repositório
O Propugnador	2	06/10/1907	2	06/10/1907	1	AESP
Menelik	1	17/10/1915	14	17/02/1917	4	BN
A Rua	3	24/02/1916	3	24/02/1916	1	BN e IEB
O Xauter	2	16/05/1916	2	16/05/1916	1	BN
O Bandeirante	2	08/01/1918	4	04/01/1919	3	BN e AESP

⁵ ALBERTO, *Termos...*, p. 24.

⁶ Com exceção d'*O Clarim da Alvorada*, cuja série possui edições para além do limite temporal estabelecido no recorte, todas as demais séries se encerram antes ou em 1929. Assim, como para a maioria dos títulos a última edição encontrada coincide com a última edição analisada, optei por intitular esta coluna por um atributo comum à maior parte dos periódicos.

⁷ A coluna **Total** se refere ao total de exemplares preservados encontrados durante a consulta.

O Alfinete	2	03/09/1918	77	1921	9	BN e AESP
A Liberdade	1	14/07/1919	18	31/10/1920	13	BN e AESP
A Sentinella	1	10/10/1920	1	10/10/1920	1	BN e IEB
Kosmos	3	08/1922	30	25/01/1925	21	BN
Clarim d'Alvorada	1	06/01/1924	22 ⁸	24/11/1929	54	IEB
Elite	2	20/01/1924	4	02/03/1924	3	BN e IEB
Auriverde	2	08/04/1928	6	13/05/1928	4	BN, IEB e AESP
O Progresso	1	23/06/1928	19	12/1929	18	IEB

Tabela 1 - Fontes da Imprensa Negra

Como é possível notar pela coluna denominada **Total**, nem sempre o número da última edição corresponde com a quantidade de edições encontradas durante a consulta aos acervos. Destaco a situação dos jornais *O Alfinete* e *Menelik*: *O Alfinete*, cuja última edição preservada é a 77, chega aos dias atuais em apenas nove exemplares, nem todos eles inteiros; o *Menelik* possui o número 14 como a última edição preservada, mas apenas quatro exemplares alcançaram o presente. Mesmo jornais relacionados à sociedades de prestígio⁹ no meio negro¹⁰, como *Liberdade* e *O Kosmos*, possuem irregularidades na preservação das séries, por vezes não apresentando continuidade entre as edições.

Estas lacunas apontam para duas reflexões. A primeira é que não se pode considerar o último número como o derradeiro destes títulos — teriam esses jornais sobrevivido por mais algumas edições além das que um leitor cuidadoso achou por bem guardar? Não foi possível responder a essa questão, mas é necessário levá-la em conta ao longo da leitura crítica dos jornais. A segunda reflexão é que, apesar das dificuldades enfrentadas pelos realizadores dos jornais para sua publicação¹¹, alguns desses títulos conquistaram relevância o suficiente entre

⁸ A partir da edição de 5 de fevereiro de 1928, o periódico inicia sua “segunda fase”, passando a sair com nova numeração, por este motivo, o número da última edição é menor que o total de exemplares encontrados.

⁹ DOMINGUES, Petrônio. Os clubes e bailes *blacks* de São Paulo no pós-abolição: notas de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*. Fortaleza: ANPUH, 2009.

¹⁰ Aqui, adoto o termo “meio negro” ou “comunidade negra” conforme utilizados por Correia Leite em seu depoimento ao escritor Cuti. Para mais detalhes, ver: LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva]. *...E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

¹¹ BASTIDE, *apud* FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986, pp. 38-9.

seu público, e possivelmente contaram com apoio material *suficiente* para viabilizar sua produção periódica, possibilitando que circulassem por dezenas de edições durante anos.

Durante o trabalho com as fontes, não pude deixar de notar que as periodizações propostas por alguns autores como ferramenta para o estudo desses periódicos, da forma como foi estabelecida, é insuficiente para abarcar a pluralidade das abordagens possíveis na análise das fontes. Tanto Roger Bastide quanto Miriam Ferrara propuseram dividir a produção da Imprensa Negra em três períodos, embora utilizem diferentes marcos temporais. Para Bastide¹², os períodos consistem em: o primeiro, "que acompanha ou vem em seguida à guerra de 14"¹³; o segundo de 1930 a 1937; e o terceiro, com a retomada da liberdade de imprensa após o Estado Novo, a partir de 1945. Já Miriam Ferrara propõe a divisão da seguinte maneira: o primeiro período de 1915 a 1923; o segundo período de 1924 a 1937; e o terceiro período de 1945 a 1963¹⁴. Ambos os autores caracterizam os jornais do primeiro período como mais preocupados com a vida social, com notas sobre eventos como casamentos, batizados, aniversários, "mexericos", entre outros eventos da vida social. Ferrara descreve os textos reivindicatórios deste período como inexpressivos, e Bastide considera o segundo período "a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política"¹⁵.

A periodização de Miriam Ferrara é, mais tarde, adotada por Sabrina Balsalobre¹⁶, que enfatiza o caráter pedagógico do primeiro período, em oposição ao que seria o caráter político do segundo. Essa definição, além de esvaziar o aspecto político do que é pedagógico, acentua o anacronismo em estabelecer o começo do segundo período para a cidade de São Paulo a partir do início da publicação d'*O Clarim*. Para esta autora, esse jornal teria sido o responsável pela transformação na linha editorial de todos os periódicos publicados naquele momento, sendo um marco inaugural de um segundo período de reivindicações políticas. Contudo, o próprio *O Clarim* inicia sua Segunda Fase, na qual o jornal explicitamente se coloca como mais engajado politicamente, apenas em 1928, quatro anos depois do marco estabelecido pela autora. Além disso, a concepção que a estreia d'*O Clarim* seja um marco inicial de uma nova fase para a Imprensa Negra ignora que a linha editorial deste periódico nos primeiros anos se aproximava mais daquelas da assim denominada primeira fase. A teleologia de tal periodização — que determina um marco temporal baseado em uma característica que ainda

¹² BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. In: Estudos Afro-Brasileiros, Perspectiva, São Paulo, 1973, pp. 131-2.

¹³ Idem.

¹⁴ FERRARA. *A imprensa...* p. 45.

¹⁵ BASTIDE. A Imprensa Negra..., idem.

¹⁶ BALSALOBRE, Sabrina. *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

viria a ser — também ignora as peculiaridades da circulação desta imprensa, na qual as notícias de caráter organizativo são essenciais para abrir espaço para as folhas dentro das entidades. Incorporar o caráter pedagógico/organizativo em seu jornal foi importante para conquistar boa aceitação e para que pudesse circular no meio negro, como afirma Correia Leite:

O jornal O Clarim oferecia notícias para que a gente pudesse ter aceitação no meio das entidades negras. Então eram anunciadas festas, bailes, casamentos... Através desse expediente conseguimos que a entidade distribuísse os jornais.¹⁷

Não é possível considerar, no escopo deste trabalho, que as questões sociais — em especial os “mexericos”¹⁸ que se ocupam do comportamento público de homens e mulheres — sejam menos políticas por seu caráter pedagógico e moralizador. Pelo contrário, quando analisadas em conjunto às demais colunas, estes “mexericos” demonstram um modo dos redatores de se posicionarem ante a discriminação que sofriam, buscando combatê-las com as ferramentas que no momento lhes pareciam adequadas à realidade em que viviam:

Na condição de homens alfabetizados, apesar da escassez de oportunidades na área da educação, eles não estavam sujeitos às exclusões formais de cidadania que se aplicavam à maioria dos afrodescendentes. No entanto, ainda enfrentavam o racismo e a discriminação de várias formas. Eles eram formal ou informalmente impedidos de ocupar uma série de postos de trabalho, não podiam frequentar determinados estabelecimentos públicos ou espaços de lazer, e enfrentavam atitudes discriminatórias nas interações pessoais com os paulistas brancos¹⁹.

Como apontamos anteriormente nesta introdução, os redatores dos jornais estavam bem longe de constituir uma elite, mas formavam um grupo de trabalhadores que precisavam se preocupar com sua imagem ante a opinião de seus patrões brancos dos quais dependiam para sua subsistência. Devido a esta relação de dependência, é compreensível a escolha feita pelos editores e redatores dos jornais dessa época por evitar palavras que pudessem despertar ou acirrar as tensões com o branco: focaram em conquistar a boa vontade e amizade dos brancos pelo bom comportamento e demonstração de domínio do campo letrado. O próprio *Menelik*, em sua apresentação afirma que:

¹⁷ LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva]. *...E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 59.

¹⁸ FERRARA, *A imprensa...*, p. 45.

¹⁹ ALBERTO, *Termos...*, p. 48.

Para conquistar a amizade geral que futuramente esperamos obter, expulsaremos apiedosamente das columnas d'«O Menelik» este vocábulo chamado—combate.

Nunca procuraremos combater embora haja base. Seremos como o humilde servidor que não combate contra a força, usaremos para tal fim o proverbio velho :—o calado vence.²⁰

Os redatores d'*O Menelik* não negam que existe razão para o combate; contudo, dada a complexidade das redes de sociabilidade que conformam sua realidade, os editores optaram por uma posição de evitar conflitos abertos, e de expressar suas reivindicações de outra maneira — negociando, simultaneamente, os termos de constituição de uma identidade alicerçada em termos raciais, e buscando o pleno reconhecimento como brasileiros.²¹ Portanto, é uma estratégia deliberada evitar o choque frontal contra aqueles que percebiam deter mais poder — ou força — na sociedade e, ao invés disso, conquistá-los como aliados. Esta estratégia aponta para a importância do papel educativo destes periódicos, que se dedicaram a educar hábitos e costumes: a concepção de que todo um grupo, ou a “classe dos homens de côr”, seria julgada pelo comportamento de seus representantes individuais é um traço marcante dos jornais. Não por acaso que estes periódicos dedicam seções inteiras às críticas de comportamentos, voltados tanto para os acontecimentos em ambientes de socialização próprios, como nos bailes de sociedades recreativas, quanto em público.

Alguns dos jornais, como é o caso d'*A Sentinella*, poderiam se dedicar inteiramente às fofocas e à regulação do comportamento público; e, no caso deste periódico, os tons das críticas são ainda mais severos quando recaem sobre mulheres. Para os redatores, policiar a imagem e comportamentos públicos das mulheres "da classe" era defender não só a honra e reputação femininas, mas de todo o grupo social.^{22,23} Contudo, mesmo as críticas de comportamento sendo comum a todos os jornais, não eram feitas das mesmas maneiras pelos diferentes títulos:

Com M.D. andar passeando certas horas da noite pela rua Glicerio com certa moça que frequenta ensaios, e elle é casado.²⁴

²⁰ O MENELIK. *Menelik*, ano 1, n. 1, 17 out 1915, p. 1.

²¹ DOMINGUES, Petrônio José. “A redempção de nossa raça”: as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n. 62, p.19-48, 2011, pp.40-1.

²² ALBERTO, *Termos...*, p. 60-1.

²³ Apresento com mais detalhes a questão do comportamento feminino nos jornais no segundo capítulo desta dissertação.

²⁴ NOTAS diversas. *O Alfinete*, ano 1, n. 3, 22 set 1918, p. 3.

Com a Maria Carioca, sabemos que esta negrinha brevemente ficará suspensa de dançar no salão do Glycerio, por ser donzella desordeira e faladeira. Não seja tao escandalosa.²⁵

Os trechos citados foram extraídos dos jornais *O Alfinete* e *A Sentinella*, respectivamente. É possível notar a diferença entre as linhas editoriais dos periódicos já nos comentários que tecem sobre os sujeitos: *O Alfinete* busca corrigir uma postura de alguém que "acham respeitável, mas davam umas escorregadas"²⁶, sem que isso cause prejuízo público à figura a qual desejam que apresente um comportamento adequado, e busca educar seus leitores a respeito das maneiras adequadas de se portar, com o respeito que achavam que os alvos das alfinetadas eram merecedores. Por outro lado, *A Sentinella* não parece ter pudor nenhum em usar termos ofensivos, com a função de corrigir o comportamento da mulher em questão.

Também é possível notar o quanto os espaços dos salões são referências para os redatores dos periódicos: *O Alfinete* se refere a uma moça que frequenta ensaios, enquanto *A Sentinella* fala de uma moça que logo será impedida de frequentar tais ensaios por conta de seu comportamento repreensível. É nesse contexto de sociabilidade que a Imprensa Negra se destaca como educadora, no sentido de prescrever condutas e regular comportamentos. Entretanto, as ações educativas promovidas pelos jornais e pelas associações a eles relacionadas — ou por eles abordadas — não se encerravam aí. Dentre elas, podemos destacar as tentativas do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos em manter uma biblioteca, as próprias atividades dramáticas deste grêmio, e os espaços para produção literária dos leitores nos periódicos.

As atividades dramáticas promovidas pelo Grêmio Kosmos estão sempre descritas, com detalhamento variável, nos jornais *A Liberdade* e *O Kosmos*, organizado pelo próprio Grêmio. Embora ofereçam informações limitadas sobre o conteúdo das peças encenadas, as informações obtidas na análise das fontes demonstram que parte significativa dos roteiros eram escritos por participantes das sociedades recreativas, os quais também contribuía para os jornais, como redatores fixos ou como autores de colaborações ocasionais. Portanto, além de formadoras de público teatral, essas peças funcionariam como forma do negro se fazer representar no palco, por e para seus pares, abordando conflitos e questões de seu cotidiano, as quais não viam representadas de maneira adequada, ou suficiente, no teatro *mainstream*.

A produção literária no meio negro, por sua vez, não se encerra nas produções dramáticas realizadas pelos amadores do Kosmos. O primeiro periódico a aceitar e

²⁵ CRITICA. *A Sentinella*, ano 1, n. 1, 10 out 1920, p. 3-4.

²⁶ LEITE, ...*E disse...*, p. 33.

incentivar contribuições literárias de seus leitores é o *Menelik*, editado por Deocleciano Nascimento, ele mesmo um poeta cujas produções eram frequentemente publicadas na Imprensa Negra, nos diversos periódicos. Assim, as publicações posteriores a 1915, que circularam na capital paulista, não apenas cedem o espaço de suas páginas para as colaborações literárias de seus leitores — poesias, descrições, textos em prosa e folhetins — como também incentivam, ou mesmo cobram aos leitores, que as enviem. Por outro lado, era mais raro que algum desses periódicos oferecessem devolutivas para os autores; os poucos que assim o faziam podem, também, ser caracterizados como espaços formativos do domínio da norma culta da língua e de suas mais variadas expressões literárias:

Snr. Baptista: — Seu soneto não póde ser publicado falta a metrficação, que é o essencial. Um conselho: — Leia o Tratado de metrficação de Olavo Bilac, na parte que trata dos sonetos.²⁷

Esses espaços literários demonstram o cuidado dos editores com as qualidades formais dos textos publicados. O domínio e difusão da norma culta da linguagem era importantíssimo para os mais diversos periódicos e as críticas feitas ao uso da gramática pelos redatores era algo levado bastante a sério, podendo até originar atritos entre os periódicos. Um desses conflitos ocorre entre os redatores d'*O Xauter* e d'*A Rua*, quando a redação d'*O Xauter* dá uma resposta ofensiva ao *A Rua*, em razão de críticas que teriam recebido por causa do uso incorreto da gramática:

Os redactores d'«A Rua», tendo o cerebro fecalisado, recorreram á as propriedades sulphydricas do ventre, para serem originaes entre os seus companheiros. [...]

Impotentes para desfazerem-se das nossas accusações e baseando-se num erro que encontraram a custa de muito rever a gramatica e o dictionario, vem dizendo que não estão incluido na lista de Leonardo da Vinci.²⁸

Infelizmente, há apenas uma edição preservada de ambos os periódicos, o que impossibilita saber qual teria sido o teor do comentário feito pelos redatores d'*A Rua* que ofendeu seus colegas d'*O Xauter*, e tampouco sabemos como se desenvolveu o conflito. Mas, mesmo que a maneira exaltada de se expressar dos redatores d'*O Xauter* ante as críticas seja a exceção, ela nos demonstra a importância dada ao bom domínio da escrita. Este fenômeno caracteriza o que Paulina Alberto define como politização da palavra:

²⁷ GUARDA, Cabo da. *O Alfinete*, ano 1, n. 8, 9 mar 1919.

²⁸ UM REPTRO de honra. *O Xauter*, ano 1, n. 2, 16 mai de 1916.

A escrita tornou-se um ato político fundamental obviamente por servir de veículo de comunicação e organização de estratégias políticas numa República em que o acesso à esfera pública nacional era extremamente restrito. Mas a escrita também tinha um cunho político por sua própria capacidade de provar a aptidão dos homens negros para a cidadania e pela contestação das ideias dominantes sobre sua degradação intelectual. [...] Eles não eram simplesmente alfabetizados, mas letrados.²⁹

A importância dada ao bom domínio da língua também pode ser vista na preocupação de alguns jornais em combater o analfabetismo, e incentivar à leitura e ao estudo. Os editores d'*O Alfinete*, um dos jornais que mais se preocupam com o analfabetismo em seus editoriais, criticam mais de uma vez a "nefasta ignorância" que acomete a população negra, que não se conscientiza de sua "situação moral" e, portanto, não reage e não busca melhores condições de vida:³⁰ para os editores deste periódico, o desconhecimento das letras é algo que torna os sujeitos mais escravos que a própria escravidão. *O Alfinete*, entre os periódicos analisados, é o único que inclui em sua proposta editorial o estímulo ao "cultivo das bellas letras" de seu público e reconhece que os esforços para a alfabetização de seus pares são parte fundamental na busca por igualdade ou, ao menos, melhores condições sociais.³¹

As questões aqui levantadas — a atuação teatral, a produção literária, o comportamento exemplar e a busca pela educação — não eram assuntos exclusivos aos homens. Embora a Imprensa Negra tenha sido um meio cujos líderes e figuras destacadas fossem homens, as mulheres também estavam presentes no universo dos jornais. As mulheres eram o assunto preferido das produções literárias e inspiração dos poetas, mas não só: as críticas de comportamento incidiam sobre suas condutas tanto quanto, senão com maior frequência, do que sobre os homens; editoriais que versavam sobre o papel feminino para a "ascensão da classe" ou concursos de beleza e seus adeptos, que defendiam a importância de valorizar a mulher negra eram formas com as quais essas mulheres eram trazidas para o centro das discussões nos periódicos — mesmo que esta discussão fosse pautada pelos olhares masculinos.

Entretanto, as mulheres não eram apenas assunto dos autores por trás dos jornais. As mulheres também aparecem nos jornais como escritoras e atrizes amadoras, embora, sim, em menor número, e como organizadoras de sociedades recreativas, promovendo seus próprios bailes e ensaios. Nunca foi parte do objetivo deste trabalho resgatar biografias e retratar a trajetória dessas mulheres autoras ou diretoras de associações recreativas na sociedade das

²⁹ ALBERTO, *Termos...*, p. 48.

³⁰ OLIVEIRA. Para os nossos Leitores. *O Alfinete*, ano 1, n. 3, 22 set 1918.

³¹ AOS LEITORES. *O Alfinete*, ano 1, n. 8, 9 mar 1919.

primeiras décadas do século XX — assim, não podemos afirmar o quanto elas atuavam nos bastidores do universo dos jornais. Aqui, me volto para os holofotes das páginas da Imprensa, dos textos assinados por mulheres que passaram pelo crivo de editores homens, mas que ainda assim carregam visões de mundo e da realidade diferentes das idealizadas pelo olhar masculino; também volto meu olhar para as mulheres diretoras de sociedades recreativas, responsáveis por organizar eventos que agradassem a todos, mas que conquistassem em especial aos jornalistas da Imprensa Negra, e como o olhar crítico desses jornalistas enquadraram os eventos e a organização das sociedades femininas em suas páginas.

Assim, este trabalho se organiza da seguinte maneira: no primeiro capítulo, levantamos os termos utilizados pelos autores para se identificarem como grupo, criando uma identificação entre os editores e redatores dos jornais e seus leitores. No segundo capítulo, investigamos a forma como as mulheres e o papel feminino são representados pelos realizadores desses jornais, e também a importância que estes homens davam à beleza das mulheres e ao cultivo da boa aparência. No terceiro, e último, capítulo, abordamos as sociedades recreativas organizadas por mulheres no meio negro, e as contribuições enviadas aos jornais por mulheres escritoras. E, por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre as análises e reflexões realizadas ao longo do trabalho.

1 O Percurso dos Termos de Auto-Identificação

Desde o texto de Bastide, "A Imprensa Negra do Estado de São Paulo", publicado em 1973, o conjunto de jornais produzido por e para negros que circulou entre os séculos XIX e XX tem sido denominado Imprensa Negra. Alguns anos depois, em 1986, Miriam Ferrara publica sua dissertação defendida em 1982, intitulada "A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)", que consolida o nome dado a esse *corpus*. Entretanto, o termo de identificação racial "negro" não era unânime e contínuo como forma de auto-designação pelos autores que escreviam para esses jornais: nas primeiras décadas do século XX é comum encontrar na Imprensa Negra o termo "classe dos homens de côr" para definir o caráter racializado de suas linhas editoriais. Clóvis Moura, em texto de 1988, também usa o termo *imprensa negra* para se referir a este conjunto de jornais, ao qual caracteriza como

Uma imprensa que tem circulação restrita e penetração limitada à comunidade a que se destina irá exercer uma função social, política e *catártica* durante a sua trajetória, mudando de conotação ideológica com a passagem do tempo [...].

[...] A sua tônica é a integração do negro brasileiro (mais negro do que afro-brasileiro) na nossa sociedade como cidadão. E isso deveria acontecer através da cultura e da educação, das boas maneiras, do bom comportamento do negro.³²

O jogo de palavras entre negro brasileiro e afro-brasileiro empregado por Moura aponta para o objetivo dos realizadores desta imprensa de serem reconhecidos como cidadãos brasileiros — e não como estrangeiros em sua própria pátria, como Alberto³³ caracteriza o estatuto social da população negra neste momento do pós-abolição. E não apenas como brasileiros; é possível acompanhar nas diferentes páginas da Imprensa Negra deste período as mudanças nos sentidos atribuídos à própria palavra negro e as formas de auto-identificação empregadas por estes sujeitos. Ou seja, não apenas a conotação ideológica dos jornais se modifica com a passagem do tempo, mas também a conotação dos termos de racialização empregados. A **Tabela 2** mostra a pluralidade de termos racializados usados pelos jornais, tanto para se referir a homens ou ao universal, marcado pela desinência pessoal masculina, quanto para mulheres como para termos no feminino.

O percurso do termo racializado empregado para auto-identificação se alinha com o percurso mais complexo de percepção e elaboração do preconceito e discriminação sofridos

³² MOURA, Clóvis. A imprensa negra em São Paulo. In _____. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988, p. 205-210.

³³ ALBERTO, *Termos...*

pelos negros na sociedade — o racismo. A circulação da Imprensa Negra era limitada, e seu público descrito por Moura como uma comunidade "não apenas oprimida economicamente, mas discriminada pela sua *marca* de cor que os setores deliberantes da sociedade achavam ser estigma e elemento inferiorizador para quem a portasse".³⁴ Entretanto, apesar do público em comum, as linhas editoriais dos jornais não eram unânimes no que se refere ao preconceito de cor e da forma de identificação do grupo: pelo contrário, os realizadores dos jornais divergiam não apenas na questão da existência ou não do preconceito contra o negro, fomentando o debate nas páginas das publicações, como também divergiam quanto à forma mais educada pela qual deveriam se referir a si mesmos e a seus pares:

O leitor deve saber calcular o pesadelo que tem na palavra «despreso» é esta que acabrunha e persegue o infeliz negro, ou pessoa equivaletne a classe; nos sabemos que a palavra negro é empregada como um pouco caso, ao passo que as pessoas educadas, uzam da expressão «morena» o que admitto que seja pronunciada. O preto é despresoado em todos os pontos de vista, mesmo em algumas sociedades que alguns escuros, pensam ser claros; [...] Deixemos de preconceitos de raças iguaes, antes, procuremos chamar ao caminho da honra e do dever os transviados, para que possamos sahir desta utopia em que vivemos, mórmente em um paiz rico e livre como o nosso, onde existe o preconceito é verdade, mas em sua maioria, na propria raça dos azeviches.³⁵

Em um contexto no qual a própria construção da ideia de raça estava em curso, os sujeitos equiparados pelo olhar racializado e vistos a partir do signo da cor³⁶ não se apropriaram de maneira homogênea da identidade racial que lhes era imposta. Pelo contrário,

A raça [...] enquanto categoria biológica transplantada para a vida social, opera na mesma direção: é uma criação, e das mais perversas, mas adquiriu efetividade política e uma forte dimensão afetiva para todos aqueles que experimentam, por seu intermédio, sentimentos desse tipo [de vínculos de pertencimento e identidades à flor da pele]. Mas não tem, por certo, o mesmo significado para todos os envolvidos.³⁷

É possível acompanhar, nas páginas dos periódicos da assim denominada Imprensa Negra, o percurso das interpretações e apropriações que seus realizadores fazem do conceito de raça e, ao mesmo tempo, acompanhar enquanto o grupo social, que viria a se reconhecer no termo *negro* anos mais tarde, constrói uma identidade compartilhada, utilizando os periódicos como uma de suas ferramentas. Entretanto, é importante lembrar ao leitor do caráter

³⁴ MOURA, Clóvis. A imprensa..., p. 204.

³⁵ J.D. Hypocrisia da côr. *A Liberdade*, ano 1, n. 10, 28 dez. 1919.

³⁶ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Apresentação. In: ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 16.

³⁷ J.D. Hypocrisia da côr. *A Liberdade*, ano 1, n. 10, 28 dez. 1919.

histórico dessas transformações e que as mudanças de posição dos realizadores dos periódicos da Imprensa Negra

[...] em relação à ideologia dominante não revela uma contradição em seu pensamento ou em suas simpatias políticas, nem sugerem despertar para o nível mais aguçado de consciência racial em décadas posteriores. Pelo contrário, essa mudança revela as diferentes estratégias que os intelectuais e ativistas negros adotaram para reivindicar o pertencimento pleno a nação em momentos históricos diferentes.³⁸

1.1 A percepção do preconceito

A Imprensa Negra se propunha ser uma incentivadora da união dos "homens de côr", porém as maneiras como cada jornal entendia a identidade dos "homens de côr" e a existência — ou não — de um preconceito associado a esta identidade representavam um dos maiores pontos de desavenças no interior desses jornais. Fosse entre as linhas editoriais de cada periódico, fosse entre os redatores e seus colaboradores, havia espaço para debates sobre os diferentes entendimentos sobre qual seria a situação social dos negros e negras brasileiros e, em especial, os de São Paulo.

Nas primeiras décadas do século XX, o termo preto é utilizado pelo jornal *O Propugnador*, de 1907, para se referir aos negros de São Paulo como indicador de pertencimento, se não a um grupo geral e abstrato, pelo menos ao grupo daqueles envolvidos na produção e consumo dos jornais:

Nestes ultimos mezes, — a imprensa tem noticiado diversos processos por vagabundagem: entre os quaes estão alguns pretos **nossos** conhecidos: precisamos gritar e gritar bem alto *é erro*. Não são e **não somos** vagabundos, nem intruso em nossa patria!...

[...] Ninguem ignora a dificuldade com que luctam principalmente o — preto — para adquirir um empregosinho nesta Capital.³⁹

Em um texto denunciando a dificuldade dos negros encontrarem trabalho e, por isso, serem relacionados à vagabundagem, fica nítido o uso da segunda pessoa do plural para afirmar que os redatores — e deixam claro para que os leitores assim também o façam — se identificam como pretos, e reconhecem a dificuldade pela qual passam seus pares como algo comum aos pretos da capital. Em seguida, os redatores transcrevem um texto do jornal *O*

³⁸ ALBERTO, *Termos...*, p. 31-2.

³⁹ COMEZAINA, *O Propugnador*, n. 2, 1907. Grifos em itálico no original. Grifos meus em negrito.

Baluart, folha publicada na cidade de Campinas⁴⁰, intitulado "A Fusão das sociedades" [sic]. Esta coluna se inicia com os autores se dirigindo à "classe preta" para um pedido de desculpas, e é concluída postulando que "A fusão de todas as sociedades de homens pretos desta cidade, será a aurora duma nova era de felicidade para a nossa classe."⁴¹

Além de defensor da "classe preta" e de sua união ultrapassando os limites da cidade de São Paulo, e de denunciar a dificuldade dos pretos de lá encontrarem trabalho, *O Propugnador* também se coloca na posição de investigar alegados preconceitos de cor, como descreve na coluna "Queixume":

O redactor secretario desta folha, lhano como é, com seu porte franco e maneiras delicada que tanto o ennobrece, chegando ao bosque, ouvindo signal de — *Walsa* — offereceu o braço a uma patricia tambem correcta e desenvolvida, forão ao salão. O civico que serve de porteiro lançou sobre elles um olhar curioso, porem o par foi pasando sem dar satisfação — como fariam os demais dançantes.

O resultado foi satisfatorio; — o par — pretos dançaram..., uma — *Walsa* — bôa e palpitante. Por isso podemos afirmar que esse boato é falso: — não ha distincção de côr e nem a Light concentiria: è sabido que tambem **nós os pretos**, muito temos contribuido e hemos de contribuir para — o progresso sempre crescente desta importante e poderosa Companhia.⁴²

Neste trecho, a redação faz questão de pontuar que os enviados para averiguar a existência ou não de preconceito de cor não possuem aparência ou modos quaisquer, e sim são um rapaz de "porte franco e maneiras delicada" e uma dama que o acompanha é "correcta". Desta forma, apesar de ser um órgão que defende a unidade do grupo, o *Propugnador* acaba estabelecendo clivagens dentro do próprio grupo. Qual seria a necessidade de enfatizar, em uma matéria em que se propõe averiguar a existência ou não de um preconceito de cor, que o redator enviado possuía bom porte e bons modos e a dama que o acompanha seja "correcta"?

Este pequeno adendo no texto representa o que Virgínia Leone Bicudo registraria décadas mais tarde em sua dissertação como um processo de introjeção dos valores dos brancos, no qual homens e mulheres negras tentariam "conseguir características de status superior através [...] do cultivo intelectual e da boa aparência"⁴³. É possível notar também o cuidado com a aparência e com o comportamento público, características que, mais tarde, se

⁴⁰ O *Propugnador* também afirma que o jornal *O Baluarte* era órgão vinculado à Federação Paulista dos Homens Pretos. Durante a pesquisa, encontrei apenas uma edição d'*O Baluarte*, publicada em 1904. Não encontrei maiores informações sobre a Federação citada pelo *Propugnador*, apenas sobre a Federação Paulista dos Homens de Cor, fundada em Campinas em 1910, ou seja, após a publicação deste número.

⁴¹ A FUSÃO das sociedades, *O Propugnador*, idem.

⁴² QUEIXUME, *O Propugnador*, idem. Grifos em itálico no original. Grifos meus em negrito.

⁴³ BICUDO, Virgínia L. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010 [1945], p. 97.

tornariam explícitas nas linhas editoriais dos jornais: combater o preconceito não por confronto aberto, mas contrariando os estereótipos negativos e conquistando a simpatia (ou amizade) dos brancos⁴⁴. Aos frequentadores dos espaços de sociabilidade, em torno dos quais gravitam a pauta dos jornais,

Era imperioso se comportar de acordo com as regras de etiqueta, polidez e boas maneiras e, ao mesmo tempo, [...] livrar-se dos estereótipos negativos tradicionalmente associados ao negro, daí o rigor na apropriação dos códigos de condutas considerados modernos. Não se tratava de embranquecer – como algumas pesquisas vêm sugerindo –, entretanto, sem perder de vista uma identidade diaspórica, espelhar-se no que havia de civilizado naquele momento.

[...] A intenção era antes rejeitar um estilo de vida considerado bárbaro, primitivo e selvagem e, em seu lugar, revelar-se instruído, evoluído, refinado e conectado com as últimas tendências em termos de sofisticação comportamental. Para tanto, não havia receitas ou bulas prévias. Afinal, as identidades raciais não são dadas, fixas e imutáveis, mas, isso sim, construídas dinamicamente, dentro do grupo e na interação com os outros grupos, por meio de elaborações e reelaborações permanentes e conforme o contexto, momento e lugar.

[...] à sua maneira, eles se afirmavam como civilizados, na medida em que demonstravam notável capacidade de criar e manter clubes num ambiente de altivez, elegância e brilho, o que talvez tenha contribuído para redefinir, no pós-abolição, a imagem negativa do negro na sociedade. [...] É importante reforçar essa idéia: em vez de embranquecerem, esses negros queriam adotar os códigos de conduta vistos como civilizados e utilizá-los a seu favor, sem contudo abrirem mão dos sinais diacríticos – o orgulho de ser negro, a valorização de sua história, o culto aos heróis afro-brasileiros —, sinais demarcadores das fronteiras da alteridade.⁴⁵

Após quase uma década de silêncio das fontes, devido à ausência de exemplares que pudessem ser encontrados entre 1907 e 1915, em 1915 é publicada a primeira edição de *O Menelik*⁴⁶, que se identifica como "Orgam mensal, noticioso, literario e critico dedicado aos homens de cor". Ao contrário de seu antecessor *O Propugnador*, que se identificava como pertencente à Sociedade Propugnadora 13 de Maio, um grupo relativamente concreto e delimitado de negros em São Paulo, *O Menelik* já se direcionava a um grupo mais amplo, ao mesmo tempo que de maior abstração: os homens de cor.

O Menelik se refere ao seu público como "classe dedicada"⁴⁷ em sua apresentação, quando discorre sobre sua fundação e a razão para o intervalo de tempo entre esta reunião e a data de publicação de seu primeiro exemplar: o medo da falta de aceitação e os desafios

⁴⁴ ALBERTO, *Termos...*, pp. 55-56.

⁴⁵ DOMINGUES, *Os clubes e bailes blacks...*, pp. 4-5.

⁴⁶ Adoto aqui a grafia com a qual o jornal se apresenta na maioria das edições consultadas: 1, 13 e 14. Já na edição número 3, seu cabeçalho traz a grafia do título como *O Menelick*.

⁴⁷ O MENELIK, *O Menelik*, 1915, n. 1.

materiais. Contudo, ao finalmente ser publicado, o jornal crê que terá um "futuro brilhante, porque contamos com a aprovação geral da «classe dedicada»"⁴⁸. Também explicita como linha editorial a postura que já podemos ver em *O Propugnador*, e que estará presente naqueles jornais publicados a partir de então: "Para conquistar amizade geral que futuramente esperamos obter, expulsaremos apiedosamente das columnas d' «O Menelik» este vocabulo chamado—combate"⁴⁹.

Em 1924, *O Kosmos*, órgão vinculado ao grêmio dramático e recreativo de mesmo nome, publicado entre 1922 e 1925, reproduz em duas partes um texto de Benedicto Florêncio, redator d'*O Getulino*, jornal de Campinas, considerado por Miriam Ferrara como o marco inicial da segunda fase de Imprensa Negra paulista e a passagem desta de sua fase pedagógica à fase política:⁵⁰

Conforme denuncia o popular vespertino, ser *preto* em a nossa famosa capital, constitue um grave crime perante certos elementos, sendo mesmo isso motivo bastante para os representantes da nossa heroica raça serem alli victimas de serio repudio e constantes vexames.⁵¹

Nesta materia os estados Unidos foram sabiamente previdentes, pois quando pensou-se á moda de um sonho, na libertação dos negros foi immediatamente decretada a rigorosa obrigatoriedade da alfabetização do *preto*.⁵²

Um ano antes, o próprio *O Kosmos* apresentou uma crítica ao discurso proferido pelo Dr. Abbot, liderança do Movimento Negro dos EUA, em uma visita a São Paulo:

O thema escolhido foi: **A verdadeira democracia é a brasileira, porque ella repousa sobre os principios estabelecidos pela egualdade humana.**

Commenta José do Patrocínio, filho: Foi infinitamente lisonjeira á intenção do Dr. Abbot, estabelecendo um favoravel confronto entre a sua e a nossa Patria.

[...] Mas as palavras que deviam ser ouvidas pelos pretos do Brasil, não aquellas tão eloquentemente proferidas pelo "leader"; devia[m] ser outras mais verdadeiras. Essa egualdade existe aos pretos daqui — phantastica — puramente phantastica. [...]

Resignada ao desprezo piedoso do branco, que lhe faz crer que a luta de raça não existe entre nós, nunca mais produziu um visconde de Jequitinhonha, nem um Rebouças, nem um Cotegipe, nem um Tobias Barreto.

Infelizmente ha quem esconda a sua origem negra como opprobio Porque?⁵³

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ FERRARA, Miriam. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986, p. 40-45.

⁵¹ FLORÊNCIO, Benedicto. Os pretos em São Paulo, *O Kosmos*, n. 27, 1924. Grifo meu.

⁵² FLORÊNCIO, Benedicto (do Getulino), Os pretos em São Paulo, *O Kosmos*, n. 28, 1924. Grifo meu.

⁵³ PRETO e branco. *O Kosmos*, ano 1, n. 11, 18 abr 1923. Grifo do original.

Portanto, pela comparação dos conteúdos dos textos dos jornais e seus diálogos com questões externas à vida social, é possível perceber que, entre os periódicos, não há divisão entre caráter político e pedagógico. Os jornais assim caracterizados se voltam para apenas uma causa, política: a condição econômica e social do negro na sociedade pós-abolição. A maneira como a questionam é que difere entre si, o que não impede o diálogo entre os jornais mais voltados para a vida social com aqueles cuja linguagem e forma das colunas se aproximem mais do que é considerado reivindicatório e, portanto, mais "político".

Antes d'*O Kosmos* começar a ser publicado, jornais como *O Alfinete* e *O Bandeirante* também traziam debates sobre a questão das desigualdades entre as raças branca e preta — como as chamavam em momentos nos quais o debate racial se tornava mais incisivo contra as diferenças sociais entre pretos e brancos. Nestes momentos, o termo "de cor", mais abstrato, era deixado de lado, preterido em favor do mais concreto "preto", que permite ao leitor visualizar, então, qual exatamente a cor desses sujeitos sobre os quais se debatia a inserção na sociedade e suas condições.

A raça branca opulenta, como é, exercendo seu poderio revoltante, campelle as preta a viver em eterna inferioridade, e esta consciente de sua pequenez permanecem sem ideal, sem objectivo na apathia pecaminiosa de quem nasceu para a servidão para ser automatos, ou um juguete nas mãos de tyranos.⁵⁴

A consciência da desigualdade nas condições sociais de pretos e brancos não implica entretanto em um consenso entre os periódicos que a existência e manutenção de tal desigualdade estava de alguma forma relacionada ao preconceito contra o negro no Brasil, pois sequer concordavam que tal preconceito existia. Em *O Bandeirante*, também em 1918 é publicado um texto comparando a situação do negro nos Estados Unidos e no Brasil: a diferença no tratamento dos pretos em ambos os países seria a prova de que no Brasil, os pretos desfrutavam dos mesmos direitos que os "cidadãos brasileiros":

E' o cumulo do disparate! E' um grave erro, sinão um verdadeiro crime de leza-Patria!
 Pretender estabelecer igual paralelo entre nós e os pretos norte-americanos, é desconhecer unicamente a athmosphera de prevenções, de rancores, de desprezos ede persiguições em que vivem aquelles noss[o]s irmãos na côr; é provar a mais crassa ignorancia sobre o assumpto. [...]
 Onde os lynchamentos e os preconceitos? Si alguem se sentir estribado em argumentos que nos contradigam, que nos dê testemunho então.
 Aqui, o preto é empregado nas Repartições Publicas, é auxiliar de confiança nas casas mais importantes de commercio do Paiz, é servente das mais

⁵⁴ PARA os nosso leitores, *O Alfinete*, ano 1, n. 3, 22 set 1918.

conceituadas casas da aristocracia brasileira, e tem ingresso nas Academias onde o branco estuda, goza dos mesmos direitos e regalias que aquelle e é cidadão brasileiro.⁵⁵

A discordância sobre a existência ou não de um preconceito que se baseasse na racialização dos sujeitos não ocorre apenas *entre* os periódicos: era comum que jornais publicassem textos de autorias diferentes com perspectivas diferentes. *O Alfinete*, alguns anos depois, em 1921, traz um texto que muito tem em comum com aquele publicado pelo *O Bandeirante* em 1918; nele, o autor aponta para a insignificância do preconceito no Brasil, justificado exatamente pela possibilidade de os "homens de côr" frequentarem os mesmos espaços que os brancos:

Quanta differença encontramos nesse nosso Brazil! Aquí existem alguns preconceitos, mas, tal é insignificante, porque vemos muitos homens de côr, frequentando os mesmos Grupos sociaes, Collegios e Escolas Superiores, onde os pretos se hombream com homens brancos. [...] Em todo o caso, vae esta nota com vista aos pretos americanos que negam o preconceito de lá.⁵⁶

Muitas das notas negando o preconceito racial no Brasil comparavam a situação dos negros brasileiros às dos estadunidenses, o que em parte pode ser atribuído ao caráter velado de parcela das discriminações que sofriam nos centros urbanos.⁵⁷ Em um momento de consolidação da identidade nacional e de tensões com os imigrantes europeus, a reafirmação de seu status como *brasileiros*, com pleno acesso aos mesmos direitos e ambientes que o branco — e não qualquer branco, e sim aquele que desfrutava do pleno exercício da cidadania como brasileiro — poderia representar uma estratégia de disputa pela mesma cidadania. Inserida nesse movimento de valorização do elemento nacional ante os estrangeiros, a terminologia para se referir à raça, ou aos indivíduos negros, também atravessa mudanças que apontam para uma definição mais concreta do marcador de diferença sobre o qual a identidade racial é construída. O termo "homens de côr" não cai em desuso, mas passa a ser preterido por outros que definam mais precisamente *qual* a cor dos homens aos quais se dirige: em *O Auriverde*, publicado em 1928, o termo "classe dos homens de côr" é substituído por "classe preta", "irmãos de cor" e até mesmo "patrícios de cor", seguindo a tendência d'*O Clarim d'Alvorada* de se referir aos negros e negras como "patrícios" e "patrícia":

⁵⁵ GRAVE Erro! *O Bandeirante*, ano 1, n. 8, set 1918.

⁵⁶ AZUOS. Reparando. *O Alfinete*, ano 4, n.77, 1921.

⁵⁷ Karl Monsma demonstra que a relação entre negros e brancos no interior paulista, por sua vez, era permeada por formas de violência além daquelas experimentadas nos centros urbanos, incluindo a prática de linchamentos que se assemelhavam aos praticados nos EUA. Ver MONSMA, Karl, Linchamentos raciais no pós-abolição: alguns casos excepcionais do Oeste paulista. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). Políticas da Raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014.

Ficamos satisfeitos, em ver a grande aceitação que obteve a nossa minúscula folha, por parte dos que nos honraram em a ler; pois, já contamos com um número elevado de leitores, que nos apoiaram, entusiasmadamente, encorajando-nos a sustentar o nosso ideal de mantel-a, sempre com o intuito de visar os interesses da *classe preta*.⁵⁸

Em 1928, momento que Bastide, Ferrara e Balsalobre⁵⁹ consideram ser de reivindicação política e de predominância das pautas sobre a questão racial, ainda encontramos discordâncias sobre a existência do preconceito contra os negros. Em *O Auriverde*, tal questionamento é presença constante nas páginas das edições e, ao contrário de muitos periódicos que abriam espaço para a divergência de opiniões, não há, neste jornal, editoriais ou colunas discordando de sua posição que afirmava a inexistência do racismo no Brasil:

Ha muitos pretos que afirmam a existencia de um pequeno preconceito em nossa terra!

Não é verdade, meus patricios de cor. Existem uns incurtos e invejosos que sempre procuram obstruir á ascensão de alguns dos nossos de cor, em beneficio dos seus candudatos Isso sempre acontece e tem de acontecer com todas as classes ou pessoas que procuram o bem estar para seus dias.

E' porisso meus irmãos, que eu digo não existir preconceito; só há incurtos e invejosos. Tenho observado do meu canto, que por todas as partes vejo irmãos de cor, prestando sua actividade profissional e intellectual para a grandesa da nossa industria e progresso do nosso glorioso Estado de São Paulo.⁶⁰

O Auriverde não era o único a apresentar textos que questionavam a existência de um preconceito de raça. O próprio *O Clarim d'Alvorada*, conhecido por sua atuação militante, também em 1928, já em sua segunda fase editorial, na qual se aprofunda nas questões políticas da raça, abre espaço para a discordância e publica um texto assinado por "I...". Neste texto, o autor nega a existência do preconceito contra o negro e afirma que a causa que precisam defender é sua união. Interessante que neste momento, o autor já prefere a palavra "negro", ao invés de outros termos:

Aqui, não precisa que eu diga: não existe preconceito algum para se combater. Vivemos em communhão perfeita, não somente com os brasileiros brancos, como tambem com o proprio elemento estrangeiro. Mas se aqui existisse o preconceito, teria a certeza que, a nossa questão racial ha muito estaria resolvida. Portanto não temos preconceito nenhum a combater, o que precisamos é trabalhar para a união do elemento negro brasileiro; não

⁵⁸ AURIVERDE. A nossa folha, 1928, n. 2, p. 1. Grifo meu.

⁵⁹ BALSALOBRE, *Língua e sociedade...*; BASTIDE. *A Imprensa Negra...*; FERRARA, *A imprensa...*

⁶⁰ CUNHA, Horacio da. Os homens pretos e a evolução social, *Auriverde*, 1928, n. 5.

somente para o nosso bem, como também, para o bem da nossa querida patria.⁶¹

Em contraste com tais textos há o depoimento do entrevistado número 8 de Virgínia Bicudo. Apresentado como de classe social intermediária, ele é descrito como alguém que "Possui curso secundário e exerce uma profissão intelectual. Queixa-se amargamente por sofrer em consequência de preconceito de cor." ⁶² Publicado em 1945, o depoimento demonstra a quase ingenuidade do texto de "I...", que em 1928, afirmava que a "questão racial" já estaria resolvida há muito tempo.

— Conversando com um dos meus superiores, muito meu amigo, diz-me naturalmente: "Fiz uma campanha contra fulano: calcule um negro querendo ter determinado cargo." Como estivéssemos diante de outros empregados, para não envergonhá-lo, concordei com ele dizendo: "Essa gente pouco alcança e tem grandes pretensões." Entretanto, tratava-se de um negro de grande valor, mas não reagi para evitar conflitos inúteis.⁶³

Ainda em 1928, é publicado o jornal *O Progresso*, que usa as palavras negro e preto como sinônimos e, portanto, intercambiáveis, diferente do que ocorria durante a década de 1910; a abordagem do preconceito racial também é diferente neste periódico: não há espaço para os escritos que negam a sua existência. Aparecem, por outro lado, textos que questionam a ideia de que os negros acessam os mesmos espaços dos brancos — argumento muito utilizado por aqueles que negavam existir racismo no Brasil — e apontam o estranhamento de seus próprios pares com que são vistos os negros quando ocupam posições de certo prestígio social e intelectual:

Desde esse feito, nada mais se fez no Brasil, em prol da raça preta. Vivem na maioria abandonados completamente, sem que o governo se incumba de promover o seu levantamento intelectual. Tanto é isto verdade, que, quando encontramos numa faculdade superior um preto, um medico, um advogado, um professor, um jornalista de talento, ficamos boquiabertos. Porque?⁶⁴

Assim, é possível afirmar que no final da década de 1920 os jornais já haviam se apropriado do termo negro como forma de identificação, ressignificando algo antes usado em tom pejorativo, como demonstra o texto de J.D., publicado em 1919 no jornal *A Liberdade*, que permite entrever o emprego dos termos no final da década de 1910. Entretanto, mesmo que tal mudança vocabular tenha ocorrido de maneira perceptível em pouco mais de uma década, ela não foi acompanhada com o consenso nos discursos e posicionamentos em relação

⁶¹ I... , Na Terra do Preconceito, *O Clarim d'Alvorada*, 1928, n. 2 - phase 2.

⁶² BICUDO, *Atitudes...*, p. 73.

⁶³ BICUDO, *Atitudes...*, p. 76.

⁶⁴ GESTO Nobre, *O Progresso*, ano 1, n. 3, 19 ago 1928.

à existência do preconceito racial até o final da década de 1920, deixando espaço para que leitores, redatores e editores permanecessem debatendo a respeito — e, sob os olhares dos engajados neste debate, se discutisse também as concepções do papel da mulher negra na sociedade.

1.2 Preto, pretinha, morena, mulatinha

O jornal *A Rua*, de 1916, é um dos poucos periódicos que não apresenta preocupação com questões para além do comportamento público de seus leitores, e tampouco seus realizadores relacionam esta preocupação com alguma melhoria da vida dos seus pares. Esta folha traz textos literários, alguns anúncios, fofocas e informativos da vida nas sociedades recreativas divididos por bairros da cidade. Foi neste jornal que encontrei, pela primeira vez, o uso de termos de racialização com diferença de conotação para os gêneros, e o emprego de termos como "morena", "moreninha", "pretinha" e "mulatinha" para se referir às mulheres de acordo com as diferentes intenções do enunciador, ao contrário dos homens, aos quais são na maior parte das vezes chamados apenas de "preto". O diminutivo, entretanto, nem sempre é dotado de sentido pejorativo:

— Aborrecemos a pretinha da rua S. Bento[...]. Quinta-feira passada a conquistar o coração de um empregado da casa Sphem da rua Direita. Olha, menina, elle com certeza não aceita seus trabalhos, por que não usa moda no penteado.⁶⁵

— com a moreninha florista da Fabrica Annita, moradora darua coronel Rodovalho por ser a flor mais linda da quella Fabrica.⁶⁶

— deu o que fallar os passeios do Sigismundo da rua Nova á altas horas da noite a pista de certas morenas. Crie juízo, seu Sultão, contrario conte comigo.⁶⁷

Aqui, quando o redator se dirige à "moreninha florista", não há intenção pejorativa no uso do diminutivo, mas uma tentativa de soar carinhoso, já que em seguida o autor tece seu elogio à beleza da moça. Ao contrário, a "pretinha da rua S. Bento" é utilizado em tom pejorativo, pois é seguido por uma crítica à moça em razão de sua aparência e de suas tentativas de conquistar um rapaz. Por outro lado, ao homem que procurava por "certas morenas" na rua durante as "altas horas da noite", o jornal oferece solidariedade, além de não

⁶⁵ SECCÃO Crítica: Centro. *A Rua*, ano 1, n. 3, 24 fev 1916.

⁶⁶ SECCÃO Crítica: Braz. *A Rua*, ano 1, n. 3, 24 fev 1916.

⁶⁷ SECCÃO Crítica: Móoca. *A Rua*, ano 1, n. 3, 24 fev 1916.

associar a ele nenhum predicativo de cor. Aqui, o termo "morenas" é utilizado não só para designar mulheres pela marca da cor, como também para insinuar tamanha beleza e sensualidade que justificam serem buscadas altas horas da noite. Tais comportamentos — tanto do homem, que procura por mulheres na rua, quanto das mulheres, que *podem ser encontradas* nas ruas, seduzindo os homens —, seriam considerados imorais e, como demonstro nos próximos capítulos, seriam condenados pelos demais periódicos, que defendiam valores como a família nuclear e o comportamento exemplar.

Ainda observando os termos usados pelo *A Rua* para se referir às mulheres negras, é possível perceber que há algum critério: moreninha e morena são usados de maneira relativamente positiva, associado à uma jovem bela ou às mulheres que despertam o desejo dos homens. Por outro lado, pretinha ou mulatinha são termos que aparecem acompanhados de críticas às jovens assim definidas. Já os homens não recebem tal diferenciação: quando não são tratados pelo nome, são apenas chamados de "pretos", sejam eles alvos de críticas, brincadeiras ou cumprimentos.

Fenômeno semelhante ocorre nas páginas d'*O Xauter*, publicado no mesmo ano de 1916, e do qual também há apenas uma edição preservada: "Uma mulatinha com saia que nos pareceu ser vermelha (não temos a certeza) cheia de babados, commentando o sermão."⁶⁸ O termo "mulatinha" é usado para se referir à moça que é criticada, no caso, por estar comentando a homilia do padre após a missa. Apesar disso, *O Xauter* não reserva tanto espaço para as fofocas, e as amostras para a análise da diferença entre os termos usados para se referir às mulheres e aos homens são um tanto quanto reduzidas se compararmos com as do jornal *A Rua*.

Por sua vez, o jornal *A Sentinella*, que como *A Rua* e *O Xauter*, também possui apenas uma edição preservada, prefere, diferente dos demais jornais, usar o termo negro e suas variações em suas críticas, que em geral já possuem um tom negativo. A preferência pelo diminutivo para se referir às jovens mulheres aparece associado à situações nas quais o comportamento feminino é condenado, e reforça o efeito de desaprovação que já está presente nas críticas:

Com a senhora Fortunata do Paulistano, dizer que estes negros vem do interior como mandi e que chegando aqui se arvoram à jornalistas, por esse motivo não vae mais no salão. Deus lhe ajude.

Que o pianista do «Chuveiro de Prata», no dia 9 estava indagando de uma negrinha dama de companhia da mademoiselle E. Alves.

⁶⁸ SABBADO Santo. *O Xauter*, ano 1, n. 2, 16 mai 1916.

Atè musicos, que vergonha!

Achava-se nest recanto da capital, uma tal Margarida e suas companheiras que não podemos obter o nome. Mas, num deboche incalculavel que me obrigou a fazer ver ao publico, taes façanhas destas negrinhas por estes lados.⁶⁹

Após esta edição de *A Sentinella*, termos que empregam o diminutivo com sentido pejorativo para se referir às mulheres, como moreninha ou mulatinha, perdem a popularidade. Durante a década de 1920, jornais como *O Kosmos* e *O Clarim d'Alvorada* passam a preferir os termos pretos e pretas para designar a antes denominada "classe dos homens de côm" e o próprio termo "raça" ganha mais espaço, seja como "raça preta" ou "raça de cor". Entretanto, não quer dizer que as diferenciações entre mulheres e homens tenham desaparecido aos olhos dos editores e redatores desses jornais, e o papel de ambos no combate ao racismo tenha passado a ser concebido de maneira igualitária.

O termo de designação racial cujo uso no diminutivo ainda persiste é pretinha mas passa a ser frequentemente utilizado para se referir às mulheres negras mais jovens, ao invés de ser usado exclusivamente para diminuí-las. Em um texto defendendo o concurso de beleza promovido pelo jornal *Elite*, Frederico Baptista emprega a palavra "pretinhas" no diminutivo, mas não demonstra intenção de diminuir as mulheres às quais se refere, pelo contrário, a ele interessa que valorizem a beleza de tais figuras:

Quem pode negar, a não ser por espirito meramente contraditorio, que a côm morena chama a atenção? E não é só: vemos pretinhas, que sobre sahem já pela côm e seus modos galantes, sobrepujando as demais, sem que para isso seja permittido dispensar parcelas de favores em elogios. E no entanto, ouvi dizer alguém "Onde se poderia encontrar belleza para concurso"? Na nossa raça, diremos nós. E tão bellas que, muitas ostentão a belleza natural, emalde se procure o carmin e pó de arroz.⁷⁰

Frederico Baptista, embora tenha certas reservas com as maquiagens usadas pelas mulheres, reforça em seu artigo que há beleza para um concurso entre as jovens mulheres negras as quais chama de "pretinhas", mas o uso da palavra é seguido por elogios aos seus modos e à cor dessas jovens de forma não irônica ou sarcástica. Os modos e a aparência das jovens era algo bastante valorizado na Imprensa Negra — assunto abordado mais atentamente no próximo capítulo —, de forma que é possível concluir que o autor nutrisse apreço e admiração pelas figuras às quais chama de "pretinha". A preferência de Frederico Baptista pelo termo "pretinha", no diminutivo, despido de seu sentido pejorativo, não está isolado no

⁶⁹ CRÍTICA. *A Sentinella*, ano 1, n. 1, 10 out 1920.

⁷⁰ SOUZA, Frederico Baptista. E' Assim..., *Elite*, ano 1, n. 3, 17 fev 1924.

contexto da Imprensa Negra no qual se inseria: na segunda metade da década de 1920, os escritores passaram a adotar o termo "preta", sem o sentido pejorativo, para se referir às mulheres negras. "Preta" passa a ser, então, o adjetivo preferido, seja para designar mulheres ou outros termos cuja concordância seja feita no feminino.

No homem preto notamos a falta de união na mulher preta a falta de senso; principalmente naquellas que, se convencem da sua beleza. E desta feita, vão ellas para o caminho da devassidão, sem contemplar as lagrimas, as desgraças e os enormes prejuizos moraes e sociaes que vão deixando no seio de humilde nome da família preta.⁷¹

Por ventura não há lindas donzellas de cor preta no Brasil? O que nos falta? O cultivo da beleza. Pois não têm os brancos, apesar de se considerarem mais lindos, os seus institutos de beleza? Pois creemos os nossos, como fizeram os negros da Norte America.⁷²

O uso desses termos no feminino, sem o sentido pejorativo, se torna mais comum quando os jornais começam a se dirigir às suas leitoras em momentos além das fofocas ou nos textos literários. Elas deixam de ser apenas alvos de críticas ou contribuintes ocasionais, e passam a ser incluídas como aliadas essenciais dos homens negros nos textos que discutem a situação do negro na sociedade; e é neste momento que os jornais passam a dar destaque ao papel que a mulher deveria desempenhar na causa por eles defendida, no qual o cuidado com a aparência e a beleza é uma das ações que ganham destaque — embora não a única.

Com o abandono do uso de termos como "morena" para se referir às mulheres negras, sua função passa a ser outra, embora muito mais ocasional: descrever um dos tons da pele negra, quando o bronzeado é alçado à moda. "Morena", então, é usado para equiparar o tom da pele branca exposta ao sol tropical ao tom de pele das "mulatinhas", considerado pelo autor como as autênticas referências da moda da pele bronzeada:

A côr morena, bem escura está em moda. Quem, por exemplo, tomar os jornaes norte americanos, que annunciam viagens para Havana, leva este appello: "Por que vos deixaes esbranquiçar aqui durante o inverno quando podeis ir amorenar-vos em Havana, a cidade mais chic do mundo?" O verbo usado não é mesmo *amorenar*: é *curtir*. E isso se dá como uma seducção! As mulatinhas dos Estados Unidos como do Brasil estão vingadas — elas que teem a pelle *curtida* naturalmente.⁷³

Por fim, apresento uma tabela com o levantamento feito dos termos utilizados pelos jornais, contudo, sem a pretensão de esgotar seu estudo. O levantamento foi feito entre os

⁷¹ MIXTO. Falta de senso e de união. *O Clarim d'Alvorada*, ano 2, n. 15, 27 set 1925.

⁷² BOOCKER. Negro! *O Clarim d'Alvorada*, ano 2, n. 15, 27 set 1925.

⁷³ "A CÔR morena é cor de ouro..." *O Progresso*, ano 2, n. 8, 13 fev 1928. Grifos do original.

textos selecionados para este trabalho, e alguma informação em outras seções pode ter escapado ao olhar. Nela divido os termos apresentados entre os termos racializados em geral e os termos racializados empregados para se referir especificamente às mulheres, momento em que se torna notável a predominância masculina neste universo: em muitas dessas folhas, os textos não literários não usam termos racializados no feminino porque simplesmente não se referem às mulheres como um grupo, ao contrário do que fazem diversas vezes ao se referir aos homens, os quais de certa forma ainda representam o sujeito universal na figura do leitor desses jornais.

PERIÓDICO	ANO	TERMOS RACIALIZADOS	TERMOS RACIALIZADOS FEMININOS
O Propugnador	1907	pretos	—
Menelik	1915-1917	homens de cor; classe dedicada; raça preta; pretos	—
A Rua	1916	preto	morena; moreninha; pretinha; mulatinha
O Xauter	1916	sociedade ou classe de cor;	morena; mulatinha
O Bandeirante	1918-1919	classe dos homens pretos; homens de cor; raça africana; pretos; irmãos de cor;	—
O Alfinete	1918-1921	classe dos homens de cor; pretos; patrícios; nossa raça	pretas; patrícias
A Liberdade	1919-1920	pretos; homens de cor; mulatos	mulatas
A Sentinella	1920	negros, de côr	negras e negrinhas
Kosmos	1922-1925	raça preta; preto; de côr	—
Clarim d'Alvorada	1924-1929	Preto; de côr; negro; negra; moreno; patrícios; mulatos. raça africana; raça mestiça	pretas; pretinhas; morena; patrícias
Elite	1924	raça preta; de côr	negra e pretinha; morena
Auriverde	1928	Classe preta; preto; homens pretos; de côr; irmãos; patrícios	—
O Progresso	1928-1929	negro; preto; mestiço	negra; preta; morena

Tabela 2 - Termos de identificação racial utilizados pelos periódicos

Nela, é possível visualizar as mudanças dos termos racializados empregados pelos jornais e sua mudança ao longo das décadas. Destaco a coluna de termos racializados flexionados no gênero feminino: elenco aqueles usados em especial para se referir às mulheres, como grupo; não estão inclusos termos porventura usados para concordar com outras palavras no feminino. Contudo, sua ausência não aponta para um silêncio absoluto sobre figuras femininas: esses jornais falam sobre mulheres individualmente, na maioria das vezes as chamando pelo nome, criticando ou destacando comportamentos, mas não se referem às mulheres como um grupo ou coletivo. Essa lógica do individual também se aplica a alguns periódicos como o *A Rua*, que apresentam termos de racialização no feminino na última coluna, mas os usavam como adjetivos para elevar ou rebaixar aquelas a quem se dirigiam.

Desta forma, o percurso dos termos racializados para se referir às mulheres nem sempre acompanha os termos usados para se referir aos homens, ou empregados no masculino para se referir ao grupo ou coletivo, mas apresentam uma trajetória própria. O percurso deste termo estava, por sua vez, ligado à percepção que os realizadores dos períodos nutriam sobre as mulheres negras e seu papel na união e elevação da "classe dedicada" defendidas pelos jornais.

2 O Comportamento Feminino Idealizado

— *Há só duas mulheres boas neste mundo: uma morreu e a outra ninguém sabe onde vive.*⁷⁴

Abro o capítulo com um suposto ditado alemão, com fins humorísticos, publicado pelo *O Kosmos* em 1922. Embora os redatores tenham o colocado ali apenas para o fim de divertir os leitores, o falso provérbio acaba refletindo a posição de parte significativa dos autores e editores da Imprensa Negra paulistana sobre as mulheres: nunca boas o suficiente, mas sempre carecendo dos conselhos e da tutela de seus pares homens para, apenas assim, serem dignas de apreciação positiva.

Neste capítulo abordo algumas das diferentes maneiras como as mulheres eram retratadas nas páginas da Imprensa Negra da capital paulista. A sobreposição do masculino ao feminino foi uma característica desta imprensa liderada exclusivamente por homens,⁷⁵ prática na qual eram iguais a seus colegas da imprensa convencional do mesmo período. Contudo, esta sobreposição não deve ser entendida como sinônimo de ausência absoluta da atuação feminina: elas deixaram indícios de suas ações e atuações no universo retratado pelos jornais, mesmo que para vê-las tenhamos que olhar através do prisma dessa liderança masculina.

Os redatores dos periódicos atribuem grande importância à forma como mulheres e homens negros eram vistos em seus espaços de sociabilidade — e ao julgamento daí decorrente. Para estes sujeitos, o comportamento público de cada negro era fundamental para a percepção que a sociedade hegemônica teria a respeito de todos os negros. Esta consciência se transformava na ideia sobre a necessidade de melhorar o comportamento de seus pares, pois a condição, ou ação, considerada degradante de um dizia respeito a todos e, para os autores da Imprensa Negra, era este o principal obstáculo que impedia que os negros ascendessem econômica e socialmente.

Não por acaso, nos textos em que educavam as maneiras e costumes, as folhas também pregavam a união da "classe dos homens de côr": era preciso que os demais — em especial aqueles que mantinham hábitos reprovados pela sociedade — criassem uma consciência de grupo e corrigissem seu comportamento, pois apenas assim o grupo social como um todo veria melhoria em suas condições. Os detalhes dos problemas comportamentais, por sua vez, nem sempre eram mencionados abertamente, o que nos leva a concluir que, para certos assuntos, os hábitos e costumes que deveriam ser corrigidos eram de conhecimento comum

⁷⁴ PROVERBIOS Alemães. *O Kosmos*, ano 1, n.3, ago 1922.

⁷⁵ CORTES, Giovana Xavier da Conceição. Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, 2013, v. 26, n. 52, p. 440.

entre os redatores dos jornais e o público ao qual se dirigia. Em especial quando tratavam de comportamentos reprováveis das mulheres, os textos em sua maioria preferiam figuras de linguagem a nomear diretamente as condições que condenavam — abordo esses textos nos itens 2.1 e 2.2 deste capítulo, ao que o leitor poderá observar com mais detalhes o uso da linguagem feito pelos escritores quando tratavam deste tópico.

As soluções propostas, por outro lado, eram descritas de maneira clara, e por vezes até repetitiva; além da união da "classe", os jornais pregavam a necessidade de incentivo aos periódicos e sociedades voltadas para o meio negro; a busca da educação formal e do enriquecimento da bagagem cultural; o matrimônio e a família nuclear, chefiada pelo pai; a manutenção da boa aparência, enfim, a reprodução dos valores burgueses que então se consolidavam na sociedade brasileira.

Dentro desta concepção de educar os comportamentos e hábitos, a regulação do comportamento e a educação das mulheres ocupavam uma posição de importância na pauta desses periódicos. De acordo com Rebeca Pinto,

Desde meados do século XIX, mas principalmente a partir do século XX, novos ideais femininos emergiram como respostas às inúmeras, e significativas, mudanças que estavam sendo vivenciadas, cotidianamente, em uma sociedade que se pretendia urbana-industrial. [...] De forma pura, mulheres de diferentes grupos étnicos e sociais articulavam maiores possibilidades de inserção em ambientes públicos, como consumidoras, estudantes, profissionais ou responsáveis por organizações com diferentes finalidades.⁷⁶

As mulheres nesses espaços públicos não estavam menos sujeitas ao escrutínio de seus pares, orientados por discursos como os da eugenia e da ortodoxia católica, que afirmavam que os papéis da mulher eram o de esposa e de mãe, que o desenvolvimento do país estava essencialmente atrelado "à integridade das famílias que, por sua vez, se apoiavam no contínuo esforço e trabalho das mulheres."⁷⁷ A autora prossegue:

[...] as mudanças sociais e culturais nas representações de gênero, propostas nas primeiras décadas da República, não abalaram as hierarquias e desigualdades presentes no cotidiano da nação. O casamento, a maternidade, a educação dos filhos, a educação feminina 'sem emancipação', a redefinição do trabalho feminino e o antifeminismo reverberavam como formas de assegurar um maior controle sobre os códigos da sociabilidade e participação das mulheres. Ou seja, se as mulheres passam a ter seus direitos cada vez

⁷⁶ PINTO, Rebeca Natacha de Oliveira. *Aracy Cortes em Revistas: educação, gênero e práticas educativas difusas no Rio de Janeiro da Primeira República*. 2018. 1 v. Tese (Doutorado em Educação) - UFF, Niterói, 2018, p. 135.

⁷⁷ Idem.

mais colocados na agenda pública, rígidos códigos e padrões morais são colocados em pauta para evitar possíveis agenciamentos desterritorializantes.⁷⁸

Esses padrões morais e códigos de comportamento rígidos, a princípio se impuseram às moças de famílias mais abastadas, e foram, paulatinamente, se estendendo também às mulheres de classes trabalhadoras⁷⁹. Entretanto, ao se proporem universais e homogêneos, estes padrões morais e comportamentais geravam tensões por não abrangerem as especificidades das relações de raça e classe que conformavam a sociedade — pelo contrário, exigia que as particularidades de todos os grupos a eles se ajustassem. Tais padrões morais e de comportamento feminino entravam em conflito com as "exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial"⁸⁰ que ocorriam nos centros urbanos e que demandavam a presença das mulheres no espaço público e no mundo do trabalho. Conflitavam, ainda mais, com o trabalho para a subsistência exercido pelas mulheres de classes sociais menos abastadas, nas quais a população feminina negra na cidade de São Paulo se encontrava de forma expressiva.

A despeito da permanência deste pensamento sobre o comportamento feminino, elaborado no século XIX e que se estende nas primeiras décadas do século XX, as mudanças sociais no contexto urbano possibilitaram que

De forma plural, mulheres de diferentes grupos étnicos e sociais articulavam maiores possibilidades de inserção nos ambientes públicos, como consumidoras, estudantes, profissionais ou responsáveis por organizações com diferentes finalidades.⁸¹

Os redatores da Imprensa Negra, por sua vez, nem sempre viam com bons olhos as atividades que exigiam a presença feminina no espaço público. Embora muitos redatores reconhecessem a importância do trabalho feminino, a questão de *que tipo* de função as mulheres deveriam exercer também permeava suas argumentações. Além da questão do trabalho, toda e qualquer atividade exercida por mulheres no espaço público ou nos espaços de sociabilidade do meio negro eram dignas de escrutínio pelos olhares atentos dos redatores e editores dos jornais, afinal

⁷⁸ Idem, p. 136.

⁷⁹ RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 62.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ PINTO, Aracy..., p. 135.

[...] as normas de gênero eram fundamentais para as demonstrações de aptidão para a cidadania, tanto a paulista como a brasileira. Como em outras áreas de seu comportamento, os líderes da "classe" baseavam seus ideais de masculinidade e feminilidade nos padrões da sociedade burguesa contemporânea. Mas como acontecia com valores como educação e patriotismo, as ideias sobre gênero, e sobre honra masculina e feminina em particular, tinha um significado especial para os afrodescendentes que procuravam dissipar as ideias amplamente difundidas sobre sua suposta "aniquilação moral" [...].⁸²

Desta forma, ousou afirmar, a mulher — um ser abstrato e genérico — era um dos assuntos preferidos dos redatores. Para que seja possível uma análise mais detida sobre as tensões nos entrecruzamentos de raça e gênero, é preciso primeiro diferenciar os gêneros textuais nos quais apareciam. Nestas primeiras décadas do século XX os jornais possuem forte traço literário e, além dos textos jornalísticos e de opinião, publicam também poesias e textos em prosa de cunho ficcional. A mulher, como musa inspiradora ou motivo de afetos fracassados dos poetas e dos prosadores, é presença bastante frequente; entretanto, essas peças literárias não serão examinadas aqui, e a razão para tanto é bastante simples: o volume destes textos requer, por si só, um trabalho a eles dedicado, de forma que possam ser analisados com o devido cuidado. Assim, aqui restrinjo o olhar para os textos de não-ficção, que abrangem as seções dedicadas à vida social; para os editoriais; e para as colunas de opinião, que versam sobre questões políticas ou cotidianas. Espero conseguir fazer o leitor vislumbrar, nas próximas seções deste capítulo, as complexas urdiduras das concepções do papel de gênero nas já também complexas tramas de racialização que eram tecidas no pensamento da sociedade do período através do prisma dos realizadores desses periódicos.

2.1 A conformação do papel da mulher

A Imprensa Negra nas décadas iniciais do século XX existia em forte relação de dependência com as sociedades recreativas do meio negro. Esta proximidade dos jornais com os espaços de lazer permite ao leitor vislumbrar a vida social pujante que estes sujeitos desejavam mostrar e, também, deixa entrever as complexidades das relações entre os gêneros nos diferentes ambientes frequentados tanto pelos autores dessas folhas quanto por aqueles sobre os quais escreviam. Organizadas em torno do objetivo de unificar e elevar a "classe dos homens de côm", as linhas editoriais desses jornais buscavam demonstrar respeitabilidade e

⁸² ALBERTO, *Termos...*, p. 60.

reivindicar a inclusão dos "patrícios" em uma sociedade marcada pelos discursos do racismo científico.

As concepções sobre *como* a união da raça deveria ocorrer para que obtivessem melhorias nas condições sociais variavam de jornal para jornal; entretanto, era comum que os textos que exortavam para a união da raça aparecessem na posição de editorial, abrindo a primeira página. A atribuição de autoria também variava: poderiam ser assinados por nomes reais ou pseudônimos, ou mesmo vir sem identificação de autor, o que, para alguns periódicos, era indicação de que os editores subscreviam ao texto⁸³. Em suas linhas, buscavam persuadir seus leitores a se dedicarem à "elevação da classe" através das causas e métodos que propunham.

Um desses textos pode ser encontrado na edição 13 d'*O Menelik*, de 1917, com o título "Não sei porque". Assinado pelo pseudônimo Dr. Maurepas, abre a primeira página do jornal e apresenta a concepção de um papel muito bem definido para as mulheres no processo de "elevação da classe". A partir dele, é possível começar a observar melhor qual a definição desse papel feminino:

A mulher é o ponto de apoio da elevação de uma classe; devemos considerá-la como campo de honra, trincheira do dever; é nella que devemos firmar a base de nossa sociedade; sem a qual só temos direito a naufragar nesse impetuoso mar da inconsciência humana.⁸⁴

O uso de termos fortes e evocativos de temas bélicos, como "campo de honra" e "trincheira do dever" coloca a mulher diretamente como assunto de interesse e pertença ao universo masculino. Contudo, ao mesmo tempo, coloca a figura feminina como *algo* pelo qual se deve batalhar, não como sujeitas autônomas, capazes de tomarem suas próprias decisões, mas que devem ser salvas pelo homem herói. Adiante, o autor expande sua alegoria de batalha heroica e explica melhor qual a estratégia que propõe para vencerem:

Urge lutarmos com denodo e coragem, de frente ativa e de olhares perscrutadores em pró da liberdade de nosso espírito que até então se acha atascado no esqualido paul da degradação social, imerso nas negras trevas da ignorância [...] Para alcançarmos este triumpho que ainda nos resta, é preciso primeiramente deixarmos dos taes concubinatos legaes, e allirmos ao bello sexo por meio das redes do matrimônio.⁸⁵

⁸³ Alguns jornais se recusavam a publicar textos de leitores sem assinatura ou sob pseudônimo. As condições para as publicações de contribuição diferiam entre os periódicos.

⁸⁴ MAUREPAS, Dr. *O Menelik*, ano 2, n. 13, 29 jan 1917.

⁸⁵ *Idem*.

A estratégia do autor para a "elevação da classe" consiste na prescrição para que os homens adotem o matrimônio legal, consagrando o modelo de família nuclear, defendido como ideal na sociedade brasileira, em especial nos centros urbanos em processo de modernização⁸⁶. Se na edição 13 temos no editorial a defesa da importância da mulher para a constituição da sociedade e, portanto, da importância de tomá-las em matrimônio perante a lei, no número seguinte, o estrategista Dr. Maurepas expande seu ponto de vista sobre o matrimônio como instituição baseada no papel da mulher como esposa e como mãe educadora dos filhos e, portanto, sua importância civilizacional:

A possibilidade de nosso aperfeiçoamento depende dos esforços de cada uma das instituições que fundarmos [...] desempenhando papel importantíssimo nessa avalanche imensa, as mães das proles, porque a educação materna é o início e as [sic] mesmo tempo o principal elemento de nossa civilização. A instrução sem a educação do lar (de nada vale!) [...] Assim vimos que sem o apoio das mulheres não ha harmonia e sem havel-a, não pode existir evolução.⁸⁷

Assim, em 1917, *O Menelik* explicita o que era esperado das mulheres negras por seus pares da imprensa. A associação da mulher ao papel de mãe-educadora é tema recorrente, embora nem sempre as funções se sobreponham, constituindo uma unidade. As aparições das mulheres como mães e esposas eram mais frequentes, consonante com o "novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família", e a família percebida como "riqueza em potencial da nação"⁸⁸. No caso dos jornais, em especial, não era qualquer membro da família a ser percebido como riqueza em potencial, mas sim os filhos, cuja educação é o sustento da sociedade. Esta associação da mulher negra com a posição de educadora pode ser relacionada à centralidade que a infância adquire nesse momento, quando a criança passa a ser entendida como um ser que requer especial atenção da mãe.

A aproximação dos papéis de mãe e educadora também aponta para uma associação interessante com a posição de professora, uma profissão dotada de certo prestígio intelectual, e é significativo que a primeira aparição de uma mulher, professora, em *O Propugnador*, esteja vinculada a atributos femininos de doçura e até mesmo maternais. *O Propugnador*, de 1907, é o primeiro periódico que encontrei dentre os jornais da imprensa negra que circularam na capital paulista no começo do século XX⁸⁹. Cabe a este periódico, também, ser o primeiro a

⁸⁶ RAGO, *Do cabaré...*, p 62-3.

⁸⁷ MAUREPAS, Dr. *O Menelik*, ano 2, n. 14, 17 fev 1917.

⁸⁸ RAGO, *Do cabaré...*, p. 62.

⁸⁹ A Imprensa Negra, porém, não começou a circular em São Paulo no século XX, como bem demonstra as pesquisas de Ana Flávia Magalhães Pinto: *Imprensa negra no Brasil do século XIX* (2010); e *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista* (2018).

mencionar nominalmente duas mulheres do meio negro. Não podemos, de forma alguma, afirmar que estas duas mulheres eram as únicas *ativas* no meio negro nesse momento; são aquelas às quais os redatores decidiram oferecer um breve espaço em sua folha, em uma imprensa que não destacava a participação feminina. Pelo contrário, a escolha dessas duas personagens, citadas nominalmente e elogiadas pelos redatores, não pode ser atribuída ao acaso.

A primeira mulher mencionada pelo *O Propugnador* é a “Ex.mil Snr.a D, Albertina de Menezes”, professora de um curso oferecido na Igreja de Nossa Senhora do Rosário pela irmandade homônima. A professora é descrita como "dotada d'um coração magnânimo e amabilissimo, ensina com o sorriso nos lábios."⁹⁰ A segunda mulher mencionada pelo jornal é D. Maria Deolinda de Jesus em sua necrologia, na qual é lembrada como a virtuosa esposa de Malaquias Oliviveira (sic) dos Santos, amigo dos editores do periódico.⁹¹ Essas citações em *O Propugnador*, embora breves, trazem uma nítida representação da mulher como mãe-esposa, cuja maior característica pela qual será lembrada é a virtude advinda do casamento; e outra como educadora, que além de receber predicados destacando sua amabilidade e o exercício de sua profissão com um sorriso no rosto, também é elogiada pelo aprendizado dos alunos, os quais se encontram "mui avançados".⁹² Porém, as primeiras características que o jornal elogia na atuação da professora D. Albertina de Menezes não é o estágio avançado de aprendizado dos alunos, como seria de se esperar em uma coluna sobre uma iniciativa educacional; pelo contrário, ela é primeiramente elogiada pela amabilidade, doçura e pelo sorriso, características associadas como imprescindíveis às mulheres no modelo ideal que se impunha.

As folhas que sucederam ao *O Propugnador* na capital paulista mantiveram os elogios às esposas dos homens de destaque no meio negro por suas virtudes como esposas ideais. As colunas de vida social eram o espaço propício para tanto; nessa coluna, em notas que iam desde nascimentos e batizados até notas estimando as melhoras ou de falecimento, encontramos diversas mulheres:

Fez annos no dia 24 do mêz ultimo a sra d Benedicta Fonseca, *virtuosa consorte* do sr. Adão Fonseca, funcionario da Escola Superior de Electricidade.⁹³

A nota acima, publicada em 1928, no jornal *O Progresso*, possui uma característica bastante interessante, que se repete em todos os jornais que o antecedem: apesar de o parabéns

⁹⁰ EGREJA do Rosário. *O Propugnador*, ano 1, n. 2, 6 out 1907.

⁹¹ NECROLOGIA. *O Propugnador*, ano 1, n. 2, 6 out 1907.

⁹² EGREJA... *O Propugnador*, idem.

⁹³ ANNIVERSARIOS. *O Progresso*, ano 1, n. 2, 22 de julho de 1928, grifo meu.

ser para a sra. Benedicta Fonseca, digna da nota por seu predicado de virtuosa consorte, é a informação relacionada a seu marido que explica o porquê do casal desfrutar de certo prestígio dentro do meio negro a ponto de merecerem uma nota nos jornais — sua ocupação na Escola Superior de Electricidade. Embora a nota só nos informe que era funcionário da Escola, sem mais detalhes sobre o cargo exercido, atuar em uma instituição de prestígio intelectual, como uma instituição de ensino, era o suficiente para destacá-lo como exemplo de respeitabilidade no meio negro. A estabilidade de uma profissão — que não era autônoma, nem se exercia nas ruas —, e um matrimônio com uma esposa virtuosa o tornavam a figura exemplar que os jornais tentavam incentivar seus leitores a se tornarem.

Algumas notas de aniversário eram muito mais detalhadas do que outras. Considerando o pouco espaço das folhas, que na maioria das vezes contavam com apenas quatro páginas, dedicar uma longa descrição a um evento social particular demonstrava o quanto os redatores e editores consideravam os sujeitos envolvidos em tal celebração relevantes para o meio negro. O melhor exemplo dessas notas é da celebração de aniversário de D. Luiza de Moura Baptista, esposa de Frederico Baptista de Souza.

Realisou-se no dia 14 de novembro p. p. o anniversario natalicio da exma. snra. D. Luiza de Moura Baptista, dignissima esposa do snr. Frederico Baptista de Souza nosso auxiliar de redacção; por esse motivo, reuniu-se em sua residencia elevado numero de pessoas amigas, sendo offerecido aos mesmos muitos doces e chops, decorrendo a festa animadissima até o dia seguinte.

Usaram da palavra os srs. Abílio Rodrigues, José Epaminondas e Hilario de Moraes Torres, saudando a anniversariante; respondeu agradecendo o sr. Frederico Baptista de Souza.⁹⁴

Frederico Baptista de Souza não era apenas colaborador dos redatores do jornal *O Kosmos*, no qual esta nota foi publicada. Bedel da Faculdade de Direito, era um prolífico contribuidor das folhas da Imprensa Negra que circularam entre as décadas de 1910 e 1920, além de destacado membro das sociedades recreativas. Frederico B. de Souza, como por vezes assinava, também foi membro da diretoria do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos por diversas gestões, e até mesmo seu presidente.

Não posso afirmar nada sobre a sinceridade da motivação afetiva que conduziu os presentes à celebração de aniversário de D. Luiza de Moura, entretanto, posso fazer algumas considerações ao espaço que é dado à sua festa nas páginas dos jornais. Em primeiro lugar, cabe destacar que o tamanho da nota não se deve aos feitos de D. Luiza: além de ser

⁹⁴ ANIVERSÁRIOS. *O Kosmos*, ano 1, n. 7, dez 1922.

digníssima, nas palavras dos redatores, ela não recebe outros predicados que informem sobre sua atuação no meio negro; tampouco encontramos mais sobre ela em outras colunas referentes às realizações das sociedades recreativas. Outro ponto de destaque é que sua figura é completamente ofuscada pela do marido e seu prestígio dentro do meio negro, sendo inclusive ele a tomar a frente em um acontecimento "público" e agradecer em nome de sua *digníssima* e recatada esposa às felicitações recebidas de outras grandes figuras do meio negro.

Um tanto raras eram as notas nas quais as menções às mulheres aparecem sem que as ligassem a uma figura masculina, de forma que as boas qualidades femininas serviam, mais do que às próprias mulheres às quais se referiam, para aumentar o prestígio dos homens aos quais eram relacionadas. Mesmo a nota de aniversário de Benedicta Ellis Cardoso, que, pelo que consta, não era a esposa virtuosa de ninguém, e sim aluna da Escola Normal, aparece vinculada ao nome de seu cunhado e ao posto que ele ocupa na redação do jornal no qual a nota era publicada:

— Entre o carinho dos seus, e as demonstrações de amizade de suas colegas e amiguinhas, a senhorinha Benedicta Ellis Cardoso, festejará, no dia 26, a sua data genethliaca.

A aniversariante aplicada alumna do quarto anno da Escola Normal, da praça é cunhada do sr. Manoel da Conceição, gerente desta folha.⁹⁵

Mesmo quando as notas não apresentavam nenhuma relação de parentesco das mulheres a que se referiam, e até quando a celebração não era de cunho familiar, em momentos nos quais se celebravam conquistas dessas mulheres, lá estavam eles:

A Exna, Snra. D. Benedicta Izabel, por motivo de sua formatura pela escola Normal desta Capital, no dia 7 do corrente, no Gremio Barão do Rio Branco, foi surpreendida com uma manifestação espontânea, promovida pelo Snr. Adolpho Lima, que, usando da palavra *expoz* o motivo da mesma; Usaram da palavra, saudando a gentis senhorita, os Snrs. Frederico B. de Souza e Antonio Pereira da Silva.⁹⁶

A nota celebrando a formatura de D. Benedicta Izabel não nos informa qual seu grau de parentesco ou que tipo de relação de afinidade possui com os homens elencados. Entretanto, mais uma vez, a nota destaca a celebração, seus organizadores e as figuras masculinas de prestígio que saudaram a jovem formada. Curiosamente, desta vez os papéis se invertem: embora sem dúvidas o nota destaque as ações das figuras masculinas, o prestígio associado a eles acaba funcionando para destacar a importância de D. Benedicta Izabel e seu grau obtido.

⁹⁵ ANIVERSÁRIOS. *O Progresso*, ano 2, n. 13, 23 jun 1929.

⁹⁶ ANIVERSÁRIOS. *O Kosmos*, ano 1, n. 7, dez 1922.

Estas duas notas apresentadas trazem também outra informação interessante: ambas as mulheres das quais falam frequentam, ou terminaram de frequentar, a Escola Normal. Embora Muller⁹⁷ fale sobre um processo de branqueamento do magistério, não é o caso que encontramos nos jornais da Imprensa Negra paulistana. Os jornais, claro, não são confiáveis como fontes estatísticas, contudo, é importante apontar que, desde a década de 1910, mulheres normalistas são destacadas e celebradas pelas folhas, indicando não só o prestígio com o qual a profissão era vista no meio negro, como também o tamanho de sua importância para a construção dos valores e imagens dos negros que os jornais desejavam construir.

Outra característica comum das notas que se referem às esposas, além de associar as figuras das esposas a predicados como *virtuosa* e *digníssima*, é a valorização do matrimônio. O fato de essas mulheres aparecerem ligadas às figuras de seus maridos não serve exclusivamente para valorizar a respeitabilidade deles, mas, com isso, valorizar uma forma de constituir família que os editores dos jornais consideravam imprescindível para que conquistassem melhor situação perante o julgamento dos brancos e, por conseguinte, pudessem experimentar a melhora de sua condição social.

A defesa do matrimônio legal não representa apenas uma assimilação dos papéis de gênero em vigor na sociedade branca e burguesa, que reproduz um modelo de ações socialmente desejadas das mulheres a despeito das contradições que implicaria. Este reforço das estruturas familiares pode ser, também, uma forma de proteger a imagem e reputação das mulheres negras, mobilizando um repertório de valores socialmente aceitos. Outras seções de diferentes periódicos apontam para a mesma direção, de preocupação com a imagem e reputação das mulheres e, em especial, das meninas. O tom e a maneira como os jornais explicitavam tal preocupação, entretanto, era bastante diferente entre cada um dos títulos em circulação, como é possível observar na nota de uma das colunas sociais de *O Xauter*, de 1916. Tal nota enfatiza a vigilância sobre a reputação das meninas que, para os redatores desse periódico, passam a ser responsáveis pela honra da família inteira:

Todas as mães de famílias e meninas que prezem pela sua reputação devem fugir da sociedade Cruzeiro do Norte, como se foge de um covil de tigres. [...] Lá fica a reputação de uma menina e, muitas vezes a honra de uma família inteira.⁹⁸

O jornal *O Xauter*, diferente dos títulos ligados a sociedades recreativas consideradas mais respeitáveis como *O Kosmos*, não prezava pela delicadeza da linguagem ao tecer suas

⁹⁷ MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v.5, n.14, 2014.

⁹⁸ NO CRUZEIRO do Norte. *O Xauter*, São Paulo, ano 1, n. 2, 16 mai 1916, p. 2.

críticas ao comportamento de seu público, pelo contrário, optava por uma linguagem direta para alertar aos leitores e, especialmente às leitoras, sobre seus desvios de comportamento que deveriam ser corrigidos. Mas, assim como ocorre com os demais periódicos, o que, em um primeiro momento, parece ao leitor de hoje apenas a incorporação e reprodução de valores sexistas da sociedade hegemônica, adquire outro sentido quando consideramos os discursos sobre corpos negros que vigoravam na sociedade no período de produção e circulação dos jornais. Um dos mais recorrentes entre tais discursos caracterizava a mulher negra como promíscua e sedutora, sempre hipersexualizada e, portanto, desumanizada e coisificada aos olhos da sociedade branca⁹⁹.

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas.¹⁰⁰

Porém, como escreve bell hooks, os instrumentos de dominação não se limitavam a atuar sobre o corpo da mulher negra através da reprodução do machismo incutido nos valores da sociedade branca. Estes instrumentos também atingiam o homem negro que, por sua vez, se via no dever de ser o único provedor de uma família nuclear, aos moldes de uma família de classe média branca, para contradizer as representações inferiorizantes que sofria no imaginário social e reforçar sua imagem de respeitabilidade:

A percepção de que o homem deve ser, por exemplo, o principal provedor do sustento da família, o ocupante das posições mais valorizadas do mercado de trabalho, o atleta sexual, o iniciador das relações amorosas, o agressivo, não significa que a condição masculina seja de superioridade incontestável. Essas mesmas imagens cruzadas com o racismo reconfiguram totalmente a forma como os homens negros vivenciam gênero. Assim, o negro desempregado ou ganhando um salário minguado é visto como o preguiçoso, o fracassado, o incapaz.¹⁰¹

O reforço da imagem da mulher como o centro do lar é, portanto, parte essencial da busca por reconhecimento social através da adoção de condutas simbólicas dos brancos,¹⁰² que

⁹⁹ MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos..., p. 74; CORTES, Segredos..., p. 275.

¹⁰⁰ HOOKS, bell. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995, p. 469.

¹⁰¹ BAIRROS, Luiza, apud. CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2014, v. 3, n. 22, p. 981.

¹⁰² MULLER, A produção..., p 71; MONSMA, Karl. *A reprodução do racismo: Fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914*. São Carlos: Edufscar, 2016, p. 28.

resulta em um movimento complexo de apropriação das condutas que lhes serviam como instrumento de negociação pelo reconhecimento social e pela igualdade racial. Assim, é necessário refletir o quanto temos nessa conformação dos papéis femininos uma resposta à discursos de inferiorização do negro na sociedade, nos quais os autores dos periódicos pretendiam demonstrar serem capazes de reproduzir os valores e comportamentos brancos, e o quanto

[...] a subordinação de gênero foi o preço negociado pelos homens colonizados com seus colonizadores em troca da manutenção do poder em seu espaço social. Historicamente, este trato não se caracteriza como traição, mas como uma resposta à coerção em todas as dimensões da organização social.¹⁰³

Desta forma, é possível que a ênfase dada ao comportamento submisso que se espera das mulheres e o aparente "caráter mais acentuado do machismo negro, uma vez que este se articula com mecanismos compensatórios que são efeito direto da opressão racial"¹⁰⁴ funcione muito mais como uma das tentativas de compensação aos olhos brancos das imagens negativas que estes cunhavam dos negros. A imagem em questão era a de preguiçoso, a qual incidia com muito mais intensidade sobre aqueles que não eram os únicos provedores de sustento de sua família, ou sobre aqueles que não constituíam uma família nuclear.

A incorporação de valores da sociedade hegemônica também significava uma tentativa de combate ao racismo à brasileira, manifestado em forma de discursos de inferioridade racial e cultural que conformavam as relações entre brancos e negros na sociedade. O combate se daria, então, não por métodos de confrontos diretos, que tensionariam ainda mais as relações cotidianas entre brancos e negros, mas sim tentando "angariar a simpatia dos brancos".¹⁰⁵ Uma das maneiras encontradas de conquistar essa "simpatia" seria reproduzir os comportamentos considerados adequados a cada gênero pelas camadas hegemônicas, seja para o homem ser o único provedor de uma família exemplar aos parâmetros dos brancos, seja para a mulher, tornar-se bela, educada e dessexualizada.

Com esse objetivo dos editores em mente, também é possível compreender as críticas do jornal *A Sentinella*, de 1920, que buscavam regular as vestimentas das leitoras, reforçando a importância da ideia do comportamento respeitável e modesto para as mulheres. As críticas do *A Sentinella* não demonstram a menor preocupação dos redatores com a linguagem,

¹⁰³ CARDOSO, Amefricanizando..., idem.

¹⁰⁴ GONZÁLES, Lélia, apud. CARDOSO, Amefricanizando..., p. 980.

¹⁰⁵ ALBERTO. *Termos...*, p. 56.

chegando a serem até mesmo ríspidos. Também se mostram mais preocupados com os comportamentos femininos reprováveis que resultariam em "tentação" aos homens e no conseqüente comportamento indesejado que os fariam incorrer: "Com a dona Fina. Tome cuidado, isto è feio para uma mãe de filhos. Andar com saias curtas por cima dos joelhos! Cahe fôra tentação."¹⁰⁶

O periódico *A Sentinella* é bastante particular entre as demais folhas que circularam nessa época — e que sobreviveram até os dias de hoje. Não só pelo tom de suas críticas, mas também por não trazer nenhum tipo de discurso propositivo explicitamente preocupado com a união da “classe” ou com a melhora da posição social dos negros. Desde sua primeira página, este jornal se volta exclusivamente para a vida social, avaliando os comportamentos públicos de homens e mulheres negras. Sua linha editorial tampouco demonstra preocupação em relacionar o bom comportamento com a questão racial, apenas em regular o comportamento público alheio, e em especial o das mulheres. As críticas, em sua maioria nominais, são muito mais mordazes com as mulheres do que com os rapazes. O discurso regulatório sobre as mulheres negras chega até mesmo a atingir tons agressivos nas páginas deste periódico, que fazia suas críticas sem demonstrar grandes preocupações com a possibilidade de ofender alguém:

Com as negras semvergonhas que fazem ponto nos quatro cantos entre as ruas Silva Pinto, da Graça e Três Rios, embriagam-se e depois fazem uma algazarra do diabo, tudo por causa de macho. Criam vergonha, suas negras sem cabellos.

Com as mesmas vagabu das dali; por não respeitarem as famílias que ali moram. Dia tamanho, estão pegando fretes.
Sem vergonhas!¹⁰⁷

A violência com que o *A Sentinella* faz suas críticas reforça a afirmação de Rago¹⁰⁸ de que, por mais que as mulheres ocupassem o espaço urbano de diversas maneiras, as exigências morais não foram abrandadas, ao contrário, quanto mais seu comportamento escapa ao modelo ideal, mais intenso o julgamento pelo não cumprimento de seu papel. Ou, pior ainda, maiores os perigos trazidos pela desobediência desse modelo de comportamento, cujo desvio poderia conduzi-las à perdição. E dessas, que já teriam sido levadas à perdição, o *A Sentinella* nos dá um exemplo, "as negras semvergonhas que fazem ponto nos quatro cantos

¹⁰⁶ CRÍTICA. *A Sentinella*, ano 1, n. 1, 10 out 1920.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ RAGO, *Do Cabaré...*, p. 63.

entre as ruas Silva Pinto, da Graça e Três Rios", para as quais não poupa ofensas, chamando de "sem cabellos" e "vagabu[n]das".¹⁰⁹

Os demais periódicos também traziam críticas, por vezes mordazes, ao comportamento das mulheres, entretanto, nenhum deles, como o *A Sentinella*, abordava figuras de fora do meio negro, que não frequentassem os espaços das sociedades recreativas ou, ainda, que os redatores não considerassem pessoas com dignidade, mas que escorregaram em seus modos. Outros periódicos poderiam ser mais críticos e menos educados, como o *A Rua*, que possui três páginas de crítica e apenas uma de outros tipos de texto mas, apesar do conteúdo bastante questionável de certas críticas, este periódico ainda se volta para os espaços de sociabilidade, com a intenção de corrigir comportamentos, constrangendo os exemplos negativos, sem buscar a ofensa:

— a Paulina do S. Paulo por ter na festa do Kosmos, tomado um grande e regular pifão ficando muito sahida. Puxa!... A senhora pediu bebida pra esquentar, mas bebeste fria mesmo, não? Agua raz ou essencia de teribentina tambem esquentam!¹¹⁰

O redator não recorreu à ofensa direta, mas suas escolhas para repreender o comportamento de Paulina são bastante questionáveis. Considerando a aparente proximidade com que trata Paulina, é difícil dizer se seria uma brincadeira entre conhecidos ou uma demonstração de extremo desrespeito e violência. Esses dois periódicos deixam explícito o que os demais, seja pelo apreço às leitoras, seja pelo valor dado a uma conduta mais respeitosa, não abordam diretamente, e ajudam a criar uma imagem mais nítida dos valores morais e de conduta considerados reprováveis, que os demais periódicos se recusavam a descrever ou nomear de maneira incisiva.

Outra maneira que os jornais encontraram para educar seus leitores e leitoras ao papel que se esperava das mulheres, seus editores recorreram a longos textos exortativos que versavam sobre a importância da mulher na sociedade. Um deles é aquele assinado por Dr. Maurepas, publicado no *O Menelik*, já examinado neste capítulo; outro desses conteúdos exortativos foi publicado no *Elite* número 4, em março de 1924, intitulado "É por aqui...". Este texto foi publicado sem assinaturas, logo em seguida da seção de Expediente, na qual o jornal afirma categoricamente não publicar contribuições com pseudônimos que não sejam os da redação. Tal informação, aliada à sua posição de destaque, abrindo a folha, possibilita a conclusão de que é um texto cujas afirmações são endossadas pelo periódico.

¹⁰⁹ CRÍTICA. *A Sentinella*, ano 1, n. 1, 10 out 1920.

¹¹⁰ SECCÃO Crítica: Centro. *A Rua*, ano 1, n. 3, 24 fev 1916.

A preocupação revelada no texto é com a aparência feminina, pois para ele "[a]s linhas physiônicas de cada individuo nada mais lhes são do que, da sua alma, o proprio reflexo" e, portanto, o fato de as mulheres negras serem consideradas *feias* pela sociedade em geral era devido a uma única razão: seu interior também não ser educado o suficiente para ser belo. O autor considera isto um problema pois, para seu pensamento, a mulher, de forma genérica, é considerada como "a base fundamental por sobre que se constrói a sociedade por todos os tempos" — e se as mulheres negras não correspondem aos rígidos padrões da sociedade hegemônica, como pode a "classe dos homens de cor" pretender se inserir na sociedade em termos de igualdade? É nesse sentido que o autor nos apresenta a figura que denomina de "pretinha", em sentido pejorativo:

Assim, de olhos fechados, peguemos de uma dessas humildes creaturas que os nossos costumes cognominaram de pretinhas. É sempre uma victima de pobreza servil.

O pecado, já hereditario dos paes, original como diriam os textos sagrados da Escriptura, (faço aqui uma comparação ironica entre o peccado de Adão e a culpa do escravo em ser escravo) a fez analphabeta ou quasi isso.

Apezar do anunciado, lhe dorme latente no recôndito d'alma um sentimento de affectuosíssima docilidade. Ama, como mulher, até o mais cruel dos sacrificios e, não reconhecendo os homens com os seus defeitos e aberrações, atravez da sciencia dos livros, não raro se precipita, por eles até o mais baixo nível da lama.¹¹¹

A "pretinha" é, em si, uma figura de faltas. O uso do diminutivo aqui não apenas serve para designar a juventude das moças, mas também aponta para sua pequenez, seu estado de infantilidade e ingenuidade, que a torna uma figura que precisa ser tutelada e protegida por figuras masculinas de seu círculo familiar, como pais e irmãos: entre tudo o que lhe falta, a falta de educação formal e conhecimento do mundo a torna inepta para tomar decisões sobre si e, quando as toma, acaba por desviar-se da moralidade, de forma que "não raro se precipita [...] até o mais baixo nível da lama"¹¹².

A pobreza na qual esta figura vive, enquanto pretinha, ou seja, enquanto figura infantilizada, não é sua culpa, mas algo herdado dos pais — assim como o analfabetismo. Como uma ingênua incapaz de escolher o melhor para si, esta figura precisa ser incentivada, em especial pelos pais e irmãos, as figuras masculinas mais próximas, a buscar uma educação formal, a qual não só lhe garantiria oportunidades de trabalho que não demandem esforço físico mas, principalmente, adquiriria pela educação dos livros conhecimento sobre os ardis dos homens e não seria por eles facilmente enganada. A educação letrada é, para esse autor, o

¹¹¹ E' POR AQUI..., *Elite*, ano 1, n. 4, 2 mar 1924.

¹¹² Idem.

caminho para evitar que as jovens mulheres se desviem do que é moralmente desejado e, aliado a isso, passem a apresentar os modos e comportamentos que o editor considera agradáveis e adequados para mocinhas.

Aqui, gostaria de abrir um parêntese. O autor do editorial do *Elite* afirma que, uma das razões que precipitam a decadência das ignorantes pretinhas é seu desconhecimento dos homens e seu amor por eles. Uma solução para esta questão, além do conhecimento letrado e dentro do próprio meio negro, já fora proposta na edição do mesmo *Elite* que precede o editorial "É por aqui...". Assinada pelo pseudônimo Montezuma, esta coluna defende a presença das mocinhas nos bailes — considerados por alguns como ambientes de degradação moral — para que aprendessem, nesses ambientes de sociabilidade controlados, nos quais elas eram observadas por pessoas preocupadas com a imagem e respeitabilidade, a não cair nas armadilhas amorosas dos rapazes.

Prender as filhas como já tenho visto, proibir as filhas de ir aos bailes, não consentir em sua casa as mocinhas que, divertidas, frequentam os bailes! [...] Se acham que esse é o caminho do mal, mesmo assim devem deixá-las seguir, porque neste mundo não só não se erra quando se conhece a qualidade do erro. Criando-as com uma pudicície illimitada mais tarde ellas, desconhecedoras do erro, mais facilmente a elle se arrastam.¹¹³

É difícil afirmar com certeza que Montezuma seja o mesmo autor do editorial do número 4, considerando os diversos redatores creditados no cabeçalho do periódico; a única afirmação possível é que se tratava de algum dos redatores, afinal, o jornal deixa bem claro que não aceita colaborações com pseudônimos, sendo estes de uso exclusivo da redação. Parece ser, então, uma das preocupações do jornal *Elite* a educação das moças negras para os relacionamentos. Interessante notar, então, que Montezuma apresente o baile como um espaço de aprendizado, repreendendo aos pais que não deixam suas filhas os frequentarem e, no número seguinte o editorial aprofunda a necessidade de educar as jovens, exortando aos pais e irmãos — figuras masculinas — que priorizem a educação das meninas.

Retorno ao editorial do *Elite*. Após apresentar o grande problema da "pretinha" e o causador de sua decadência, o autor nos apresenta suas consequências na constituição física da jovem que irão transformá-la em uma mulher sem beleza. A "pretinha", forçada por necessidades de subsistência e formação escolar escassa, passa a trabalhar em funções de pouco prestígio, que demandam esforço físico, consideradas incompatíveis com o delicado físico feminino. Assim, as jovens se tornam "espantalhos", tanto na aparência, quanto na

¹¹³ MONTEZUMA. O Baile. *Elite*, ano 1, n. 3, 17 fev 1924.

personalidade de "coração endurecido pelo rancor". Por esta razão, nos informa o autor, essas mulheres passam a ser vistas por todos em sentido pejorativo como "a negra" de "expressão dura". Entretanto, os jornais não advertiam contra os relacionamentos ou mesmo contra o amor romântico. Pelo contrário, era de interesse daqueles autores da Imprensa Negra paulistana — para os quais os romances eram a principal fonte de inspiração de suas produções literárias — que as mulheres fossem educadas para esse mesmo amor romântico, como demonstra uma coluna de 1919, no *A Liberdade*:

E's ainda muito cr[i]ança, porem, para modulares uma phrase de amor ou mesmo para comprehendel-o. O amor possui segredos que só a alma já trabalhada pode comprehendere [...].

Mas, querida amiguinha, se deres alento ás virtudes da tua alma, si purificares o teu coração no cadinho do saber, que eleva o nosso estiri[t]o, então poderás evitar as seduções que tudo fana e deshonra qye tudo mancha; não deixarás o teu pobre coração afogar-se no mar das paixões sem poder fugir dos laços que extendem os vícios.

Assim, rir-se-às dos devaneios dos teus conquistadores.

Porem, querida amiguinha, não educar o coração para amar, é o mesmo que negar ao Poeta uma Lyra para cantar, e aos Anjos um ceu para estender suas azas!¹¹⁴

Portanto, não era interessante mulheres de "coração endurecido" e "expressão dura" em razão das decepções amorosas que experimentaram, ou seja, céticas quanto ao amor romântico tão caro a esses autores. Pelo contrário, era interessante que fossem conhecedoras, da forma controlada como propiciavam os bailes, das questões de relacionamento, para que não fossem enganadas, e que por isso, caíssem em comportamentos indesejados e reprováveis, cujo resultado seria o endurecimento de sua personalidade e decadência de sua aparência. E, como analiso com mais atenção no item 2.2 deste capítulo, a beleza feminina era de suma importância, na concepção dos realizadores da Imprensa Negra, para alcançarem seus objetivos de "elevação da classe".

Retomo o editorial do *Elite* número 4. Antes de partir para sua conclusão, o autor do texto exorta aos pais e, em especial os "moços que têm irmãs pretinhas", para que não debochem desta figura, pois elas refletem o caráter da "elevação moral" dos negros, e alerta para que façam ao contrário: zelem por estas jovens incentivando sua educação, pois esta "frutifica em qualquer terreno. Bem hajam os paes que legarem tal thezouro às suas filhinhas prestando, deste modo, enorme beneficio á classe".¹¹⁵ Neste momento, o autor está falando da educação *formal* das meninas negras. O autor compara a figura da "pretinha" a outras

¹¹⁴ OLIVEIRA, Arthur de. Início de Columna. *A Liberdade*, ano 1, n 5, 28 set 1919.

¹¹⁵ E' POR AQUI..., *Elite*, ano 1, n. 4, 2 mar 1924.

mocinhas, "typos perfeitos esmerilhados por uma educação ainda que rudimentar, que vão preenchendo soffrivelmente o vacuo enorme da nossa escala social"¹¹⁶. Essas mocinhas usariam trajes modestos, que o autor considera consequência do desenvolvimento do senso estético produzido por uma educação melhor, além de não trabalharem em funções que demandam esforço físico, que seriam responsáveis por deformar seu corpo e fazer desaparecer a delicadeza que torna as mulheres belas. Mas, afirma o autor, com o incentivo à educação das jovens mulheres negras, "[o]s espantalhos vão cedendo lugar às frágeis criaturas de elegante perfil e doce sorriso".¹¹⁷

Porém, quais seriam essas ocupações consideradas tão terríveis para a mulher negra por nosso ilustre autor? Aquelas que desempenham funções consideradas típicas do universo feminino, "que constituíam tarefas extensivas ao próprio trabalho realizado nos lares":¹¹⁸ lavar, engomar, cozinhar, trabalhar como enceradeira ou copeira. Além disso, o trabalho doméstico não era muito bem visto pela sociedade: ainda no século XIX os "representantes do poder" buscaram a regulamentação do setor, por ser considerado pelas classes dirigentes como "desorganizado", "descuidado" e "desmoralizado", cujas funções eram ocupadas por pessoas "desonestas", "imorais" e "viciadas".¹¹⁹ Para nenhuma surpresa do leitor, este também era o setor que mais empregava indivíduos negros e, em especial, mulheres negras.¹²⁰

Em uma primeira leitura das afirmações deste autor, é possível interpretar que ele esteja sugerindo que as jovens, para agradarem "aos mais rígidos analysts" recebam melhor educação não para lhes dar perspectiva profissional ou de independência, mas para "torná-la uma companhia mais agradável e interessante ao homem".¹²¹ Entretanto, é necessário apontar que ele em momento algum afirma categoricamente que as mocinhas que caracteriza como "typos perfeitos" deixaram de trabalhar; os próprios jornais apresentam dois indícios que apontam para uma direção diferente da interpretação inicial. O primeiro são as notas celebrativas abordadas anteriormente neste capítulo, uma que registra a formatura de Benedicta Izabel na escola normal, e outra que, ao felicitar Benedicta Ellis Cardoso por seu aniversário, informa também que esta jovem era uma estudante normalista. Ou seja, que as

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ SOUZA, Flavia Fernandes. *Escravas do Lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na Corte Imperial*, In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio. *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012, p. 252

¹¹⁹ Idem, p. 258.

¹²⁰ Idem, p. 250-1; TELLES, Lorena F. S. *Libertas entre sobrados: contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

¹²¹ RAGO, *Do Cabaré...*, p. 63.

mulheres negras continuassem a perseguir uma posição no mercado de trabalho não era um problema, contanto que se educassem para exercer uma função dotada de certo prestígio.

O segundo indício está presente na edição 20 d'*O Kosmos*, de 1924. No espaço que este jornal reservava às questões da vida social, em uma seção denominada "Exame", os redatores elencam as disciplinas nas quais a jovem chamada Durvalina Baptista foi aprovada na "Escola de Commercio e Preparatorios, obtendo grau em Dactylographya, Portuguez e Correspondencia".¹²² Assim como as posições no magistério, que as jovens normalistas buscavam desempenhar, cargos nos setores de comércio e serviços não estavam fora das expectativas profissionais das mulheres neste momento do século XX, no qual começavam a acessar posições profissionais nesse setor.¹²³ Desde o final do século XIX, as mulheres ocupam posições profissionais no magistério, comércio, artes, enfermagem;¹²⁴ portanto não é estranho que o autor daquele editorial do *Elite* estivesse incentivando que as jovens negras buscassem uma educação com fins de qualificação profissional, que as permitissem atuar nessas profissões de maior prestígio social.

Destaco também o uso das taxonomias nas designações raciais usada pelos autores para hierarquizar as mulheres¹²⁵ em função da aparência e do consequente prestígio social implícito em sua beleza. As "pretinhas" são aquilo que deve ser evitado; já as moças que cumprem seu papel agradando ao olhar masculino, não são caracterizadas por nenhum termo que as identifique como *negras*, fora do contexto textual que permite interpretar que os autores estão, de fato, falando de jovens negras.

A concepção da mulher como mãe, esposa e educadora, sendo que este último atributo poderia estar ou não associado ao papel de mãe, não sofre grandes mudanças até o ano final de nosso recorte. Mesmo em folhas às quais se atribui um perfil mais engajado, como *O Clarim d'Alvorada*, o papel das mães como as primeiras responsáveis pela educação dos filhos ainda é uma preocupação presente. Porém, com uma percepção mais realista da condição das "patricias" na sociedade do começo do século, o jornal deixou de insistir que as mulheres largassem suas funções profissionais, ou de repreender os "patricios", os incentivando ao matrimônio e a uma família na posição de homem provedor; ao contrário, a existência de mulheres negras inseridas no mercado de trabalho e as dificuldades relacionadas ao acúmulo de jornadas como trabalhadora e mãe começa a ser aceita como um fato da realidade e um

¹²² EXAME. *O Kosmos*, ano 2, n. 20, 20 jan 1924.

¹²³ PINTO, *Aracy...*, p. 146.

¹²⁴ *Idem*.

¹²⁵ CORTES, Giovana Xavier da Conceição. "Leitoras": gênero, raça, imagem e discurso em O Menelik (São Paulo, 1915-1916). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 46, 2012, p. 175.

problema que compete ao meio negro solucionar: no final da década de XX um colaborador d'*O Clarim* propõe a criação de uma escola de educação — uma creche, por assim dizer — para acolher os filhos das mães negras trabalhadoras, que não podem se dedicar integralmente à educação de seus filhos na primeira infância. Desta forma, as mulheres não seriam tolhidas de sua ocupação, tantas vezes necessária, e as crianças teriam a supervisão e cuidados considerados adequados para que se tornassem adultos exemplares:

Está mais que provada a theoria de que é a infancia a época em que se formam os caractéres. É na infancia que se estabelecem as directrizes conductoras da vida futura: ou caminhos rectos ou verêdas menos dignas" Assim, saibam as mães dirigir seus filhos [...] dêm-lhes exemplos salutarees, e, estamos certos, amanha tereis, ó homens de côr, a nova geração que necessitae! [...]
Podereis ripostar-nos: a maior parte das mães pretas não pode dedicar-se á educação de seus filhos!
É verdade! Em virtude das contingencias da vida, não pode, a maior parte das mães pretas, dedicar-se absolutamente á educação de seus filhos. [...]
Que importa, pois, fazer, em taes conjecturas?
Cousa simples que, com um pouco de bôa vontade, um pouco de esforço da collectividade, facilmente se obterá.
Ema [sic] Escola de Educação!¹²⁶

Mesmo com a mudança no entendimento da atuação da mulher que não poderia ser mãe em tempo integral, e ausência de outros editoriais que as condenavam pelo trabalho em funções de baixo prestígio, em 1929, algumas concepções sobre o comportamento feminino não eram tão diferentes daquelas dos anos anteriores. Vicente Ferreira¹²⁷, e ocasional contribuidor d'*O Clarim*, escreve um texto exaltando a função da mulher como "estrella do lar". Este autor se preocupava com o que chama de decadência da mulher negra, e também utilizou a metáfora da lama para descrever a situação na qual considerava que as mulheres negras se encontravam. A solução para tal situação é exortada por Ferreira: a mulher negra deve se juntar ao meio negro e suas reivindicações e protestos, mas sem se esquecer da docilidade e amor, atributos femininos que, afinal, seus "irmãos" estão sofrendo com a ausência:

O papel da mulher nas sociedades foi sempre mas sempre desde os primitivos momentos da organização da organização [sic] da vida social na terra; a mulher foi a estrella do lar, a organizadora da vida para o triumpho: como, pois, este bastardamento que te fizeram descer mulher negra? Tu' que fostes a criadora do mais lindo paiz do mundo!... Atravessas mergulhada n'um recolhimento, tímido e apavorante, soffrendo os mais grosseiros

¹²⁶ COSTA, Alcides da. Educação. *O Clarim d'Alvorada*, n. 5, 30 jun 1928.

¹²⁷ Para mais informações sobre a atuação de Ferreira junto ao meio negro, ver: LEITE; CUTI, *E disse...*, pp. 59-72.

insultos; batida por todas as mesquinhas e crueldades; sonegada na tua delicadeza de seres tu'. — a irmã mais velha da família branca brasileira. [...] Nesse meio aonde os olhares são pesados como um rio de azeite: trouxeram para morte lenta, o espírito fino e delicado da mulher negra. Libertai-vos, desvencilhai-vos mulheres negras, do pantano, da lama sordida que fermenta, e, alevantai a bandeira do vosso protesto com um sorriso de irmã, que sabe castigar sorrindo; vindes com a vossa graça e entusiasmo amparar a obra da raça negra, que está perecendo por falta do vosso carinho e do vosso amor.¹²⁸

A construção da imagem e papel das mulheres na Imprensa Negra passa por mudanças, em especial sobre sua inserção no mercado de trabalho. Mas, quanto a seu papel como centro do lar, ou de seu comportamento desejado como doce e amorosa, não há mudanças significativas nos escritos masculinos. Em 1929, um expoente porta voz do meio negro paulistano ainda cobra das mulheres o sorriso e docilidade, da mesma maneira que *O Propugnador* elogiava a primeira mulher a ser mencionada pelo nome nos jornais da Imprensa Negra da capital.

2.2 A Beleza Feminina

Para os editores dos jornais da Imprensa Negra não bastava que as mulheres negras fossem amáveis e dóceis, mães, esposas e educadoras dos filhos: elas precisavam também ser belas. As formas como a beleza deveria ser determinada, entretanto, eram interpretadas de maneira diferente por cada um dos periódicos. A maneira mais simples, talvez, seja a encontrada no *A Rua*, que torna pública sua admiração pela beleza de determinadas moças:

— com a moreninha florista da Fabrica Annita, moradora a rua coronel Rodovalho por ser a flor mais linda da quella Fabrica A Rua tá apaixonada por vancê!¹²⁹

— foi declarada a moça mais bonita da zona, a sta Thereza da rua Pedro Alvares.¹³⁰

Contudo, nem apenas a elogios se resumia a preocupação dos periódicos com a beleza das mulheres negras. Os redatores d'*O Kosmos*, vinculado ao grêmio recreativo de mesmo nome e considerado uma sociedade bastante respeitada no período,¹³¹ se mostraram

¹²⁸ FERREIRA, Vicente. A Mulher Negra no passado e no presente. *O Clarim d'Alvorada*, ano 4 , n. 18, 14 jul 1929.

¹²⁹ SECCÃO Crítica: Braz. *A Rua*, ano 1, n. 3, 24 fev 1916.

¹³⁰ SECCÃO Crítica: Lus. *A Rua*, ano 1, n. 3, 24 fev 1916.

¹³¹ DOMINGUES, Os clubes e bailes *blacks*..., p. 1.

preocupados com as escolhas dos trajes femininos que, para eles, não eram apenas uma questão de escolha pessoal; para eles, os trajes da moda daquele ano de 1922 caracterizavam um exagero prejudicial às mulheres pela preocupação que as fazia ter com sua aparência física, em especial porque consideravam que a finalidade dessa preocupação com a aparência e com a moda serviria para fins imorais: seduzir aos homens. Esta preocupação mereceu uma coluna para alertar às mulheres quanto à escolha de suas prioridades, e que os trajes da moda não deveriam ser uma delas:

Diariamente os jornaes criticam justa e benevolmente o actual exagero da moda, que em geral, as senhoras adaptam nos seus vestuarios, prejudicando assim, — a moral e o physico. [...]

As senhoras que vivem captiva dos rigores da moda, tornando-se uma boneca, um objecto de luxo, unica e exclusivamente para prender a atenção do homem, terá fatalmente que ver fracassado o seu falaz Império, com o sello horrível do tempo; — a velhice, lhe imprimir na face.¹³²

Desta forma, para os escritores d'*O Kosmos* a beleza feminina não pode se originar apenas da preocupação com a aparência exterior, sujeita aos efeitos do tempo. Tal ideia não se esgota neste jornal, mas reaparece alguns anos mais tarde ao ser incorporada no editorial "E' por aqui..." do *Elite* — abordado no item 2.1 deste capítulo — que procura incentivar a construção de uma beleza modesta, que se manifesta na educação e nos modos: uma beleza construída em termos de respeitabilidade e adequação aos padrões de feminilidade em voga, ressaltando as características mais apreciadas: trajes modestos, elegância, e, mais uma vez, a docilidade, dessa vez expressa pelo sorriso:

Assim é que temos mocinhas cuja presença agrada aos mais rigidos annalystas.

Os trajes modestos coadunam-se perfeitamente com singeleza das suas maneiras, attestando o gran de [sic] sensibilidade artistica que é o apanagio do sexto. Os espantalhos não cedendo lugar ás frageis creaturas de elegante perfil e doce sorriso.¹³³

Em 1925, *O Clarim*, cujos editores estavam menos preocupados com críticas aos comportamentos nas sociedades recreativas e mais com a forma como os negros — ou "patrícios" — eram julgados pela sociedade branca, também traz uma coluna com críticas às tendências da moda consideradas pouco lisonjeiras para a aparência das mulheres. A coluna

¹³² OBSERVANDO. *O Kosmos*, ano 1, n. 6, nov 1922.

¹³³ E' POR AQUI..., *Elite*, ano 1, n. 4, 2 mar 1924.

critica uma tendência em especial, os cabelos curtos "à la garçonne", que de moda em Paris passaram a ser adotados também pelas "patricias de cor":

Quando Deus Nosso Senhor, creou Eva-a primeira mulher, deu-lhe um bello cabello, segundo a história Religiosa.

Assim tambem creou Adão, com seu bello bigode para o distinguir do sexo. Em Pariz, a cidade das novidades, talvez para agradar os patrões de Bares e Confeitarias, os rapazes e moças que servem nesses estabelecimentos cortaram os seus cabellos todos pelo mesmo sistema; e, d'ahi veio o nome de cabello "a la Garçonne".

[...]

Minhas patricias de côr, não cortem seus cabellos, embora sejam carapinhados, porque, foi o Creador que no-lodeu assim!;

Sejamos emitadores de tudo quanto pe bom, bello e que não nos sirva para desprestigiar-nos...¹³⁴

Os redatores d'*O Kosmos* também criticam a tendência de as mulheres cortarem seus cabelos curtos:

Com estas modas das mulheres cortarem o cabelo, eu vou deixar crescer meu cavanhaque, para não me confundirem com as melindrozias do Triângulo... Sahe azar!¹³⁵

Embora os autores considerem o corte de cabelo à la Garçonne como uma preocupação exclusiva com a beleza exterior, Rebeca Pinto¹³⁶ discute se esta forma de estilizar os cabelos é uma maneira de as mulheres borrarem as fronteiras entre masculino e feminino, em um momento de mudanças no qual as mulheres eram chamadas a ocupar o espaço público, mas ainda sofriam com as mesmas expectativas de que seu verdadeiro papel social deveria ser desempenhado dentro dos lares. As tendências da moda moderna incluíam não só os cabelos curtos, como também roupas que contrariavam o ideal de vestuário modesto, como se vê pela crítica do *Kosmos* e, talvez, a incorporação dessas tendências possa ser entendida, como aponta Pinto, como uma das formas encontradas pelas mulheres de viverem como desejam, reclamando um pouco do poder sobre os próprios corpos ante todo o discurso que visava controlar seu comportamento em todas as esferas.

Por outro lado, mesmo criticando as preocupações das mulheres com a aparência exterior, esses jornais promoviam seus próprios concursos de beleza. Edições de *O Menelik*, de 1915; *A Rua*, de 1916; *O Alfinete*, de 1918; *Elite*, de 1924; e *O Progresso*, de 1928 apresentavam aos leitores cédulas para que votassem na mulher mais bonita. Embora não seja

¹³⁴ CUNHA, Horacio da. La Garçonne, *O Clarim d'Alvorada*, ano 2, n. 16, 15 nov 1925.

¹³⁵ PALAVRAS degraças, sem graça. *O Kosmos*, ano 3, n. 29, 21 dez 1924.

¹³⁶ PINTO, Aracy... p. 93.

possível saber se todos os concursos ofereciam alguma compensação para as moças, em razão da preservação irregular de suas publicações, os organizadores do concurso promovido pelo *O Progresso* buscavam uma forma de agradecer a vencedora com alguns presentes:

Seguindo o exemplo dos nossos colegas do Getulino de Campinas, abrimos hoje um concurso para apurarmos qual a moça preta mais bonita de S. Paulo. A vencedora, num festival que se realizará no dia 1º de Janeiro, além de conferirmos o título de **Miss Progresso**, serão entregues diversos mimos, ofertas de casas comerciais.¹³⁷

Do jornal *A Rua*, que resta apenas a edição 3, não é possível saber as regras de participação do concurso de beleza, mas permite ver que essa ideia gerou algum engajamento: a mais votada obteve quinze votos e, embora as demais tenham um ou dois votos cada, configuram cerca de noventa nomes votados.¹³⁸ Já em *O Menelik*, o salto entre as edições disponíveis não permite saber qual a participação dos leitores no concurso, mas especifica duas regras para a escolha da moça mais bonita: a votação é voltada à “classe”, ou seja, devem ser votadas mulheres negras, e o voto deve ser dado pelos homens assinantes do periódico, em cédulas assinadas, para identificação do votante.¹³⁹ E, *O Alfinete* apenas especifica que a cédula deverá ser entregue em envelope fechado, mas parece se esquecer do concurso na edição seguinte.¹⁴⁰

Por sua vez, quando o *Elite* realizou seu concurso de beleza houve críticas à sua promoção, às quais só foi possível tomar conhecimento graças aos colaboradores do jornal que decidiram sair em sua defesa. O teor dessas críticas, entretanto, só é possível deduzir através do posicionamento do defensor do concurso e de seu organizador:

Já começaram a aparecer as críticas sobre o concurso de beleza [...] mas o Alfredinho não se atemoriza com pouca coisa; seguindo o seu pensamento em trabalhar para demonstrar que os homens de cor também sabem sentir e também existe o que possa ser apresentado como fazem os da cor branca. Quem pode negar, a não ser por espírito meramente contraditório, que a cor morena chama a atenção? E não é só: vemos pretinhas, que sobre sahem já pela cor e seus modos galantes sobrepujando as demais, sem que para isso seja permitido dispensar parcelas (?) de favores em elogios. E no entanto ouvi dizer alguém “Onde se poderia encontrar beleza para tal concurso”? Em nossa raça, diremos nós.¹⁴¹

¹³⁷ MISS «Progresso». *O Progresso*, ano 2, n. 17, 31 out 1929.

¹³⁸ Ou interessadas no prêmio oferecido. Não sabemos se as regras do *A Rua* permitiam o voto em si mesma, mas sabemos que não permitia votos anônimos.

¹³⁹ CONCURSO de Belleza. *O Menelik*, ano 1, n. 3, 1 jan 1916.

¹⁴⁰ LIBERDADE. *O Alfinete*, ano 1, n. 4, 12 out 1918.

¹⁴¹ SOUZA, Frederico Baptista de. É assim... *Elite*, ano 1, n. 3, 17 fev 1924.

O concurso do *Elite* também repercutiu em seu contemporâneo *O Kosmos*, que criticou o baixo engajamento dos rapazes em tal empreitada, que buscava provar à sociedade que sim, havia mulheres negras que eram consideradas belas por seus "patrícios":

O "Elite" organizou o concurso de beleza, e quaes foram as apprehensões resultantes dessa missão, desde o início até hoje? Que nos cause admiração, nenhuma! Votação fraquissima, notando-se mesmo, ma vontade por parte dos nossos rapazes, que deviam gloriar-se de entusiasmo, porque se trata de colocar a nossas patricias no grau de superioridade de que são merecedoras; confirmando assim, que, entre elas, existem muitas que realmente são bonitas.¹⁴²

Embora se possa criticar os jornais pela postura de exposição e reforço da imposição da beleza como medida do valor das mulheres, os redatores interpretavam a beleza feminina com certa particularidade: "ser bonita dizia respeito à articulação entre o *good looking* e a feminilidade exemplar"¹⁴³ — que seria alcançada seguindo as prescrições de valores feitas pelos próprios jornais e por uma boa educação. Por outro lado, como demonstra o texto d'*O Kosmos* em defesa do *Elite*, a preocupação com a beleza também se dava em oposição ao racismo como era experimentado neste momento, afinal a colocação "confirmando assim, que, entre elas, existem muitas que realmente são bonitas"¹⁴⁴ aponta para a necessidade de afirmar de forma inequívoca a beleza da mulher negra. Tal necessidade de provar a existência de beleza entre as mulheres negras dialogava com as manifestações do pensamento racializado que é sintetizado por Giovana Xavier Côrtes:

Ao generalizar a crença numa sexualidade degradante através da Vênus de Hotentote, a medicina oitocentista conformava a mulher negra enquanto um objeto exótico, um símbolo da perversão, uma metáfora da nação doente e com isso cunhava uma justificativa que legitimava sua sujeição à intervenção, à subordinação e ao controle irrestritos, seja através de violências sexuais e morais ou da exploração de sua mão-de-obra.

Esse complexo processo histórico de "treinamento" do corpo africano como um ícone da feiúra, do primitivismo, da agressividade e do descontrole é parte da construção imagética sincrônica de mulheres brancas e negras durante a escravidão moderna.¹⁴⁵

Portanto, mesmo a reprodução das assimetrias entre os gêneros não pode ser tomada como uma assimilação acrítica dos valores dominantes: mas partem de uma complexa

¹⁴² DOMINÓ. ***, *O Kosmos*, ano 2, n. 22, 16 mar 1924.

¹⁴³ CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. *Branças de almas negras?: beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)*. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.p. 4.

¹⁴⁴ DOMINÓ. ***, *idem*.

¹⁴⁵ CÔRTEZ, *Branças de almas negras?*, pp. 110-111.

elaboração e de um posicionamento perante ao racismo da sociedade brasileira. Neste momento, não se questionam os fundamentos do discurso eugenista que, ao atrelar "corpo, saúde e beleza como sinônimos de progresso e inclusão nas nações modernas" excluía "elementos vinculados a uma identidade negra",¹⁴⁶ mas de certa forma se apropriam de seu postulado de perfectibilidade, buscando por si mesmos aplicá-los ao meio negro, ao que se devem tantas prescrições quanto à beleza e ao comportamento.

A escolha de não questionar os valores tão caros à sociedade perante a qual tentavam obter aprovação, como a beleza como atributo feminino que pode ser verificado pela aprovação masculina, por sua vez, parte da realidade material e da intrincada rede de dependência à qual estes líderes intelectuais — editores, redatores — estavam sujeitos. Esta posição de consciência da dependência aparece em um dos entrevistados de Virgínia Bicudo em seu trabalho desenvolvido nos anos 1940, descrito pela autora como "preto de classe intermediária" e "criado por branco que, transferindo-se de importante cidade paulista, fixou residência em São Paulo há cerca de 20 anos. Possui curso secundário e exerce uma profissão intelectual":

Em primeiro lugar, pode-se afirmar que não existe negro economicamente independente; portanto, aqui entendemos por negro rico aquele que for instruído, educado. [...]

Tenho modo de pensar diferente do preto, em geral, que acha que é necessário reagir contra o branco. O meu argumento é o seguinte: você é motorista de tal família e sua mulher empregada doméstica; você reage, e depois como sustentar seus filhos? Acho que é condição do negro só poderá melhorar pela divulgação da instrução entre eles.¹⁴⁷

Essa percepção reforça a interpretação de Alberto sobre o método de enfrentamento ao racismo escolhido por esses sujeitos, por meio da reafirmação de valores, fossem eles estéticos, morais, ou que pautavam uma conduta irrepreensível. Assim, concursos de beleza seriam a prova irrefutável de que, se a aparência de determinadas mulheres era aprovada pelos homens, ela era inegavelmente bela, confirmando a existência, afinal, de beleza das mulheres "da classe". Porém, as mulheres não se resignaram passivamente aos discursos reguladores sobre seus corpos: elas encontraram formas de se expressarem nas páginas desses mesmos jornais, mesmo que através de gêneros textuais que tendem a não ser tão prestigiados em função de seu caráter literário, como abordado no item 3.1 do próximo capítulo. As mulheres também não se resignavam à idealização de seu comportamento, que as desejava confinadas

¹⁴⁶ PINTO, *Aracy...* p. 163.

¹⁴⁷ BICUDO, *Atitudes...*, p. 73-75.

ao espaço doméstico, e não ocupando cada vez mais o espaço público que eram chamadas a ocupar, pois "a rua seria o espaço da desonesta".¹⁴⁸ Como analiso no item 3.2 do próximo capítulo, a reprodução dessas associações não só não se sustenta perante a realidade, como não faz justiça à atuação das mulheres junto ao meio negro.

¹⁴⁸ FARIAS, Juliana Barreto. Sob o Governo das Mulheres: casamento e divórcio entre africanas e africanos minas no Rio de Janeiro do Século XIX. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio. *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012, p. 122.

3 A Atuação Feminina

As mulheres negras exerceram papel significativo na Imprensa Negra para muito além de inspiradoras e assunto dos redatores: elas estavam presentes e atuantes nos espaços de sociabilidade. Um desses papéis era de distribuidoras dos periódicos da Imprensa Negra dentro das sociedades recreativas: fora do ambiente das sociedades, os jornais contavam com representantes, em sua maioria homens, que vendiam as folhas nas mais diversas localidades, e até mesmo em seus locais de trabalho; mas, como conta Correia Leite, as sociedades também eram espaços importantes para a circulação das folhas, a ponto de influenciarem as pautas para acolherem os jornais que não fossem seus órgãos oficiais e as responsáveis pelas vendas eram justamente as "moças da entidade"¹⁴⁹. Também é possível encontrar nos jornais algumas notas, como essa publicada pelo *O Kosmos*, na qual agradecem a colaboração das jovens como facilitadoras na distribuição das publicações dentro das sociedades:

As senhoritas Maria de Lourdes Lopes e Maria de Lourdes Castro, que attenciosamente acceitaram a incumbencia feita pela Directoria, para a venda desta folha, no recinto social do Gremio; cooperando assim pelo progresso da mesma.¹⁵⁰

Para além da atuação na distribuição dos jornais, as mulheres colaboraram com sua produção intelectual para a Imprensa Negra paulistana, embora suas contribuições textuais apareçam em menor número do que as de seus pares homens. Os motivos para tanto podem ser diversos, e é preciso considerar a possibilidade de parte dos originais enviados por mulheres não terem sido aceitos: fosse por tratarem de assuntos que os editores não consideraram interessantes o suficiente, ou receberem atenção mais crítica e cética pelo gênero de sua autora. Devido à ausência de indícios mais precisos sobre as contribuições enviadas para a imprensa mas que não foram selecionadas pelos editores, é difícil afirmar categoricamente a escassez de mulheres tentando reclamar a autoria do discurso sobre si mesmas. Afinal, "[...] as mulheres elaboraram variadas estratégias e ações para viabilizar o acesso ao mundo das letras, construindo suas próprias interpretações sobre o letramento, e conferindo à educação uma vasta gama de sentidos."¹⁵¹

¹⁴⁹ LEITE; CUTI, ...*E disse...*, p. 59.

¹⁵⁰ P.C. Trabalhando pelo progresso do jornal "O Kosmos". *O Kosmos*, ano 1, n. 11, 18 abr 1923.

¹⁵¹ PINTO, *Aracy...*, p. 10.

3.1 Mulheres Escritoras

Entre todas as séries de periódicos analisadas, apenas *O Menelik* reserva um espaço em suas edições para dar aos colaboradores a devolutiva dos textos que receberam. Logo no primeiro número, o jornal se dirige a duas colaboradoras a respeito dos textos que submeteram à redação:

D. Leopoldina

Agradecidissimo pelas composições que nos enviou. Damos com este a descrição, quanto o soneto está em analyse.

D. Ignez do A.

Sim senhora! O Menelik, nomeia-a sua collaboradora effectiva, no ramo de versos da ordem de Pé Quebrado.¹⁵²

Assim, apesar de em número reduzido, é possível encontrar contribuições textuais femininas, e também a disposição ocasional dos jornais em convidá-las a divulgar seus escritos, como ocorre com o *O Menelik* e *O Clarim d'Alvorada*.

O primeiro desses dois jornais, *O Menelik*, publicado entre os anos de 1915 e 1917, costumava trazer mais contribuições femininas que seus pares que circularam durante a década de 1910 e, como mostram alguns textos publicados naquele periódico, esta abertura é intencional. Em sua edição 3, um breve parágrafo convida as moças a enviarem suas contribuições para uma edição dedicada aos pensamentos femininos: "O proximo numero d' 'O Menelick' será collaborado por pensamentos femininos, por isso, gentis leitoras, não p pem esforços e enviem-nos os vossos trabalhos."¹⁵³ Infelizmente, não encontrei a edição seguinte, nem uma outra edição dedicada aos pensamentos femininos.

Em outras edições é possível encontrar seus editores solicitando ou agradecendo às contribuições das leitoras:

Cumprimenta as senhoritas Izaurinha e Brasília, distintas e inteligentes normalistas; e aguarda ser correspondido com a collaboração de cada uma.

— Srtas Paulina da Rocha e Angelina Pinto — Estou de mal, de mal e de mal, com ambas, porque esqueceram de mandar as collaborações prometidas; porém essa pazes serão feitas quando eu receber as promessas.¹⁵⁴

¹⁵² CAIXA-BALAIÓ. *O Menelik*, ano 1, n. 1, 17 out 1915.

¹⁵³ REPRESENTANTES d' «O Menelik». *O Menelik*, ano 1, n. 3, 1 jan 1916.

¹⁵⁴ DUQUE. Ideias parafuzadas. *O Menelik*, ano 1, n. 1, 17 out 1915.

Este trecho d'*O Menelik* não só nos informa da existência de colaboradoras femininas, que podem ter escrito para edições que não chegaram até os dias de hoje, como também aponta para a participação de normalistas entre tais escritoras — ou, ao menos, para o desejo dos jornais em ostentarem a colaboração dessas jovens. O exercício do magistério, por sua vez, não era estranho às mulheres:

[...] havia uma progressiva inserção das mulheres no mundo letrado, nas escolas e na profissão docente. [...] No campo da educação, tal questão é imperiosa, visto que grande parte das meninas e mulheres *se fizeram* professoras primárias ou preceptoras, atuando no magistério em escolas e colégios públicos ou particulares, evidenciando — ainda mais — a atuação feminina na esfera pública.¹⁵⁵

A posição de professora, então, não era apenas motivo de orgulho para o editor d'*O Menelik*, ou para os negros em geral, dado o prestígio intelectual atribuído à profissão. Ocupar cargos de professora era uma das principais maneiras que as mulheres, neste momento, encontravam para se inserir na esfera pública. Além disso, essa atuação era uma alternativa para as mulheres negras atuarem no mercado de trabalho, mas com uma profissão que lhes garantisse melhores oportunidades e mesmo uma posição social de maior prestígio ante a sociedade e seus pares — ao contrário de algumas outras profissões nas quais as mulheres negras também costumavam atuar, como cozinheiras e lavadeiras, as quais são constantemente julgadas e criticadas pelos realizadores da Imprensa Negra justamente pelo esforço físico que tais ocupações demandavam e pelo pouco prestígio social que lhes era atribuído.

Já os textos de mulheres publicados na primeira edição d'*O Menelik* fogem um pouco à expressão de sentimentos devotados ao amor romântico, como era comum nos textos de homens *sobre* mulheres ou mesmo quando os homens *escreviam* personagens femininas. A chamada "descrição" de autoria de Leopoldina Dias que, na realidade, se trata de uma narrativa curta, é escrita do ponto de vista de uma moça que, conhecendo um rapaz na praia de Santos, por ele se apaixona, se tornam noivos, mas acabam por romper o noivado. A narradora, entretanto, não lamenta seu amor perdido, muito pelo contrário:

A infame intriga, condenou-a desligar o nosso futuro.
Que tormentos, que passei, meu Deus! Mas me conformei com a sorte
descarregando sobre elle um vivo odio, que não findará tão cedo.¹⁵⁶

¹⁵⁵ PINTO, *Aracy...*, p. 31.

¹⁵⁶ DIAS, Leopoldina. Thema da vida. *O Menelik*, ano 1, n. 1, 17 out 1915.

Pouco adiante, na mesma página em que está o texto de Leopoldina Dias, há os versos de Ignez do Amaral. Sua contribuição consiste em um poema com seis estrofes de quatro versos, das quais reproduzo as duas últimas. Também não é exatamente um poema romântico, embora utilize imagens como choro de saudades, morrer e se matar de amores:

Tenho meu choro de saudade
Trancando lá na despensa
Se hei de morrer de amores
Não hei de morrer de fome.

Minha laranjeira doce
Carregada de formiga
Quem por amores se mata
Forte asneira.¹⁵⁷

Com senso de humor e com o desfecho inesperado das estrofes, Ignez do Amaral zomba dos grandes gestos românticos de sacrifício, muitas vezes exaltados pelos escritores homens. Amaral aponta que, diferente das idealizações, a vida de determinadas mulheres estava marcada pelo senso prático de sobrevivência, não é à toa que tranca o choro de saudade na despensa e prefere "morrer de amores" do que de fome.

O texto de Amaral difere da maioria dos demais poemas publicados nesses periódicos pois estes, quando não eram sonetos, com sua metrificação e rima restritas, se organizavam de maneira visualmente muito semelhante. A preferência pelo padrão do soneto para as poesias se estende por todas as séries, durante todo o período de publicação. É importante destacar, então, que a primeira contribuição feminina de poesia seja, justamente, com um poema que rompe com os estritos padrões da forma. O texto de Amaral também destoa da seriedade com a qual os demais poetas tratavam o assunto dos relacionamentos; ao invés disso, a autora se vale da maleabilidade da forma da poesia para criar uma obra de caráter irônico e humorístico.

A raiva da narradora de Leopoldina Dias contra seu ex-noivo, por romper o romance, e o deboche do eu-lírico de Ignez do Amaral apontam que as mulheres tinham ideias muito próprias sobre as relações fracassadas, e suas expressões a respeito nem sempre seriam consonantes às idealizações românticas. Isso é visível no desvio do padrão feito pelas duas autoras em relação ao conteúdo: os demais colaboradores literários dos jornais costumavam preferir longos textos de declarações amorosas, exaltação do amor romântico ou lamentos sobre relacionamentos terminados.

¹⁵⁷ AMARAL, Ignez do. Versos do pé-quebrado. *O Menelik*, 17 de outubro de 1915, n. 1.

Foi no espaço destinado às contribuições literárias, fosse em prosa ou poesia, que as mulheres encontraram uma maneira de integrar a escrita dos periódicos neste momento, reclamando o discurso sobre si mesmas. As razões pelas quais isto aconteceu podem ser apenas especuladas: é possível supor que houvesse maior flexibilidade por parte dos editores pelo fato de considerarem as expressões literárias um tipo de expressão subjetiva, lúdica e ligada ao sentimento, portanto adequado à expressão feminina associada ao emocional e não ao racional.

Dias e Amaral, porém, não foram as únicas autoras a aparecerem nos jornais — e sim as primeiras. Ainda durante a década de 1910, é possível encontrar outras contribuições de mulheres autoras em outros periódicos, embora suas participações não sejam anunciadas ou celebradas como o faz *O Menelik*. As autoras também tomam bem menos liberdades criativas em seus textos: em sua contribuição para *O Xauter*, Idalina Santos escreve sobre um amor com um final trágico, desencadeado por um acidente de trabalho:

Foi na rua, onde pela primeira vez se encontraram, os dois jovens corações que parecia ter nascido um para o outro.

Amaram-se e foram felizes.

Um grande cruzamento de fios, marca o lugar onde Xisto deve trabalhar. Inconsciente da sorte que o espera o rapaz trabalha alegremente, quando ao puchar um fio, esbarra em outro que não estava isolado e cae, morrendo fulminado.

A esposa, ao ter noticia do acontecimento não pode resistir, e como o seu querido Xisto, cahiu fulminada também, pela dôr do amor.¹⁵⁸

Destaco aqui o papel que as condições precárias de trabalho desempenham no conto romântico de Santos: não é um grande sacrifício que prove nobreza de caráter ou um ato de heroísmo que traz a desgraça aos dois amantes, e sim um infortúnio corriqueiro, que funciona como uma denúncia das funções arriscadas que acabavam por ser desempenhadas pelos trabalhadores negros.

O trabalho e questões cotidianas ocupam um espaço central no pensamento das autoras. Desde Amaral, que traz um senso prático de sobrevivência em seu poema, pois prefere morrer de amores do que de fome, tais questões permanecem nas colaborações femininas até mesmo quando as autoras falam de si mesmas:

O traço predilecto do meu carater, a incerteza; o que me dá tédio, o modo de vestir de minhas collegas (moças); o meu maior defeito, ser verdadeira; o que muito me desgosta, a vaidade; o meu peor pensamento, ser trabalhadeira;

¹⁵⁸ SANTOS, Idalina F. Morrer de Amor. *O Xauter*. n. 2, ano 1, 16 mai 1916.

o que me ataca os nervos, o fingimento; o que me dá incomodo, a affectação; o meu maior mal. ser pessimista.¹⁵⁹

Judith, ao traçar seu perfil pessoal, critica o modo de se vestir das moças que se preocupam com a aparência, pelo que é possível deduzir por seu desgosto com a vaidade e o tédio com o modo de se vestir de suas colegas. Seu pensamento se mostra afinado com os dos redatores e editores dos jornais que, como demonstrado no capítulo anterior, tinham muitas críticas a fazer sobre a maneira que as moças escolhiam se vestir, em especial quando seguiam as tendências da moda. O trabalho, aqui, continua representando uma preocupação, porém Judith considera pecar pelo excesso, implicado no termo "trabalhadeira", que considera ser seu pior pensamento — o que é curioso. No contexto dos jornais, no qual a respeitabilidade atrelada ao trabalho era valorizada, e no qual suas colegas autoras preferem as dores do amor do que as da fome, é preciso levantar a questão — para a qual não tenho respostas — do *porquê* Judith considera ser "trabalhadeira" seu pior pensamento.

Após o entusiasmo de *O Menelik* em publicar os textos de suas colaboradoras entre os anos 1915 a 1917, apenas em 1924 outro jornal celebra a participação de escritoras: *O Clarim d'Alvorada*. Este periódico demonstra disposição em abrir espaço para as contribuições femininas, e chega a reservar um espaço para elas, chamado "Seção Feminina". Antes mesmo de essa seção surgir, o jornal apresenta orgulhosamente sua primeira contribuição feminina:

Temos o immenso prazer de apresentar aos nossos queridos leitores os trabalhos que figuram na 1.a e 2.a pagina - visto serem de uma senhorinha que se apresenta hoje a publico com suas collaborações.¹⁶⁰

Diferente dos escritos das autoras apresentadas anteriormente, os textos de Maria de Lourdes não se distanciam das dores do amor romântico, pelo contrário, as abraçam e lamentam. O fim trágico do amor que escreve não ocorre por uma contingência da vida material nem por uma intriga que a faz criar sentimentos negativos pelo amado: a dor da separação passa a ser algo maior, que persiste ao longo dos anos e deixa marcas profundas na narradora:

Peço a Deus que não tenham a mesma sorte que eu pobre coração ferido que perdi meu primeiro amor e hoje só tenho a separação a ausencia e a saudade. De hoje em diante meu coração está fechado a tudo quanto for amor, somente reinará nelle a dor e a saudades. Triste fim do meu primeiro Amor!...¹⁶¹

¹⁵⁹ JUDITH. Perfil Intimo. *O Alfinete*, ano 4, n. 75, set 1921.

¹⁶⁰ MARIA Lourdes Souza, *O Clarim*, ano 1, n. 2, 3 fev 1924.

¹⁶¹ SOUZA, M. Lourdes. Meu Primeiro Amor. *O Clarim*, ano 1, n. 2, 3 fev 1924.

Nas edições d'*O Clarim* que se seguem, os textos de mulheres não demonstram preocupação com as questões materiais e passam a tratar de assuntos como a busca pelo amor romântico e as decepções amorosas, saudades ou contemplação da infância, saudades e esperança. Em sua maioria são carregados de tons lúgubres, tratam de assuntos emocionais — estes sim, considerados pertencentes ao universo feminino —, e não fazem quaisquer tentativas de se distanciar desses elementos. Mesmo quando as autoras escrevem do ponto de vista de um narrador homem, como faz Maria A. Silva n'*O Clarim* 27, os assuntos não fogem a temas como o amor fracassado e a saudade da amada:

Quem ama sofre. A carta, porem, é um verdadeiro balsamo, que vem suavisar o sofrimento de um coração esmagado pela saudade. E infelizmente, eu vivo imerso, num profundo oceano de maguas, dores e desillusões. A saudade, obriga-me a anunciar-te querida, o meu sofrimento e por isso tenho-te escripto algumas cartas [...].¹⁶²

Este texto de Maria A. Silva é particularmente interessante por usar das formas literárias para subverter o papel esperado de gênero ao escrever do ponto de vista de um narrador masculino, que ama e expressa esse amor através da escrita de cartas. O texto em si não é dedicado a alguém, como é comum ocorrer e, portanto, não podemos afirmar que haja uma inspiração em algum relacionamento real e não seja uma produção meramente criativa. Porém, é possível vislumbrar que a literatura era uma ferramenta que permitia às autoras "viverem de forma distinta daquela que se pretendia homogeneizar".¹⁶³

Há outros textos femininos que não se associam diretamente ao universo atribuído às mulheres, e que se aproximam de temas considerados "universais": um exemplo é o de Durvalina Baptista, que escreve sobre o dia de Finados e a finitude da vida humana:

Os sinos das egrejas, chamavara os crentes ao cumprimento de seus deveres para com os mortos. [...]
Finados! são os nossos paes, nossos irmãos, nossos amigos, que se foram; e em uma dôr plangente, enviamos uma prece ao Creador, em suffragio á alma delles, quando em uma igreja assistimos ao santo sacrificio da missa, ou em nossa casa em frente a uma imagem.
E no livro dos tumulos, aprendemos uma verdade, tudo alli fica: o orgulho, a vaidade, a grandeza e desconhecemos então o nosso valor; meditamos alguns momentos e a verdade se impõe ativa e soberana — “homens, tu és pó, e em pó te has de tornar”.¹⁶⁴

¹⁶² SILVA, Maria A. *O Clarim d'Alvorada*, ano 3, n.27, 14 nov 1926.

¹⁶³ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - UnB, Brasília, 2006. p. 103.

¹⁶⁴ BAPTISTA, Durvalina. *Kosmos*, ano 3, n. 28, 16 nov 1924.

O texto de Durvalina Baptista foi publicado na primeira página, logo após o editorial da edição de novembro — mês do dia de finados —, em uma posição de bastante prestígio para um jornal que, até então, não havia publicado colaborações assinadas por mulheres. É possível deduzir, então, que a autora contava com certo respeito e prestígio entre os editores do *Kosmos*. Mas o que os jornais contam a seu respeito?

Durvalina Baptista era filha de Frederico Baptista de Souza, prolífico contribuinte para os periódicos da imprensa negra e que ocupou diversas posições na diretoria do Grêmio Kosmos ao longo dos anos, e trabalhou como bedel da Faculdade de Direito¹⁶⁵. Dessa forma, o pertencimento familiar já colocava Durvalina em posição de evidência perante os redatores do *Kosmos*, em especial se considerarmos que a redação era composta por integrantes da diretoria do próprio Grêmio. Contudo, creio que atribuir a seleção deste texto para o jornal e sua posição na primeira página apenas pela posição ocupada pelo pai da autora seria insuficiente.

A primeira aparição de Durvalina nas páginas da Imprensa Negra ocorre já na seção social da primeira edição d'*A Liberdade*, na qual ganha destaque pela presença na inauguração do quadro de Damas do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos, e já é descrita como "eloquente":

Após a redacção do jornal Alfinete fez presente de um rico collar dedicado a menina Durvalina Baptista.
Depois de ter recebido o presente de que è merecedora, com umas palavras eloquentes agradeceu a sua coadjuvação.¹⁶⁶

Já na edição 20 d'*O Kosmos*, de 1923, no espaço reservado para os eventos da vida social, há uma coluna chamada "Exame", que elenca as disciplinas nas quais Durvalina Baptista foi aprovada com destaque na Escola de Commercio e Preparatorios em sua obtenção de grau em "Dactylographya, Portuguez e Correspondencia".¹⁶⁷ As competências profissionais de Durvalina não eram uma perspectiva distante das mulheres de sua época: de acordo com Pinto, desde o final do século XIX, as profissões ocupadas por elas eram o magistério, comércio, artes, enfermagem e, nesse momento, começam também a acessar cargos no setor de serviços, no qual se encaixam as formações de Durvalina.¹⁶⁸

¹⁶⁵ Conforme consta no Diario Oficial da União de 2 de julho de 1912, página 8, que pode ser visualizada em <<https://bit.ly/34sHXyF>>. Acesso em 17/12/2019.

¹⁶⁶ PELOS salões: Grêmio Dramatico e Recreativo Kosmos. *A Liberdade*, ano 1, n. 1, 14 jun 1919.

¹⁶⁷ EXAME. *O Kosmos*, ano 3, n. 20, 15 mar 1923.

¹⁶⁸ PINTO, *Aracy...* p. 146.

O reconhecimento da jovem Durvalina Baptista não se esgota nos méritos obtidos na educação formal, com a obtenção de seu grau profissionalizante. Desde o número 3 d'*O Kosmos*, sempre que o jornal aborda as encenações teatrais amadoras promovidas pelo Grêmio Kosmos, Durvalina Baptista aparece como atriz amadora, ora sendo a única, ora tendo como colega de palco a sra. D. Maria Honorina Soares — que ocupava posições na diretoria de damas do Grêmio. Durvalina frequentemente recebia destaque por sua atuação nas montagens teatrais:

Todos os amadores que tomaram parte no drama, deram um certo realce no desempenho, que é merecedor de elogios, sendo porem necessario destacarmos a Srt. **Durvalina Baptista**, que se encarregou do papel de Maria da Soledade. Soube essa amadora com intelligencia aproveitar as scenas mais dramaticas, empresando todo o brilho e sentimento que a sua parte exigia, sendo esta a primeira vez que desempenhava um papel de responsabilidade, [...].¹⁶⁹

Os amadores que mais sobressahiram durante o anno, foram: [...] Amadoras: — em 1.o lugar, Snrta. Durvalina Baptista; em 2.o D. Maria Honorina Soares.¹⁷⁰

Pelo Corpo Scenico, foi levado o drama em 1 acto — O ESCRAVO [...]; em seguida subiu á scena a comedia em 2 actos CASAR PARA MORRER, que tambem teve um optimo desempenho por parte dos amadores, destacando-se a snrta. Durvalina Baptista n parte de Amalia e abílio Rodrigues, na de Eduardo Costa, que nas scenas mais chistosas, fizeram rira a platêa as bandeiras despregadas, merecendo por esse motivo muitos applausos.¹⁷¹

A última edição disponível d'*O Kosmos* é a 30, de 1925; por isso, desconheço os passos seguintes das atrizes do grêmio em relação aos palcos. Mas o gosto pelas artes dramáticas persiste nos jornais: n'*O Clarim da Alvorada* número 27, de 1926, a primeira página de um número de apenas três páginas é totalmente dedicada à Cia Negra de Revista, com clichês de alguns de seus integrantes e um poema de Correia Leite em homenagem à estrela Rosa Negra. *O Progresso*, publicado em 1928, dedica recorrentes colunas para falar sobre Josephine Baker.

Rebeca Pinto fala sobre como as artes do palco eram uma forma relevante de os diferentes grupos acessarem o "código letrado",¹⁷² dada a sua presença no cotidiano das cidades. Antes da Cia Negra de Revista, não há divulgação ou comentários sobre apresentações de artes dramáticas profissionais nos jornais da Imprensa Negra; na primeira

¹⁶⁹ GRÊMIO Dramático e Recreativo "Kosmos". *O Kosmos*, ano 1, n. 3, ago 1922. Destaque no original.

¹⁷⁰ FESTAS. *O Kosmos*, ano 2, n. 20, 20 jan 1924.

¹⁷¹ SOCIAES: Festa do Gremio Dramatico e recreativo "Barão do rio Branco". *O Kosmos*, ano 1, n. 9, 21 fev 1923.

¹⁷² PINTO, *Aracy...* p. 48.

metade da década de 1920, o grupo de amadores do Kosmos ocupa papel central na promoção do teatro no meio negro. A senhorita Durvalina e Dona Maria Honorina em suas atuações amadoras dentro do Grêmio aparecem, então, construindo um espaço nas páginas dos jornais que, após o fim da série do *Kosmos* só viria a ser ocupado novamente por duas estrelas de grande renome.

Infelizmente, os jornais nem sempre trazem muitas informações sobre as peças, as quais eram escritas pelos próprios integrantes dos grêmios. A princípio, não encontrei mulheres roteiristas destacadas pelos redatores dos jornais, e os números de amadoras atuando nos palcos permanecem reduzidos ante o número de homens envolvidos nos núcleos dramáticos, os quais também atuavam como dramaturgos, roteiristas, cenógrafos e diretores. Entretanto, as mulheres permanecem atuantes como escritoras de outros gêneros textuais que não o drama, e continuam enviando suas colaborações para os periódicos.

Em 1928, *O Clarim d'Alvorada*, a partir do número 3 da sua auto-designada segunda fase, cria uma seção literária chamada "Página Feminina" que, inicialmente, é um espaço dedicado às contribuições de mulheres. Mas, logo na apresentação de tal seção, os editores deixam claro seus critérios para as contribuições das leitoras:

Apresentamos hoje, com intimo regalo, pela segunda vez, a nossa modesta secção literaria das nossas gentis leitoras. [...] não queremos aqui, banalidades inuteis e cousas infastidiosas aos leitores inteligentes. [...] Podemos adiantar também, que, estamos dispostos a dar um modesto premio, a qualquer senhora ou senhorita que nos enviar um trabalho mais ou menos solido, sobre a Mãe preta, ou a questão da Mulher na litica [sic] militante.¹⁷³

A nota da redação d'*O Clarim* mostra o olhar crítico com os quais os textos femininos eram recebidos, e a própria representação das mulheres por trás desse olhar, cujos interesses tendiam ao desinteressante e pouco inteligente. Essa concepção das mulheres como autoras de textos frívolos reforça o questionamento feito anteriormente: seria uma das razões pelas quais há tão menos contribuições de autoras do que autores a crítica intensificada com que seus escritos eram recebidos pelos editores?

Esta seção, em sua primeira aparição na edição 3, era estritamente dedicada à textos literários, como afirma sua apresentação; na mesma edição, fora desse espaço, há uma carta de Maria Amada Leal, uma das leitoras, a uma amiga:

Minha amiguinha,
Ha muito que não te escrevo, porem não leve a mal esta minha falta.

¹⁷³ PEQUENA Nota. *O Clarim d'Alvorada*, ano 1, n. 5, segunda phase, 6 jun 1928.

Alegrou-me muito a tua missiva de participação do teu noivado com o Joaquim; pois, um joven como elle, tão delicado, só deve unir-se a uma como tu, não é isto um elogio, fallo-te com sinceridade.

Muito necessário é a união dos pensamentos dos conjuges para a formação d'uma família, principalmente nós, que somos, brasileiras da meia noite.

Oxalá que todos quanto aspiram este ideal tenham o gráo de sentimento de que és dotada.

Se tiveres algum descendente, estou certa, que o acompanhará perfeitamente, na formação e desenvolvimento educativo, para que mais tarde não venhas pronunciar a triste frase que a toda hora escuto: «não posso com esse menino»! Com a alma que tens, espero que o Deus ha de te fazer-se feliz na nova pohase de tua vida.

Tua amiguinha sincera Maria Amalia Leal.

Campinas, Fevereiro, 1928¹⁷⁴

A resposta à carta de Maria Amalia Leal por sua "amiguinha" Maria de Lourdes Silva, entretanto, já vem no espaço reservado para as contribuições de mulheres na "Seção Feminina", mesmo que seu gênero textual não se enquadre exatamente na categoria literária. Sua característica definidora, então, deixa de ser seu formato de carta que lhe delimita o gênero textual, ou mesmo seu conteúdo, para se tornar aos olhos dos editores *um texto assinado por uma mulher*:

Querida amiga!

A tua tão amável cartinha, a qual, bondosamente me enviaste, muito me sensibilizou. Na tua explanação tão meia vi que ainda persistes com o nosso ideal plantar a união dos nossos irmãos.

Quanto seria para mim ditoso, se pudesse ouvir, as sublimes palavras em pról da nossa epiderme, como tú sabes proferir?!...

Com todo o ardor de sinceridade e pureza de coração affirmo-se que, da uniao que espero realizar, se viver algum descendente, podes ficar tranquilla que, o farei um baluarte de defeza da nossa união; e, jamais para volver um alto phraseado, ou um verbo inflamado contra os nossos irmãos.

MARIA DE LOURDES SILVA,

Santos, março de 1928.¹⁷⁵

Além da demonstração de amizade feminina, incomum nos jornais, a escolha dos termos feita por essas duas autoras deve ser observada: apesar do tom de conversa entre amigas, seu vocabulário é muito parecido com o dos editoriais exortativos em prol da raça. As amigas que trocam cartas usam da própria relação de amizade para reforçar o papel atribuído às mulheres pelos jornais, ou seja, a importância da atuação feminina como mãe e educadora dos filhos.

¹⁷⁴ LEAL, Maria Amalia. Carta á uma Noiva. *O Clarim d'Alvorada*, ano 1, n. 3, segunda phase, 4 mar 1928.

¹⁷⁵ SILVA, Maria de Lourdes. Resposta de uma Noiva. *O Clarim d'Alvorada*, ano 1, n. 3, segunda phase, 1 abr 1928.

Aqui, o papel da mãe como educadora adquire um outro sentido: não apenas reforça o local de atuação da mulher como dentro do seu lar, mas aponta a importância da educação que ela fornece aos filhos como parte de uma atuação militante no meio negro. A educação oferecida pela mãe não deve reproduzir os valores da sociedade hegemônica, mas fazer dos filhos "um baluarte de defesa da nossa união; e, jamais para volver um alto phraseado, ou um verbo inflamado contra os nossos irmãos"; ou seja, a educação dada pela mãe deve servir para que o filho não reproduza os preconceitos da sociedade branca contra os próprios "irmãos". Desta forma, o papel da mãe como educadora, se dá no interior do lar, com os filhos, mas ultrapassa seus limites: ela deve não apenas zelar pela união de seu núcleo familiar, como também promover nos filhos valores e sentimentos não apenas de *união* da raça, mas de *irmandade*.

Contudo, a nova dimensão que o papel de mãe como educadora de seus filhos ganha com essa cartinha não anula os textos que exortam aos homens para conduzirem as mulheres a exercerem essa função no espaço privado como uma forma de ativismo em si, pela demonstração de que eram capazes de reproduzir uma família nuclear aos moldes da sociedade dominante. Estas duas dimensões, afinal, se somam: o papel da mulher não deixa de ser de educadora dos filhos, enquanto mãe; mas a essa educação se acrescenta o conteúdo que deve ensinar aos filhos, esse sim, para defender a união dos "irmãos".

As outras contribuições das leitoras que foram publicadas n'*O Clarim* variam em temas e motivos: do elogio à efemeridade do amor sincero,¹⁷⁶ até conselhos para que as mulheres não sofram pelos homens, mas que aproveitem a mocidade, pois podem muito conseguir por serem mulher:

Ama-se, vive-se, é verdade; porem, de amor não se morre.
 Se és trahida, enchuga os teus prantos.
 O amor passa e, não ha nada que não se extingue;
 Zomba dos homens em paga de tudo.
 Deixa que te amem tambem.
 Mulher! não vês que és desejada?...
 Sem ti os homens deixam a propria vida; se uns te desprezam, outros te elevam,
 Não te desespere, rainha, mulher!...
 Goze a tua mocidade em flor;
 Podes bem zombar desses entes de bigodes.
 Não soffras, não, tú podes muito conseguir.
 Es linda, tu és fragil neste intuito.
 Tu podes adquirir, porque és mulher!...¹⁷⁷

¹⁷⁶ GLORIA, Maria da. As Rosas. *O Clarim d'Alvorada*, ano 1, n. 6, segunda phase, 1 jul 1928.

¹⁷⁷ D'ABRIL, Rosa. Conselho. *O Clarim d'Alvorada*, ano 1, n. 3, segunda phase, 1 abr 1928.

Este texto se aproxima mais daqueles publicados pelo *O Menelik* quase uma década antes e, em especial ao poema de Ignez do Amaral e a afirmação do eu-lírico então que se for para morrer de amores, prefere se trancar na despensa para não morrer de fome.¹⁷⁸ Ou seja, por mais que os textos femininos pareçam ter se conformado aos tropos preferidos pelos editores dos jornais, as mulheres não deixaram de reinterpretar essas ideias românticas pela forma como são afetadas por esse pensamento em suas vidas — e como podem empregá-lo a seu favor.

Mesmo em textos mais literários, nos quais tomam maiores liberdades criativas, ainda há subjacente a preocupação com aspectos práticos da vida. Neste texto de Maria Amália Leal — que o leitor pode reconhecer como uma das autoras das cartas entre amigas vistas anteriormente —, em que a narradora se lembra de figuras queridas, há também a questão da educação que estas mesmas figuras deram aos filhos, mesmo quando não receberam oportunidade ou incentivo semelhante:

Na minha rápida estadia, consegui conhecer um dos filhos de tio André, o mais velho, chamava-se N. Nesta hora já deve estar formado em medicina; dessa pequena palestra, guardo uma doce recordação. Moço de fina cultura, filho de pais africanos, apesar de viverem na maior pobreza, e nas trevas da ignorância; quizeram dotar os filhos de uma sabia instrução. [...]
Tio André, quanto lastimo a tua falta!... Tia Thereza sincera, trabalhadeira e prestimosa, sempre me recordo do teu phraseado interessante:
Tu' entrpa prá d'entro e vá estudá ralaxado.
Assim é o tempo — tudo passa.¹⁷⁹

A partir da edição 6 da segunda fase do *Clarim d'Alvorada*, a Página Feminina passa a apresentar textos assinados por homens, como poemas e textos literários sobre assuntos atribuídos ao universo feminino, como o romance. A seção se torna, então, um espaço dedicado aos textos literários, e não às vozes femininas. Essa mudança pode ter ocorrido pela escassez de contribuições de mulheres mas, também é possível supor, que ela ocorreu pelo fato de as contribuições não passarem pelo crivo dos editores ou não abordarem o assunto sobre o qual *elas* gostariam que elas escrevessem, como pode sugerir a afirmação que "*outrossim, participamos a nossos leitores que, até a presente data, ainda não recebemos nenhum trabalho com referencia ao pequeno concurso que fizemos entre as nossas leitoras.*"¹⁸⁰

¹⁷⁸ AMARAL, Ignez do. Versos do pé-quebrado. *O Menelik*, 17 de outubro de 1915, n. 1.

¹⁷⁹ LEAL, Maria Amália. Dé tá bençó mi fi. *O Clarim d'Alvorada*, ano 1, n. 5, segunda phase, 1 abr 1928.

¹⁸⁰ SECCÃO Feminina. *O Clarim d'Alvorada*, ano 1, n. 7, segunda phase, 12 ago 1928. Itálico no original.

A partir da edição 9 as colaborações assinadas por mulheres desaparecem até a edição 18, na qual o único texto efetivamente escrito por uma mulher é assinado por Benedicta Correia Leite. Após essa edição, tal seção feminina também desaparece das páginas d'*O Clarim* e não retorna até o final do ano de 1929, no qual encerro a análise das fontes. O texto de Benedicta Correia Leite difere, e muito, dos textos das colaboradoras mulheres que expus até aqui:

Sou mulher, sou mãe e sou esposa: são estas razões que me levam a desejar, que o Congresso da minha raça seja realizado. Discute-se em minha casa sobre todos os assumptos com respeito a questão racial, porém, eu vejo neste momento que, a influencia da mulher é necessaria neste grande movimento. Porque eu penso assim? Vejamos: em São Paulo ha inumeras sociedades dansantes, na totalidade, estas agremiações são frequentadas por mulheres de minha raça e, essas damas gosam de grandes influencias sobre esses cavalheiros, que, ao envez, de amparal-as moralmente; enfiltrando em seu espírito como cavalheiros do ideal — essa corrente dorte de desejos, para edificarmos o nosso ambiente moralizando, onde nossas filhas possam ter garantias de frequencias. Eu vejo que as sociedades da raça a que pertencço, vão disvirtuando os grandes sonhos dos idealistas contemporaneos. E assim sendo, elles — os idealistas — nada conseguirão sem a ajuda de uma legião de mulheres negras sensatas, que secudem numa confirmação de vontade; este meu ponto de vista.¹⁸¹

Benedicta Correia Leite, ao contrário de suas "patricias", não escreve literatura, nem fala sobre os assuntos abstratos tão associados ao universo feminino; pelo contrário, defende a atuação militante das mulheres na moralização dos espaços das sociedades que frequentam. Benedicta Correia Leite também fala tudo isso não só de seu ponto de vista como mulher, mas destaca os dois outros atributos que os jornais da Imprensa Negra valorizavam: esposa e mãe. Para esta autora, então, o papel da mulher no meio negro está intrinsecamente ligado a estas duas características; às mulheres então resta a coadjuvação no movimento, apoiando seus maridos e educando seus filhos, mas sem nunca disputarem os postos de liderança e o destaque de seus companheiros e filhos.

Entretanto, além da coadjuvação das mulheres no meio negro, ela aborda outro aspecto importante da vida feminina que os jornais nos permitem entrever: a atuação das mulheres junto às sociedades organizadas por e para negros e negras, as quais são importantes espaços para observar a agência das mulheres negras nesse início de século.

¹⁸¹ LEITE, Benedicta Correia. A Mulher Negra e o Nosso Congresso. *O Clarim d'Alvorada*, ano 4, n. 18, segunda phase, 14 jul 1929.

3.2 Mulheres organizadas: os núcleos de damas e grupos femininos

Como apontou Benedicta Correia Leite, as sociedades recreativas eram um ambiente muito frequentado pelas mulheres, nas quais elas possuíam certa influência, e é possível encontrar registros de sua participação ativa na organização desses espaços de lazer através dos jornais. Nos espaços sociais, as mulheres desempenham diferentes papéis: como oradoras oficiais dos quadros de damas ou de toda a sociedade; como diretoras e representantes do quadro de damas das sociedades recreativas maiores, cuja diretoria “principal” era composta exclusivamente de homens; ou como diretoras de sociedades e grupos de damas que não se vinculavam a outras sociedades organizadas por homens. Neste último caso, as sociedades organizadas por mulheres, chamadas sociedades de damas nos periódicos, organizavam e promoviam elas mesmas seus ensaios e festas, os quais não eram exclusivamente voltados para mulheres.

Uma das posições mais frequentes na qual encontramos mulheres atuando no meio negro é na oratória, emprestando sua imagem e voz para representar as sociedades recreativas das quais faziam parte. Infelizmente, como era prática dos periódicos, a descrição dos eventos estava mais preocupada em elencar os nomes dos presentes do que registrar detalhes como excertos dos discursos, seus temas ou mesmo resumos, de forma que o teor das falas de oradoras e oradores fosse conhecido. O apreço com que cada uma destas oradoras eram mencionadas pelos periódicos era bastante diverso, variando de acordo com a opinião de cada redator: enquanto por vezes *A Liberdade* se referia à oradora como "uma senhorita oradora do Elite Flor da Liberdade",¹⁸² *O Kosmos*, chama de "oradora oficial, Exma. Sra. D. Pedrina de Souza"¹⁸³ a porta-voz do Centro Recreativo 6 de Maio.

Os núcleos de damas, por sua vez, eram bastante ativos, e há uma profusão de registros nas colunas sociais das atividades que promoviam, em especial durante a década de 1920:

Realizou-se na noite de 20 de Janeiro findo, em sua séde social sita á rua Florencio de abreu 45, o sarau dansante organizado pelas socias e Directoras do '**Gremio Barão do Rio Branco**'.

A festa esteve animadissima como éra de prever, devido o entusiasmo que reinava entre as Directoras e a Directoria do Gremio, [...] As dansas prolongaram-se até o dia seguinte decorrendo as mesmas no melhor convívio familiar.

O buffet esteve a cargo das snras. Directoras, que foram gentis e amaveis

¹⁸² GREMIO D. R. 28 de Setembro. *A Liberdade*, ano 1, n. 6, 12 out 1919.

¹⁸³ CENTRO R. 6 de maio. *O Kosmos*, ano 3, n. 25, 26 jun 1924.

com todos. Affirmamos que a festa das damas, alcançou mais uma victoria para o progresso associativo do "Gremio Barão do Rio Branco".¹⁸⁴

Os elogios d'*O Kosmos* às atividades realizadas pelas sócias e diretoras do Grêmio Barão do Rio Branco informam os valores apreciados: não só a animação da festa que se prolonga até o dia seguinte, como também a qualidade de convívio familiar na qual a festa decorre. Por outro lado, não poderia faltar o elogio à *amabilidade* das diretoras, característica cuja associação ao feminino parece ser comum a todos os periódicos, a despeito de suas diferenças editoriais.

A atuação das diretoras das sociedades, a partir da década de 1920, passou a ser mais reconhecida nos periódicos como, pressuponho, consequência do reconhecimento que passam a ter dentro das próprias sociedades das quais se originam. Em 1924, o jornal *Elite* relata a homenagem recebida pelas diretoras do Centro Recreativo 6 de Maio. Na ocasião em que recepcionavam figuras femininas de destaque do meio negro de Campinas, os diretores do 6 de Maio decidiram prestar homenagem às suas diretoras; assim, três das diretoras do 6 de Maio receberam os presentes de reconhecimento por sua atuação da mão das mulheres visitantes:

[...] em seguida falaram as senhoritas pedrina de Souza, Eliza de Aguiar, D. Domingas de Campos, Andaria de Moraes, a menina Lourdes de Souza. Pelos convidados falou a senhorita Josephina Domingues, fazendo uma empolgante saudação á rainha da belleza Campineira, orgulho da nossa raça, Lais de Moraes; [...] Pelo presidente honorario foi declarado que os fundadores do Centro 6 de Maio, resolveram premiar os trabalhos de 3 incançaveis directoras, as quaes não medem esforços para a prosperidade social e, para entregar os premios convidou as tres senhoritas campineiras para a sua entrega que consistia em 3 medalhas de ouro. a senhorita Lais de Moraes fez entrega a de D. augusta Lopes; a senhorita Alice Campos, a de D. Manoela Reginaldo e senhorita Luiza de Andrade a de D. Aurora da Conceição.¹⁸⁵

Outra posição ocupada por uma mulher, mas sobre a qual os jornais oferecem muito menos detalhes de sua atuação, é a presidência do Auriverde Football Club: "— É hoje o dia do natalicio da exma. sra. d. Maria José de Paula Leite, presidente do Auriverde F. C."¹⁸⁶ É notável que uma mulher tenha ocupado a posição mais alta da diretoria de um esporte tão associado à esfera masculina; mais ainda digno de nota é o silêncio da folha *Auriverde* sobre a gestão da presidente, e até mesmo seu silêncio sobre quaisquer datas ou eventos celebrativos,

¹⁸⁴ SOCIAES. *O Kosmos*, ano 1, n. 9, 21 fev 1923.

¹⁸⁵ CENTRO RECREATIVO 6 DE MAIO. *Elite*, ano 1, n. 2, 20 jan 1924.

¹⁸⁶ SOCIAES. *O Progresso*, ano 1, n. 4, 7 set 1928.

tendo a nota da própria comemoração do aniversário da presidente da entidade sido publicada pelo *O Progresso*.

Como mencionado anteriormente, as mulheres também se organizaram em sociedades de damas — não que os homens não participassem de sua direção, mas elas tomavam a dianteira na organização dos próprios eventos. Uma das primeiras menções a uma sociedade que surgiu pelos esforços das "senhoritas da classe de côr" é a Lyrio Flor da Mocidade, cuja inauguração é noticiada pelo *O Bandeirante*, em 1918:

Surgiu, em 6 de Julho, ha pouco decorrido, mais esta associação recreativa, que, desde o seu inicio, conta inumeras sympathias; ella é oriunda dos esforços de elevado numero de Senhoritas, que pertencem a classe das "gentes de côr".¹⁸⁷

Entretanto, a Lyrio não conseguiu se tornar uma das associações femininas mais relevantes nas páginas dos periódicos, nem a mais longeva — a despeito das simpatias que recebe dos redatores d'*O Bandeirante*. Dentre as sociedades de damas que conquistaram tais atributos se destacam pelas frequentes menções nos periódicos a Brinco de Princeza e a Elite Flor da Liberdade.

A Brinco de Princeza aparece descrita como uma sociedade de damas pela primeira vez na edição 10 d'*A Liberdade*, mesmo tendo sido mencionada em edições anteriores deste mesmo periódico. É possível supor que fosse informação conhecida se tratar de uma sociedade de damas por esta já ser uma sociedade bem estabelecida no meio negro e o fato de ser dirigida por damas fosse conhecimento comum; ou que essa informação fosse transmitida aos leitores já que a sociedade possuía como nome um objeto associado ao feminino; ou que esta informação parecesse menos relevante aos redatores do que as qualidades das atividades promovidas. Entretanto, é preciso questionar a motivação dos redatores que destacam as figuras femininas que compunham a direção desta sociedade apenas quando noticiada uma situação de conflito entre sócias e diretores:

A sociedade acima, é uma sociedade de damas, cada uma vive de seus trabalhos, escolheu as segundas-feiras para dar os seus ensaios, [...] acontece que depois de tanto tempo de paz e harmonia, a directoria se viu obrigada a suspender duas damas muito conhecida de nosso meio social e jogar na rua de vez e tal geginho.

A Directoria que pensava estar socegada da tal fita que usam muito em salão, acontece outra no dia 8, dia este que a directoria resolveu prolongar o ensaio até mais tarde, o que não foi avante devido a desordem que ali se deu. [...]

A Directoria do Brinco de Princeza, em sua reunião mandou suspender dois directores por um certo tempo quando deveriam eliminal-os para dar bom

¹⁸⁷ "Gremio R. Lyrio Flor da Mocidade". *O Bandeirante*, ano 1, n.2, ago 1918.

exemplo para as outras sociedades, de maneiras que estas suspensões só podem prejudicar, atraz destas vem outras, sómente porque um dos suspensos não tem compostura devida.
Ahi fica.¹⁸⁸

Interessante notar as escolhas de escrita feitas pelos redatores d'*A Liberdade*. Em um primeiro momento, consideraram necessário mencionar que a sociedade era organizada por mulheres para destacar que as diretoras possuem ocupações para além das atividades recreativas, reforçando suas virtudes como trabalhadoras, o que as tornaria merecedoras dos momentos de lazer. Logo após esta informação, o redator procede então a tecer suas críticas ao que considera ser a leniência das punições aplicadas pelas diretoras, em razão de um conflito o qual não é informado pelo periódico, nem nesta edição, nem nas anteriores ou futuras.

A ocupação das diretoras da Brinco é revelada por Correia Leite, em outro momento: eram "cozinheiras de forno e fogão"¹⁸⁹ e, por vezes, elas mesmas responsáveis por financiarem as festas. As diretoras da Brinco, porém, não poupavam esforços para agradar os representantes da imprensa e das demais sociedades:

A primeira mesa [da festa] a ser servida foi a dos convidados das sociedades congêneres e da imprensa. Mas nunca da grande imprensa, sempre da Imprensa Negra. [...] Nesta festa do "Brinco de Princesa" eu percebi que na mesa dos convidados especiais havia só talheres de cristófer e louças de porcelana. Eram utensílios que as diretoras de sociedade emprestavam das famílias para quem trabalhavam. Depois de terminada aquela primeira mesa, tudo foi recolhido com o maior cuidado.¹⁹⁰

Importante destacar que "cozinheiras de forno e fogão" não era uma mera indicação de cozinheiras domésticas, pois estas poderiam ser do "trivial", de "forno e fogão" ou "perfeitas em sua arte". Ou seja, a categoria de "forno e fogão" implicava na detenção de saberes que iam para além dos preparos de alimentação do cotidiano, e também o conhecimento de diferentes tipos de fogões.¹⁹¹

Outro ponto de destaque no depoimento de Correia Leite sobre os eventos promovidos pela Brinco de Princeza é a confiança estabelecida entre as diretoras da Brinco e as famílias para as quais trabalhavam, das quais Correia Leite afirma que emprestavam os utensílios de mesa. Souza afirma que a proximidade entre patrões e trabalhadoras no ambiente doméstico

¹⁸⁸ NOTICIÁRIO: Centro Recreativo Brinco de Princeza. *A Liberdade*, ano 1, n. 10, 28 dez 1919.

¹⁸⁹ LEITE; CUTI, ...*E disse...*, p. 44.

¹⁹⁰ *Idem*, pp. 45-46.

¹⁹¹ SOUZA, *Escravas do Lar...*, p. 254.

implicava em "suspeitas e acusações, vigilância constante" baseadas na concepção que "os criados eram [...] pessoas 'desonestas', 'imorais', 'viciadas', que cometiam todo tipo de crimes contra os patrões."¹⁹² Contudo, uma relação entre patrões e empregadas que permita que as cozinheiras levassem utensílios de valor aparente dos patrões para prestigiar seus momentos de lazer não aparenta ser *sempre* permeada de desconfiança, pelo contrário, aponta para uma relação que pode ser caracterizada em termos de "vínculos de pertencimento, de cumplicidade, de afetividade ou de amizade gerados na convivência cotidiana"¹⁹³ — por mais que essas relações fossem permeadas de paternalismo, hierarquias e desigualdades.

Outra sociedade de damas que recebe destaque nos periódicos é a Elite Flor da Liberdade. Mas, ao contrário da Brinco que aparece n'*A Liberdade* em decorrência de seus problemas, a Elite Flor da Liberdade é enquadrada em luzes bastante positivas quando de sua primeira menção nos jornais, nas páginas d'*O Kosmos*:

Continua merecendo francos elogios dos senhores frequentadores, os ensaios dansantes desta sympathica sociedade, dirigida por distinctas senhoritas e sobre a proficua orientação dos seus representantes: os srs. José de Moura Marcondes, Mario Franco e Joaquim Domingues. Constando, que seus estatutos em breve vae ser registrado, passando a “Elite” a pertencer no ról das sociedades perfeitas e legalisadas.¹⁹⁴

O contraste entre as diferentes maneiras que as fontes qualificam as diretoras dessas duas sociedades, Elite e Brinco, aparece associado ao papel social desempenhado por suas diretoras tanto quanto à atuação masculina junto às organizadoras: enquanto a Brinco de Princeza, organizada por mulheres qualificadas como *trabalhadoras*, aparece em um contexto negativo, no qual suas diretoras são repreendidas por suas decisões, a Elite Flor da Liberdade, promovida por mulheres descritas como *distinctas senhoritas*, é aclamada, colhendo os elogios também para os representantes homens, responsáveis por orientar as senhoritas da diretoria, e que são, por sua vez, citados nominalmente, ao contrário das distintas senhoritas que permanecem como um grupo homogêneo e anônimo. Portanto, mesmo em um universo de associações que tivessem não só o recorte racial em comum, como também o gênero de suas organizadoras, ainda poderia haver tensões nas formas que eram retratadas pela Imprensa Negra. Ao mesmo tempo, fica bastante claro que a proximidade entre os redatores de um periódico e os membros influentes de uma sociedade recreativa afeta, e muito, a forma como estas sociedades podem ser retratadas nos jornais.

¹⁹² Idem, pp. 256-258.

¹⁹³ Idem, p. 256.

¹⁹⁴ SOCIAES: Elite Flor da Liberdade. *O Kosmos*, ano 1, n. 6, nov 1922.

Após o episódio de conflito descrito nas páginas do *A Liberdade*, a Brinco de Princeza continua a aparecer com frequência irregular nas diferentes séries de periódicos:

Conforme tínhamos anunciado anteriormente, realiza-se, no proximo die [sic] 26 do corrente, em sua séde social, um imponente festival do Quadro de Damas deste Gremio.

Constará de uma sessão solemne e um sumptuoso baile ao som de um excellente jazz-band; scientificados estamos que, as toilettes para esta festividade serão cor de rosa e azul; portanto, por certo, deverá ser uma noite de gala!...¹⁹⁵

Em 1928, essa sociedade volta a ser destaque no espaço reservado à vida social de um dos jornais, mas dessa vez de maneira positiva: o redator d'*O Progresso* elogia e celebra a Brinco tanto por sua longevidade quanto pela qualidade de seus eventos, mantida ao longo dos anos. O elogio pela longevidade se justifica: essa edição d'*O Progresso* é publicada em 1928, onze anos após a data em que o jornal atribui a criação da Brinco: a Brinco de Princeza superou e, em muitos anos, a longevidade do jornal *A Liberdade*, cuja última edição encontrada data de 1920.

Fundado em 1917 pelos espiritos empreendedores de d. Lydia Maria do Carmo e Miguel de Barros, o “Brinco” continua até hoje proporcionando aos seus associados magníficas reuniões da[nça]ntes. [...] aquella aggre[m]iação [...] conta ainda com o con[curso] de elementos de inconfundível valor.¹⁹⁶

No contexto de início do século XX, no qual os periódicos tinham vida curta e muitas associações também — fosse por partilharem das mesmas dificuldades com finanças que os periódicos, fosse pelo controle social estrito —, que uma associação organizada por mulheres negras trabalhadoras completasse onze anos de funcionamento, apesar dos conflitos internos, é um fenômeno bastante significativo. É possível supor que esta sociedade, apesar do pouco espaço que recebe nos jornais, possua sua maior relevância entre um público que não se organiza tão somente em torno desta imprensa, mas que ainda assim ocupa seus espaços de lazer; ou, que talvez as edições ou até mesmo os títulos que lhes davam o devido destaque não sobreviveram ao tempo e não chegaram até nós.

Por outro lado, é necessário considerar que neste intervalo de tempo, outras sociedades organizadas por mulheres tenham surgido e tentado se estabelecer, mas não tenham conseguido; ou mesmo não tenham conseguido obter o reconhecimento dos redatores da imprensa, que lhes garantiria espaço nas páginas dos jornais. Após estas duas sociedades de

¹⁹⁵ PELAS SOCIEDADES: G. R Brinco de Princezas (Azul e Cor de Rosa). *O Clarim d'Alvorada*, ano 3, n. 28, 20 jun 1926.

¹⁹⁶ VIDA Associativa: Gremio R. de Damas “Brinco das Princezas”. *O Progresso*, ano 1, n. 1, 23 jun 1928.

damas, apenas tomamos conhecimento do Grupo das Margaridas, que registrou seus estatutos em 1925, conforme noticiado n' *O Clarim*¹⁹⁷ e a Sociedade Beneficente «Arte Culinaria», cujo evento é relatado pelo *O Progresso*:

No salão Giuseppe Verdi á rua da Conceição, 5, no dia 15 do mês findo, a «Arte Culinaria» realizou sua festa, que teve a realçal-a a palavra facil dos srs. Gumercindo Fleury de Barros, Benedicto Florencio e da gentil oradora da sociedade.

A' d. Joanna da Rocha, sua esforçada presidente deve a «S. B. Arte Culinaria», o exito da festa do dia 15.¹⁹⁸

Assim, além da participação ativa nas sociedades cuja direção era encabeçada por homens, as mulheres assumiram o protagonismo na organização de suas próprias sociedades, algo que pode ser considerado pouco comum para o universo feminino do início do século XX. O próprio movimento feminista que então se organizava, principalmente entre mulheres brancas e das camadas médias, sofria com as barreiras representadas por valores sociais e discursos científicos que consideravam que a mulher ocupava uma posição inferior ao homem, determinada pela própria natureza e, portanto, imutável. Porém, mesmo neste contexto desfavorável, no qual mulheres negras sofriam com a intersecção dos discursos que as inferiorizavam pelo gênero e pela raça, elas foram capazes de se organizar para construir seus espaços de lazer. Tal organização não pode ser vista como inferior, ou mesmo um passo que precede a organização política, mas deve ser vista como parte fundamental dela, pois "não são apenas as reivindicações políticas que unificam os participantes de um movimento. A união [...] é uma “virtude em si mesma” e, para mantê-la, tanto se usa de atividades políticas quanto lúdicas [...]”.¹⁹⁹

A importância do tempo para construir espaços de lazer também não deve ser subestimada: é preciso considerar que estas organizações, em especial a Brinco de Princeza, vicejavam em um contexto no qual as trabalhadoras domésticas eram, muitas vezes, forçadas a residirem na casa da família para a qual trabalhavam, estavam sujeitas a longos expedientes sem descanso, poderem negociar a ausência de seus empregos sem correr o risco de perdê-los²⁰⁰. Isto, antes de mais nada, indica que essas mulheres souberam encontrar brechas e negociar, dentro de um sistema que ainda lhes desumanizavam e, a despeito dessas condições,

¹⁹⁷ VIDA Social: G. das Margaridas. *O Clarim d'Alvorada*, ano 2, n. 14, 30 ago 1925.

¹⁹⁸ VIDA Associativa: S. Beneficente Feminina Arte Culinaria. *O Progresso*, ano 1, n. 5, 12 out 1928.

¹⁹⁹ DOMINGUES, Petrônio. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. *Cadernos Pagu*, n.28, janeiro-junho de 2007, p. 360.

²⁰⁰ SOUZA. *Escravas do Lar...*, p. 257. TELLES, *Libertas...*, pp. 149-153.

conquistaram e criaram espaços que lhes permitissem manter a humanidade pelo direito a se divertir.

Considerações Finais

A Imprensa Negra foi, indubitavelmente, um universo dominado por homens, suas concepções e interpretações de sua realidade. Entre os textos produzidos sob o olhar masculino, voltei minha atenção para aqueles de caráter não-literário, como os editoriais exortativos e colunas de fofoca. Tais textos, ao prescreverem condutas e criticarem comportamento podem soar machistas ou frívolos a um leitor contemporâneo que se debruce sobre tais jornais, entretanto, revelam uma postura de cautela ante as complexas negociações que travavam em uma sociedade pós-escravista que encontrara na racialização uma maneira de manter e renovar hierarquias. As críticas de comportamento também demonstram que a Imprensa Negra, neste momento, não constitui um bloco homogêneo, mas contém diferenciações importantes nas maneiras como tratam os problemas comuns ao meio negro — e às próprias mulheres negras.

É em meio às questões comuns ao meio negro que a Imprensa Negra exerce com mais nitidez seu papel educativo. A primeira maneira como este papel é desempenhado se dá no próprio formato dos jornais, ante a demonstração de seus realizadores do domínio do código letrado, demonstrando que não eram apenas alfabetizados;²⁰¹ às características deste formato se junta o compromisso de alguns jornais em defender o combate ao analfabetismo. Mas não é aqui que se esgota o papel educativo das folhas, embora muitas delas servissem inegavelmente de espaço formativo nas questões da escrita. Seu papel educativo, entretanto, se destaca na educação comportamental, ao prescrever condutas e criticar práticas, hábitos e costumes.

Na educação comportamental se encontra também a principal forma de atuação política dos periódicos naquele momento: educar o comportamento dos leitores para que se adequassem aos padrões desejáveis perante a sociedade era a maneira de os jornais defenderem e lutarem pela melhoria da condição social do negro, conquistando a simpatia e amizade dos brancos com os quais possuíam complexas redes de dependência e com os quais estavam constantemente travando negociações²⁰², nas quais apresentar os comportamentos considerados socialmente adequados e desejados era fator importante — e, parte fundamental dessa iniciativa passava pela educação das condutas das mulheres. Alvos das colunas de fofocas, que criticavam o comportamento público no meio negro, de editoriais prescritores de condutas e mesmo assunto preferido dos textos literários românticos publicados nas páginas

²⁰¹ ALBERTO, *Termos...*, p. 48.

²⁰² *Idem.*

dos jornais, elas se fazem presentes no universo da Imprensa Negra, mesmo que predominantemente sob o olhar masculino.

Como tentei demonstrar, "predominantemente" masculino não equivale a "exclusivamente" masculino e, que de *assunto*, as mulheres também se faziam *autoras* de textos publicados pelos jornais e *organizadoras* de sociedades recreativas — espaços privilegiados de circulação dos jornais. As contribuições femininas como escritoras para os jornais encontraram espaço privilegiado nos textos de caráter literário e de opinião, e não jornalísticos. Mesmo que em menor número ante a quantidade de contribuições de escritores homens que *falavam sobre* mulheres, os textos femininos podem ser encontrados nos jornais desde a década de 1910. Esses textos são dotados de uma preocupação material e uma percepção da realidade bastante diferente do que as produções literárias femininas adquiriram anos mais tarde, em meados da década de 1920, quando se voltam para o sentimentalismo e o amor romântico.

Já as sociedades recreativas organizadas por mulheres aparecem nas colunas voltadas para a vida social, enquadradas sob diferentes perspectivas, de acordo com as simpatias dos redatores dos jornais — as quais não eram alocadas de maneira uniforme, informação perceptível nas colunas. Por outro lado, a despeito das lentes dos homens pelas quais podemos vê-las, essas mulheres se engajaram de forma ativa na organização da vida social e, talvez, um mergulho aprofundado na documentação produzida por estas associações possa revelar ainda mais do protagonismo das mulheres negras no início do século XX.

Diante tantas informações encontradas no desenvolvimento desse trabalho que ensejavam mais e mais questionamentos — cujas respostas foram cerceadas pelo limite do tempo institucional e pelas condições de realização desta pesquisa durante a pandemia —, só posso concluir que este trabalho apenas arranha a superfície de um universo riquíssimo, mas que por muitos anos foi relegado à sombra das lideranças masculinas que se destacaram no meio negro do período.

Fontes

Periódicos

Hemeroteca Digital

O Xauter
O Menelik
O Alfinete (n. 3 a n. 8; n. 75 a n. 77)
O Bandeirante (n. 3)
A Liberdade (n. 5 a n. 14)
O Kosmos

Arquivo Público do Estado de São Paulo

O Propugnador
O Alfinete (n. 2 e n. 74)
O Bandeirante (n. 2 e n. 4)
A Liberdade (n. 1; n. 15 a n. 18)

Instituto de Estudos Brasileiros - IEB USP

A Rua
A Sentinella
Elite
O Clarim d'Alvorada

Estatutos

SÃO PAULO (SP). 1º Tabelião de Notas da Comarca da Capital. **Sociedade Civil 918: Grêmio de Damas Elite da Liberdade**. Registro em: 27 nov. 1922.

SÃO PAULO (SP). 1º Tabelião de Notas da Comarca da Capital. **Sociedade Civil 1154: Grupo Recreativo das Margaridas**. Registro em: 18 ago. 1925.

Referências Bibliográficas

ALBERTO, Paulina. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. “A vala comum da ‘raça emancipada’”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. *História Social*, n. 19, 2010.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Londres: Verso, 2006.

ANDREWS, George Reid. Protesto político negro em São Paulo, 1888-1988. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 21, 1991.

ANTUNES, Ricardo. A Classe-que-vive-do-trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje. In: *Os sentidos do trabalho*. Boitempo, São Paulo, 2009 [1999].

AQUINO, Ingrid Andresa Neles de. *Mulheres Negras que Não Podem Passar em Branco: trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de "o clarim da alvorada"*. (1924-1940). 2020. 158p. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

BALSALOBRE, Sabrina. *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Presença/ausência da população de cor na escola paulistana, na virada do século XIX para o XX: tensões e significados. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: História, acontecimento e narrativa, 23, João Pessoa, 2003. Anais... João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003.

_____. Negrinhos que por ahi andão: a escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920). 2005. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. (Org.). *O Estado da Arte da Pesquisa em História da Educação da População Negra no Brasil*. Vitória: SBHE/Virtual Livros, 2015. (Coleção Documentos da Educação Brasileira). Disponível em: <<http://bit.ly/edasurya>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. In: *Estudos Afro-Brasileiros*, Perspectiva, São Paulo, 1973.

BICUDO, Virgínia L. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010 [1945].

CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 22, 2014.

CASTRO, Cristián. A comunidade transnacional imaginada da imprensa negra de São Paulo e Chicago, 1900-1940. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, fev. 2017.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1977.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. "Leitoras": gênero, raça, imagem e discurso em O Menelik (São Paulo, 1915-1916). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 46, 2012.

_____. *Branças de almas negras?: beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)*. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

_____. Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, 2013.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Apresentação. In: ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. "A redenção de nossa raça": as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n. 62, 2011.

_____. Os clubes e bailes *blacks* de São Paulo no pós-abolição: notas de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*. Fortaleza: ANPUH, 2009.

_____. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. *Cadernos Pagu*, n.28, jan.-jun. 2007.

FAGUNDES, Anamaria; GOMES, Flávio. Por uma "Anthologia dos Negros Modernos": notas sobre cultura política e memória nas primeiras décadas republicanas. *Revista Universidade Rural. Série Ciências Humanas*. Seropédica, EDUR, v. 29, n. 2, jul.-dez., 2007.

FARIAS, Juliana Barreto. Sob o Governo das Mulheres: casamento e divórcio entre africanas e africanos minas no Rio de Janeiro do Século XIX. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio. *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. Negros Clarins: flashes da militância negra em um periódico paulista (1928-1930). *Diá-logos*. Rio de Janeiro, Edição Especial, 2004.

GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). *Da Nitidez e Invisibilidade: legados da pós-emancipação do Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2013.

_____. (orgs.). *Políticas da Raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

- HOOKS, bell. *Intelectuais Negras. Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995.
- LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva]. *...E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and speeches*. Berkley: Crossing Press, 2007 [1984].
- LUCINDO, Willian Robson Soares. Os desafios do Pós-Abolição: a luta pela emancipação. *Tempos Acadêmicos*, Criciúma, n. 8, 2010.
- _____. A vontade também consola: a formação da esfera pública letrada de Afrodescendentes e o debate sobre a educação. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Org.). *A História da Educação dos Negros no Brasil*. Niterói: Eduff, 2016.
- MALATIAN, Teresa. Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, UNESP, v. 14, n. 1, jan.-jun. 2018.
- MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil séc. XIX*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.
- MELLO, Marina Pereira de Almeida. O Lugar da Mulher na Imprensa Negra Paulistana (1915-1924). *Cultura Histórica & Patrimônio*, Alfenas, v. 1, n. 12, 2013.
- _____. Comportamentos dissonantes: gênero, raça e classe nos discursos da imprensa alternativa paulistana (1915-1924). *Cescontexto*, Coimbra, v. 2, n. 14, abr. 2016.
- MONSMA, Karl. *A reprodução do racismo: Fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914*. São Carlos: Edufscar, 2016.
- _____. Linchamentos raciais no pós-abolição: alguns casos excepcionais do Oeste paulista. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). *Políticas da Raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014.
- MOURA, Clóvis. A imprensa negra em São Paulo. In _____. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 5, n. 14, 2014.
- NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2006.
- PEREIRA, Ana Cláudia. Associativismo negro na Primeira República: o grêmio dramático recreativo e literário elite da liberdade. In: V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2016, Aracaju. *Anais Eletrônicos*. Aracaju: ANPUH/SE, 2016.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - UnB, Brasília, 2006.

_____. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora UNICAMP, 2018.

PINTO, Rebeca Natacha de Oliveira. *Aracy Cortes em Revistas: educação, gênero e práticas educativas difusas no Rio de Janeiro da Primeira República*. 2018. 1 v. Tese (Doutorado em Educação) - UFF, Niterói, 2018.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROSA, Júlio César da. Espaços de Sociabilidade: as abordagens acerca das sociedades de afrodescendentes. *Tempos Acadêmicos*, Criciúma, n. 8, 2010.

SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Anablume/Fapesp, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez.1995.

_____. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 216, jan.-abr. 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*. São Paulo: Claro Enigma, 2013.

SIQUEIRA, Uassyr. Clubes recreativos: identidades e conflitos entre os trabalhadores paulistanos (1900-1920). *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 3, n. 5, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Flavia Fernandes. *Escravas do Lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na Corte Imperial*, In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio. *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012.

TELLES, Lorena F. S. *Libertas entre sobrados: contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

TIEDE, Livia Maria. Os homens de cor invisíveis da imprensa negra paulistana: como a biografia de um intelectual negro nascido no século dezenove auxilia a repensar a historiografia do pós-abolição paulistano. *Intellèctus*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2018.

THOMPSON, E. P.. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

THOMPSON, E. P.. “Educação e experiência.” In: _____. *Os românticos: A Inglaterra na era revolucionária*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio. *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012.